

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA TRANSIÇÃO DA CRIANÇA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DANIELA APARECIDA PERLOTTI
FERNANDA DE FÁTIMA CARINA

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2017

FACULDADE CALAFIORI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA TRANSIÇÃO DA CRIANÇA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado a Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso - MG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Escolar

Orientadora: Profª Mª Adriana Regina Silva Leite

Linha de Pesquisa: Situações e Práticas Pedagógicas

Alunas: Daniela Aparecida Perlotti
Fernanda de Fátima Carina

SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO

2017

DANIELA APARECIDA PERLOTTI

FERNANDA DE FÁTIMA CARINA

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NA TRANSIÇÃO DA CRIANÇA DA
EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Curso de Pedagogia da Faculdade Calafiori de São Sebastião do Paraíso-MG.

Comissão Julgadora:

Orientadora – Prof.^a M^a Adriana Regina Silva Leite

2^a examinadora – Prof.^a Esp. Marinilda Aparecida Silva

3^a examinadora – Prof.^o Esp. Luciano Corrêa PugasDomiciano

Avaliação: () _____

São Sebastião do Paraíso, ____ de _____ de 2017.

EU, Daniela, dedico a minha mãe Célia (*in memoriam*), que amo tanto, e que infelizmente não pode estar neste momento aqui comigo para partilhar desta alegria, mas sei que do céu olha e torce por mim;

Ao meu pai Antônio, a quem sou eternamente grata: cuidou de mim, apoiou-me, ensinou-me a ser uma pessoa batalhadora e a ter fé sempre em Deus;

Ao meu irmão David que me aconselhou e ajudou em todos os momentos e sem ele eu não teria tanta garra, é o meu grande ídolo;

Ao meu sobrinho Luis Gustavo, que me proporciona todos os dias muito carinho e o sorriso mais lindo do mundo que enche a titia de orgulho a cada dia;

Ao meu namorado Marcos Vinicius, por toda paciência, carinho e amor, por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam impossíveis. Você foi a pessoa que compartilhou comigo os momentos de tristezas e alegrias.

EU, Fernanda, dedico à minha família, pela capacidade de acreditar e investir em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação me deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada. Aos meus irmãos, Jorge e Thiago, por sempre serem um exemplo para mim. Ao meu namorado Bruno, por todo o amor e paciência, que de forma especial e carinhosa me apoiou nos momentos de dificuldades;

A todos os meus sobrinhos, que embora não tenham conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que nos tem abençoado durante a nossa vida, guiando-nos sempre que estivemos indecisas sobre que caminhos seguir, sobre como agir e, acima de tudo, sobre como não temer o nosso futuro. Gratidão, Senhor, pela força em tudo que passamos!

A nossa orientadora, professora Adriana Regina Silva Leite, pela educação, apoio e dedicação. Sem você, não conseguiríamos, você foi primordial, muito obrigada!

Aos nossos amigos fiéis, Adriana, Bruna, Ivone, Larissa e Maiki que sempre estiveram ao nosso lado apoiando-nos em todas as decisões.

A todos os funcionários da Biblioteca pelo tempo a nós ofertado, nos momentos de nossas pesquisas.

Agradecemos também a todos os mestres pelos conhecimentos, experiências e convivência divididos conosco, durante esses anos. O nosso muitíssimo obrigada. E não poderíamos deixar de agradecer uma à outra por toda amizade, carinho e companheirismo durante toda essa caminhada.

“O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse?
Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada
como um meio e não um fim.”

(VASCONCELLOS, 1994)

CARINA, F.F; PERLOTTI, D.A. Continuidade e descontinuidade na transição da criança da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2017.

RESUMO

O objetivo geral do trabalho foi entender como ocorre o desenvolvimento sócio moral na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, e como a apreensão desses valores influenciam na relação professor/aluno. A pesquisa mostrou que a criança da Educação Infantil se situa em um período bem diferente do Ensino Fundamental. A diferença está em como o planejamento das aulas é executado. São desenvolvidos de formas lúdicas, são utilizados variados materiais concretos; tudo de acordo com a maturidade da criança. Em todos os níveis de ensino a relação construída entre professor e aluno é fundamental, porém na educação infantil, devido a fase de desenvolvimento em que se encontram, proporciona, além do bem estar, a possibilidade do desenvolvimento emocional e cognitivo, fundamental às exigências dos próximos anos escolares. As crianças trazem para o ambiente escolar suas experiências empíricas; prolongação de sua vivência de casa para a pré-escola e são envolvidas pela relação estabelecida pelo educador, que seria demais afetividade, acolhimento apropriado à sua maturidade e autonomia, portanto uma relação agradável e afetiva, porém pedagógica. Assim, ao finalizar a Educação Infantil e iniciar o Ensino Fundamental, essa mesma criança deverá ter adquirido conhecimentos sistemáticos e autonomia, a fim de melhor conviver e desempenhar as exigências do 1º ano do Ensino Fundamental. Um bom suporte junto ao professor propicia que o seu desenvolvimento sócio moral interfira positivamente no novo período e na nova relação com o futuro professor. Os recursos metodológicos a serem utilizados para a pesquisa foram por meio de um levantamento bibliográfico e de uma pesquisa de campo com 05 (cinco) professoras da Educação infantil e 07 (sete) professoras do Ensino Fundamental I.

Palavras-chave: Afetividade. Comportamento infantil. Educação Infantil. Ensino Fundamental. Professor/aluno.

CARINA, F.F; PERLOTTI, D.A. Continuity and discontinuity in the child's Early Childhood Education for the 1st year of Elementary School. Completion of course work. Degree in Pedagogy. Calafiori College, 2017.

ABSTRACT

The general objective of the study was to understand how the socio-moral development occurs in the passage from Early Childhood Education to Elementary Education, and how the apprehension of these values influences the teacher / student relationship. Research has shown that the child in Early Childhood Education is in a very different period of elementary school. The difference is in how lesson planning is performed. They are developed in playful ways, various concrete materials are used; all according to the child's maturity. At all levels of education the relationship built between teacher and student is fundamental, but in early childhood education, due to the development phase in which they are, provides, besides well being, the possibility of emotional and cognitive development fundamental to the demands of the next school years. Children bring their empirical experiences to the school environment; prolongation of their experience from home to preschool and are surrounded by the relationship established by the educator, who would be more affectionate, appropriate reception to their maturity and autonomy, therefore a pleasant and affective, but pedagogical relationship. Thus, at the end of Early Childhood Education and begin Primary Education, this same child should have acquired systematic knowledge and autonomy, in order to better coexist and fulfill the requirements of the 1st year of Elementary School. A good support with the teacher allows his or her moral development to positively interfere in the new period and in the new relationship with the future teacher. The methodological resources to be used for the research were through a bibliographical survey and a field research with 05 (five) teachers of Infant Education and 07 (seven) teachers of Elementary School I.

Keywords: Affectivity. Childish Behaviour. Child education. Elementary School. Teacher Student.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Os aspectos das crianças na Educação Infantil..... | 25 |
| Quadro 2 – Evolução simbólica – Piaget..... | 53 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Categorias da Educação Infantil..... | 24 |
| Figura 2 – Benefícios do brincar para a criança da Educação Infantil..... | 31 |
| Figura 3 – Categorias do Ensino Fundamental..... | 39 |
| Figura 4 – Crianças da Educação Infantil..... | 55 |
| Figura 5 – Crianças do Ensino Fundamental I – 1º ano..... | 60 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|-----|
| ANEXO A - Carta de envio de projeto de pesquisa para análise junto ao NIP - faculdade calafiori..... | 118 |
| ANEXO B - Termo de participação e de consentimento livre e esclarecido..... | 120 |
| ANEXO C -Parecer do NIP..... | 121 |

LISTA DE SIGLAS

CAJ -Centro de Apoio a Juventude

CEMIG- Companhia Energética de Minas Gerais

DCNEI -Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EMEI -Escola Municipal de Educação Infantil

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MG -Minas Gerais

NIP -Núcleo Interno de Pesquisa

TCC -Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE APENDICES

| | |
|--|-----|
| APÊNDICE A - Entrevista – Professora da Educação Infantil..... | 116 |
| APÊNDICE B - Entrevista – Professora do 1ºano do Ensino Fundamental..... | 117 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 1. EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL: organização pedagógica..... | 24 |
| 1.1 Educação Infantil: currículo e sua rotina..... | 24 |
| 1.2 Ensino Fundamental: rotina e seu desenvolvimento..... | 39 |
| 2. A CHEGADA DA CRIANÇA AO ENSINO FUNDAMENTAL I..... | 45 |
| 2.1 As Crianças na Educação Infantil..... | 45 |
| 2.2 As Crianças e a Chegada ao Ensino Fundamental I..... | 55 |
| 2.3 Artigos e Teses..... | 64 |
| 2.3.1 A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de Londrina..... | 64 |
| 2.3.2 O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório..... | 65 |
| 2.3.3 Família-escola: uma relação de expectativas e conflitos..... | 66 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 68 |
| 3.1 Método..... | 68 |
| 3.1.1 Método de abordagem..... | 68 |
| 3.1.2 Tipo de pesquisa..... | 68 |
| 3.1.3 Instrumento de coleta de dados..... | 69 |
| 3.1.4 Locus da pesquisa..... | 70 |
| 3.1.5 Universo da pesquisa..... | 71 |
| 3.1.6 Amostragem..... | 71 |
| 3.1.7 Procedimentos éticos..... | 72 |
| 3.1.8 Planejamento de análise dos dados da pesquisa..... | 72 |
| 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 73 |
| 4.1 Apresentação dos participantes..... | 73 |
| 4.1.1 Professoras Regentes da Educação Infantil..... | 73 |
| 4.1.2 Professoras Regentes do Ensino Fundamental I..... | 74 |
| 4.2 Categorias de análise – professoras da Educação Infantil..... | 75 |
| 4.3 Categorias de análise – professoras do 1º ano do Ensino Fundamental..... | 91 |

| | |
|---------------------------|-----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 108 |
| REFERÊNCIAS..... | 110 |
| APÊNDICES..... | 116 |
| ANEXOS..... | 118 |

INTRODUÇÃO

Eu, Fernanda de Fátima Carina, iniciei minha trajetória escolar aos seis anos de idade. Lembro-me que foi assim quando me mudei para a cidade de Alpinópolis MG. Meus pais ao decidirem alugar uma casa, procuraram uma que fosse de fácil acesso à escola que iria frequentar, por um sinal a casa que alugaram era ótima, sendo que no quarteirão dela, na esquina havia uma escola, a Escola Pré Escolar Bianchi. Eu fiquei super empolgada, pois queria muito ir, mas quando cheguei lá parece que a história mudou um pouco, chorei, fiquei insegura e não queria ficar sem a minha mãe. Lembro-me de que um dia fugi da sala e fui para o portãozinho de grade que tem lá e fiquei gritando minha mãe. Dona Maria José, com toda paciência, me acolhia e dizia que eu não precisava chorar porque ela estava ali comigo e iria cuidar de mim até minha mãe chegar. Passou algum tempo acostumei-me, adorava ir e gostava de meus amigos. Tudo passou tão rápido que estava fechando um ciclo e era minha formatura do Pré, não aguentava de alegria e convidei todos para minha formatura!

Comecei em outra escola que se chama Escola Estadual Dom João VI, no primeiro dia não tenho recordações muito boas, eu sempre fui muito acanhada e de pouca fala, mas não poderia me esquecer da mulher que contribuiu muito para isso Maria Aparecida. Lembro-me dela como se fosse hoje, cabelo loiros curtos, magra de saia longa, e chupava cravo, que só de olhar dava medo, e ela gritava muito não tinha muita paciência. Nessa escola eu cursei até a metade da segunda série, pois meu pai por ser funcionário da Cemig – Companhia Energética de Minas Gerais, havia sido transferido, então foi por isso que nos mudamos para São Sebastião do Paraíso MG, onde prossegui meus estudos na Escola Estadual Clóvis Salgado fazendo até a minha quarta série.

Quando ingressei no Ensino Fundamental II meus pais matricularam-me na Escola Estadual Paraisense, uma escola muito boa, que me desperta ótimas recordações. Em 2008, concluí esse ciclo com uma reprovação por alguns problemas, mas venci e encerrei com chave de ouro.

Em 2009, novamente mudei de escola, iniciei o Ensino Médio na Escola Estadual Benedito Ferreira Calafiori, onde fiquei por três anos. Concluindo, então, em 2011. Nessa época, ganhei, simultaneamente, meus sobrinhos João Pedro e Ana Victória, dois maravilhosos presentes, os quais ajudei meus pais a criá-los como filhos, como irmãos, tanto que são eles que me dão força de vontade para seguir em frente. Nessa mesma época, eu consegui o meu primeiro emprego na Faculdade Libertas como auxiliar na biblioteca, no

horário das 16:30 às 22:30 e com isso fui me apaixonando por tudo aquilo que me cercava. Ver todos aqueles jovens querendo alcançar os seus objetivos me fez ter vontade de seguir também.

Após terminar o Ensino Médio, eu dei um tempo de um ano, pois eu ainda não sabia o que eu queria fazer, foi então que eu arrumei meu segundo emprego no Ambulatório Municipal de São Sebastião do Paraíso. Assim, com tanta convivência comecei a me interessar por enfermagem, achando o trabalho desse profissional, incrível. Então, com toda a pressão de meus pais, meus irmãos e minha cabeça confusa, decidi fazer em 2012, o vestibular de Enfermagem. Passei, e dei início aos meus estudos. Comecei a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia e minha realidade então mudou, quando tive que arrumar uma papelada de um recém-nascido que havia acabado de falecer. Eu percebi que não conseguiria ser uma boa profissional; para ser um profissional de enfermagem, vai muito além de vestir um jaleco branco, tem que deixar suas emoções de lado e ajudar ali quem realmente está precisando. Cursei durante seis meses e desisti.

No final de 2013, minha amiga e então parceira do TCC me disse que havia feito o vestibular para Pedagogia na Faculdade Calafiori, e me incentivou a tentar, pois iria ter a segunda chamada. Eu então, sem pensar duas vezes, decidi arriscar e tentar. Assim, no ano de 2014 eu ingressei na Faculdade Calafiori e dei início aos meus estudos. Também pelo meu trabalho em uma escola, fui me apaixonando pela prática educativa e todos os conhecimentos voltados a ela, além do que os Mestres me passavam e passam no dia a dia. Chegar até aqui não foi fácil, porque da minha família não tive apoio, todos gostariam que eu fosse uma profissional que ganhasse dinheiro; e eu resolvi escutar meu coração, e aqui estou quase por finalizar mais um ciclo da minha vida e muito feliz por chegar aonde eu cheguei, e por ter vontade e garra em querer ser uma profissional de sucesso.

Passaram-se tão rápidos esses quatro anos e aqui estamos nós, próximas a concluir a etapa mais importante de nossas vidas. Lembro-me que desde o começo da faculdade, escolhemos uma a outra como parceira não somente no Trabalho de Conclusão de Curso, mas somos parceiras de anos, e é com todo o meu coração que eu digo obrigada Daniela, por ter me incentivado a fazer Pedagogia. Juntas estamos, pesquisando sobre o comportamento da criança na passagem da Educação Infantil, para o 1º ano do Ensino Fundamental, foi um tema que nos chamou muito a atenção, que por coincidência trabalhávamos na mesma escola particular e então foi aí que despertou o interesse em relatar como está o comportamento das crianças nos dias de hoje e como cada professor está lidando em sala de aula, em relação ao comportamento, com os responsáveis e até mesmo com os próprios alunos. Nós estamos no

dedicando, estudando muito para que possamos ser grandes profissionais e realizarmos o nosso trabalho em sala de aula de maneira significativa, assim como nos foi ensinado durante esse nosso caminho de quatro anos.

Eu, Daniela Aparecida Perlotti, comecei minha trajetória acadêmica com 03 (três) anos na EMEI Delfino Azevedo no município de São Paulo, capital. Essa escola ficava na rua de trás da minha casa, meu irmão mais velho e alguns primos meus também haviam estudado lá e lembro-me de ver meu irmão indo e eu ficava implorando para meus pais levarem-me a escola também, até que eles fizeram a minha matrícula quando atingi a idade certa. Lá fiz diversos amigos pegava o telefone deles e meus pais discavam para mim os números e conversava com eles quase todos os dias, lembro-me até hoje das apresentações e gincanas que fazíamos, do ambiente acolhedor e das professoras dedicadas que ali havia; uma atividade que me marcou muito lá e guardo até hoje na memória, foi quando nos foram apresentadas obras de arte da pintora Tarsila do Amaral, foi maravilhoso; durante um período minha mãe trabalhou lá como ajudante de cozinha. Nessa época de 1999 essa EMEI era considerada uma das melhores do estado de São Paulo, lá os anos eram classificadas por estágios, fiz os três estágios que ela oferecia, hoje são as salas de pré. Lá havia um projeto do governo que se chamava ‘Viva Leite’, as crianças recebiam latas de leite em pó todo o mês. Saí dessa escola já aprendendo a ler e a escrever.

No ano de 2002 dei início na primeira série do Ensino Fundamental I com seis para sete anos de idade, no colégio particular Maria Imaculada que era administrado por freiras, onde meu irmão também frequentava; para entrar nesse colégio era necessário fazer uma prova se passasse podia estudar lá, era como um vestibular para crianças, então eu passei e depois de um tempo eu e meu irmão tínhamos 50% da bolsa de estudos, esse período para mim acho que nunca vou esquecer, pois eu tinha uma professora que se chamava Ana Paula uma professora muito carinhosa e atenciosa, ensinava com uma alegria contagiante, sempre incentivando os alunos, nos ofertava diversos livros de literatura até nos presenteava com alguns que tenho guardado até hoje com um recadinho, tenho contato com ela até os dias atuais. Às vezes ela me colocava sentada com algumas crianças que ainda tinham dificuldades de leitura, pois segundo meus pais ela falava que eu era uma das mais avançadas da turma e que eu ajudava muito os meus colegas a aprenderem a ler. Quando fui para a terceira série mudamos para o interior de São Paulo, em Santa Bárbara D'Oeste onde eu e meu irmão fomos para escola pública, nessa época em 2004 minha mãe começou a passar por problemas de saúde e no mesmo ano veio a falecer em decorrência de um câncer no intestino. Foi um período sofrido em nossas vidas, meu pai acabou perdendo o emprego e ao final

daquele mesmo voltamos para São Paulo, e novamente estudamos no colégio Maria Imaculada, dessa vez com 100% da bolsa de estudos. Eu estava indo para a quinta série e meu irmão para o terceiro ano do ensino médio, no colégio os bolsistas que estavam entre a quinta e oitava série, no período após a aula, iam para outro setor do colégio que se chama CAJ – Centro de Apoio a Juventude, lá os alunos tinham uma lista de tarefas a serem feitas em prol de uma boa convivência, organizadas em listas que eram modificadas semanalmente: varrer as salas de reforço, limpar banheiros, monitorar a escovação e higienização das mãos, servir o almoço, servir o café da tarde, lavar e enxugar a louça e regar as plantas, éramos organizados em grupos para a realização das mesmas. Tínhamos gavetas para guardarmos os nossos pertences como os materiais escolares e o material do CAJ. Lá ficávamos até as 17:00 da tarde, tínhamos aulas de Português, Matemática, Inglês, Informática, Educação Física, que eram ministradas pelos próprios alunos do colégio que estavam no ensino médio e também aulas de canto. No ano seguinte, 2007, mudamo-nos para São Sebastião do Paraíso, fui matriculada na escola estadual Clóvis Salgado, onde terminei todo o meu ciclo do ensino regular. Foi então no terceiro ano do ensino médio que oportunidades começaram a aparecer em minha vida, meu primeiro emprego em um colégio particular comecei como estagiária na função de auxiliar de sala com um contrato até Dezembro de 2012. Foi a partir desse momento que meu interesse para trabalhar com crianças foi se aprimorando e meu desejo de fazer psicologia e ter contato com o público infantil, prestei vestibular e passei, mas a faculdade era muito cara, terminei os estudos e fiquei um ano em casa. Sempre fui muito dedicada, mas sabia que não tinha a experiência necessária para trabalhar em uma escola, foi quando percebi que nenhuma outra opção de serviço ou de curso seria tão prazeroso para mim quanto trabalhar lá. Em 2013 em uma conversa com meu pai tive o total apoio dele, fiz o vestibular da Faculdade Calafiori e fui aprovada, no ano de 2014 comecei meu curso de Pedagogia, foi a partir daí que vi que estava no caminho certo.

Agora, prestes a concluir esta etapa tão importante e significativa em minha vida, terei de apresentar meu Trabalho de Conclusão de Curso, o tão esperado TCC. Com a minha parceira de trabalho Fernanda, uma amiga de anos, a qual eu incentivei fazer o curso comigo, estamos aqui pesquisando sobre O Comportamento da criança na passagem da Educação Infantil, para o 1º ano do Ensino Fundamental, este é um tema que nos chama muito a atenção, pois queremos apresentar como está o comportamento das crianças nos últimos anos em sala de aula, como os professores enfrentam os desafios em classe e a sua relação com os responsáveis e os próprios alunos. Estamos estudando para que ao final do trabalho e como futuras pedagogas, tenhamos condições necessárias para atuar de maneira significativa em

sala de aula e administrarmos de maneira correta as implicações que cercam o comportamento dos alunos sendo eles positivos e/ou negativos.

A expectativa dos professores e dos alunos: O comportamento da criança nessa passagem.

A família é a importante base para a construção das crianças. Berço de sua formação pessoal e social. A família se constitui efetivamente como grupo organizador e preservador de valores e conceitos. Assim, a criança deve ter como espelho seus pais, ponto de referência para moldar sua personalidade, caráter e preparo para o mundo. Soares (2006, p. 65) comenta que

[...] a família é formadora de consciência porque o conjunto de papéis sociais que são apresentados aos indivíduos, através da socialização, tem por base uma trama complexa de relacionamentos familiares. Os discursos revelam que a família é um espaço privilegiado para a socialização, divisão de responsabilidade, prática de tolerância, vivência da reciprocidade e busca da sobrevivência; lugar inicial para o exercício da cidadania e base de conhecimento sobre responsabilidade social. A responsabilidade transcendendo o nível moral, para um nível mais amplo, é o nome ético da reciprocidade.

Através dos valores adquiridos no grupo familiar começa a transformação para o período da maturidade. Portanto, o comportamento, os valores e a afetividade infantil estão ligados primeiramente ao ambiente em que o indivíduo está inserido. O ponto de partida vem dos familiares, se a criança vem de um âmbito acolhedor e participativo, conseqüentemente, suas ações serão positivas. Porém se o âmbito for por parte dos pais de discussões e falta de compreensão, a realidade muda e seu comportamento sofrerá influências desse cenário negativo e agressivo. Portanto, desde cedo a afetividade familiar influencia no desenvolvimento cognitivo e na autoestima da criança.

Em relação à escola, principalmente ao que se refere às instituições infantis, como creches e pré-escola devem estar situadas em um ambiente agradável, pois as crianças pequenas saíram do aconchego do seu lar, da companhia, do colo da mãe e merecem encontrar algo que as motivem a voltar.

No Brasil, as crianças do período da Educação Infantil, passam a ter oportunidade de adquirir novos conhecimentos, ter hábitos e valores simples, por exemplo, como cuidar da higiene pessoal, o cuidado ao escovar os dentes, criar o prazer pela leitura, podendo ir à biblioteca, devendo ser motivadas, por meio de novas formas de leitura crítica, com o que se

vê na televisão, no cinema; adquirem-se noções de valores, virtudes e de respeito às regras, a sociabilidade junto aos colegas, de autonomia (MARTINS, 2012).

Portanto, a afetividade entre professor/aluno é fundamental para o processo de desenvolvimento da aprendizagem. Os alunos veem no professor um modelo a ser seguido. Seu modo de agir reflete no pensamento e nas atitudes do aluno em formação, que está a todo o momento prestando atenção nas ações do docente, por isso é necessária uma autoavaliação constante, pois os problemas da vida pessoal não podem refletir de maneira negativa na relação entre o professor e o aluno, a ação pedagógica está sendo avaliada até mesmo por ele. Caso o reflexo da relação professor e aluno seja negativa, as crianças se sentirão perdidas em meio a inversões de responsabilidades, pois não encontraram um referencial de cuidado, respeito, dignidade, afeto, e conseqüentemente não conseguirão se comportar de forma adequada na escola e até mesmo na sociedade em momento futuro (DIAS, 2007).

É necessário que os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I estejam preparados para essa nova geração de crianças que estão chegando às escolas, tanto nas questões afetivas e sociais quanto no domínio de suas capacidades de aprendizagem.

Sobre a relação professor/aluno, como o educador irá lidar diante de desafios, sem moldá-lo, mas a fim de se ter a criança com postura apropriada às exigências da escola e da sociedade contemporânea. Toda criança inserida em um meio social será induzida a ações afetivas positivas ou negativas.

O educador do 1º ano do Ensino Fundamental I pode organizar, por meio de sua iniciativa, um planejamento com métodos voltados para facilitar a transição da criança da primeira etapa da educação básica¹, sendo que a continuidade dos mesmos ao longo do tempo dependerá da escola e de políticas públicas voltadas para aprimorar a qualidade de vida dessa criança no meio escolar (MARTURANO, 2015).

Assim, faz-se jus ao tema da pesquisa pela crescente preocupação de professores em relação ao comportamento infantil e como suas implicações vêm sendo desafiadoras. Um dos maiores desafios que acaba se tornando uma preocupação é a relação do que se tinha com o que ensinar que agora é como ensinar (LEITE e TASSONI, 2001), meios que atinjam a expectativa do professor/aluno e a diversidade cultural que o educando traz de casa.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que,

¹ Lei 9394/96, estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional

[...] as relações afetivas se evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Desta forma se apresentará nessa pesquisa, como a criança se comporta na escola, reflexo da educação atual oferecida pelas famílias, suas vivências e como também nós pedagogos, a fim de estimular o desenvolvimento da aprendizagem de nossos alunos.

Para conduzir a nossa pesquisa, aborda-se a seguinte indagação: Há de se ter junção família/escola em prol de uma transição de qualidade do aluno da Educação Infantil para o primeiro ano (1º ano) do Ensino Fundamental I?

Mediante ao exposto, este trabalho apresenta como objetivo geral entender como o desenvolvimento sócio moral construído na Educação Infantil influencia no desempenho da criança no 1º ano do Ensino Fundamental, e como a apreensão desses valores influenciam na relação professor/aluno.

E, especificamente, objetiva:

- Verificar mudanças na prática escolar, decorrentes de transformações /comportamentais.
- Estudar as dificuldades de comportamento existentes no último ano da Educação Infantil (pré de 5 anos) e no início do 1º ano do Ensino Fundamental I.
- Pesquisar a influência dos pais na educação e nas relações das crianças com o professor em sala de aula.

Isto posto, a pesquisa se adequa à linha de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso são Situações e Práticas Pedagógicas. Por isso, organiza-se o trabalho em quatro capítulos: dois apresentarão fundamentações teóricas e os outros dois tratarão da análise dos dados, fruto da pesquisa de campo.

O primeiro capítulo versará sobre o currículo elaborado e a rotina da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

A criança quando pequena, ao chegar à escola, ainda está presa ao ambiente de sua casa, sentindo-se confusa em estar com outras crianças e com pessoas com as quais não possui intimidade. Assim, na faixa etária da Educação Infantil a criança ainda não possui autonomia, carece se socializar, desenvolver-se mais, precisa começar a aprender sobre muitas outras coisas, a preparar-se para o mundo.

A primeira infância possui uma importância muito grandiosa para a criança e principalmente para o seu futuro. Esse período é a “chave-mestra” para que a criança se

enriqueça de motivação para querer saber sempre mais e mais, sendo que é por meio do professor da Educação Infantil que ela receberá vários estímulos; diante de sua função instrutiva, formadora que o processo se dará.

A criança quando ingressa no Ensino Fundamental I, até pela idade, chega com os olhinhos cheios de surpresa ao se deparar com um novo ambiente, novos conhecimentos, com algo desconhecido e o papel do educador em meio a tudo isso é simplesmente conduzi-la a descobertas do mundo físico e social, enfim, é fazê-la sentir-se a cada dia mais motivada.

Ambos os períodos em questão possuem suas atribuições, sendo que na passagem de um para o outro; a criança traz em maior ou menor grau; as conquistas e o aprendizado que vão fundamentar as novas conquistas (MARTURANO, 2015).

No segundo capítulo será descrita a relação professor/aluno, família/escola como todo esse processo influencia no comportamento social e afetivo da criança e expectativas² nesses âmbitos quando a criança chega ao Ensino Fundamental I. Todo esse processo deverá ser conduzido com afetividade, enfatizando os valores já recebidos pela família para que ocorra desenvolvimento com qualidade.

As duas instituições família e escola devem construir habilidades para confrontar os desafios da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I e assim a criança pode se beneficiar diariamente em interação com os adultos pertencentes a elas. Tanto no ambiente familiar como na escola, os adultos podem contar histórias e casos às crianças, realizar comentários sobre o que ocorre no meio que as cercam; ter disponibilidade e paciência nos momentos de questionamentos, como em responder e explicar sobre perguntas embaraçosas ou mesmo duvidosas; utilizar termos conhecidos pelas crianças ou que estejam prestes a conhecer para expandir o seu desenvolvimento, dentre outras situações (MARTURANO, 2015).

No terceiro capítulo se especificarão os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo.

No quarto capítulo será apresentada à análise dos dados obtidos mediante a entrevista com os professores da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental I e sua análise conclusiva.

²Expectativa é o estado ou qualidade de esperar algo ou alguma coisa que seja **viável** ou **provável** que aconteça; um grande desejo ou ânsia por receber uma notícia ou presenciar um acontecimento que seja benéfico ou próspero (DICIONÁRIO ON LINE, 2015). Há também, a expectativa da família com a escola e também da escola com relação à família quanto à educação do filho/aluno.

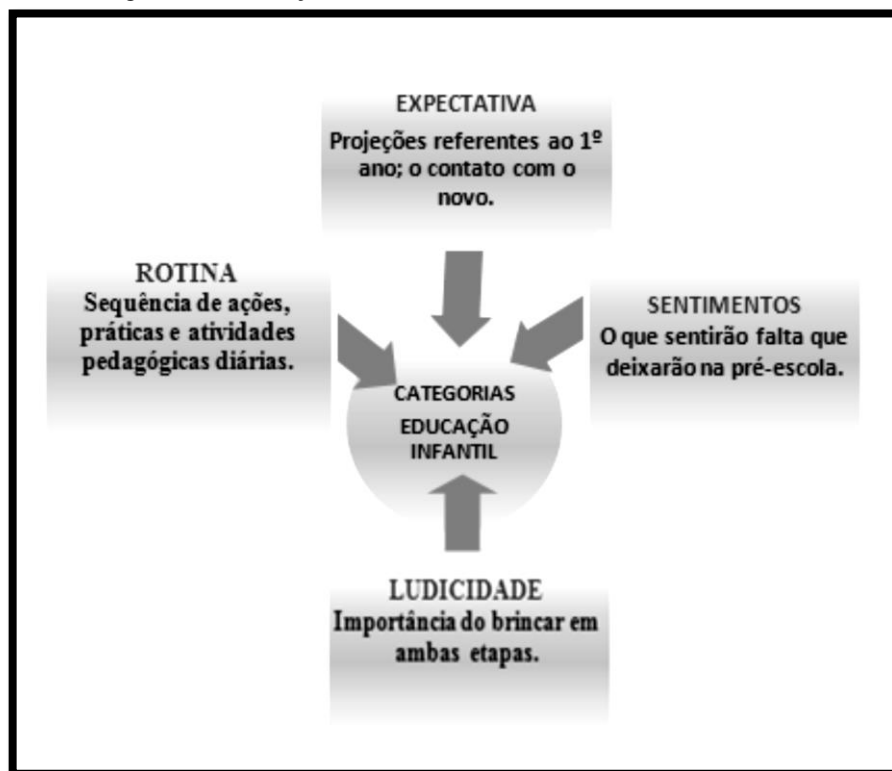
1 EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL: organização pedagógica

1.1 Educação Infantil: currículo e sua rotina

Antes de se adentrar realmente na questão que se procederá ao capítulo, é interessante que se verifique como é a criança da Educação Infantil, ou seja, seu desenvolvimento, como se comporta, suas experiências e vivências. Somente assim, poder-se-á estudar a passagem de um período pré-escolar para o escolar. Até porque o período da Educação Infantil não deveria ser uma fragmentação do Ensino Fundamental, mas uma interlocução entre os educadores.

Abaixo um esboço de como são as categorias da Educação Infantil:

Figura 1 – Categorias da Educação Infantil



Fonte: Checconi, 2016, p. 90

As crianças estão sempre presentes em um ambiente que se destaca por seus fenômenos naturais e sociais, assim sempre estão com sede de saber e por isso investigam qualquer fato ocorrido. Portanto, desde bem pequeninas, as crianças aprendem a respeito do mundo, buscam e questionam sobre tudo que as envolvam, tendo como base o meio natural e social, nos quais vivem. Como aponta Cunha (2001, p. 22),

[...] como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, ideias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca.

Tudo o que Cunha (2001) aponta, é o que se pode chamar de expectativa para a criança quando ela chega à Educação Infantil, ou seja, o contato com o novo, com as descobertas, que é o que ela gosta nesse período.

Essa criança da Educação Infantil apresenta os seguintes aspectos, segundo Serrano (2002, p. 32):

Quadro 1 – Os aspectos das crianças na Educação Infantil

| OS ASPECTOS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL |
|--|
| - As crianças, meninos e meninas, apesar de terem personalidade diferentes, queixam-se se não tiverem bastante atividades ao ar livre. |
| - algumas precisam da apreciação, como por exemplo, a professora nas atividades para levantar sua autoestima, a incentivação e elogios são essenciais. |
| - ao chegarem à escola já são capazes de cuidar de seus materiais escolares e pessoais com o auxílio da professora, e aquelas que não conseguirem deve ser trabalhadas de forma diferente, e assim, se tornar mais independente e responsável pelo o que é seu. |
| - mudam facilmente de atividades dirigidas e estas têm de durar no máximo vinte minutos. Essas atividades podem ser cognitivas mais de maneira lúdica e concreta feitas em papel ou caderno e lápis de cera no início, depois de algumas atividades mudará para o lápis de cor. O período de iniciação da atividade dirigida pode seguir a partir de uma história, o que é sempre um momento alto para a criança desta idade, sobretudo se a história for dramatizada. |
| - exigem certa atenção imediata e, por isso, a professora circula pela sala, pronta para orientar, ouvir ou acudir em uma emergência de maneira tranquila que transmite confiança e segurança para o aluno. O material e toda atividade devem ser bem explicados, para que será utilizado, de que maneira e os cuidados a serem tomados. |
| - São muito egocêntricas, o trabalho de cooperação e socialização é durante toda a aula, tanto nas atividades fora de sala como nas atividades dentro de sala, a professora deve falar muito sobre os bons modos, desde os hábitos até os conceitos básicos. Exemplo: postura, levantar na hora certa, não falar todos juntos, pedir licença, obrigado, por favor, lavar as mãos quando ir ao banheiro, não empurrar, andar devagar, respeitar os colegas, ser amigo, etc. |

Fonte: Serrano (2002, p. 32)

Cada criança possui um modo de agir diante da Educação Infantil, mas independente disso elas necessitam de uma rotina, de uma sequência de ações práticas e atividades diárias para que se desenvolvam e aprendam com muita motivação para que tenham expectativa quanto a descobrir mais e mais conhecimentos diferentes. Desta forma, diante de todas as características detalhadas no Quadro 1, as quais, a criança da Educação Infantil apresenta, é interessante destacar que esse período é essencial para ela, pelo fato de que nele, ela

experimenta o prazer pelo aprender e deverá gostar, ou não. Assim, a Educação Infantil tem uma função importante, a de revelar a essa criança a vida, e mostrar de modo que se torne interessante, como se fosse um chamado, “perceba o quanto a vida é interessante” (OLIVEIRA, 2009, p. 43). E tudo isso, como dito, por meio de uma rotina, a qual apresenta uma sequência de ações práticas e atividades diárias, que foquem numa organização pedagógica e métodos lógicos.

Segundo Barbosa (2008, p.36), “rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela Educação Infantil estruturam para, a partir dela desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil”. É na rotina que o professor de Educação Infantil realiza as ações, práticas e atividades que deverão ser trabalhadas com a criança nesse período. Entretanto, a criança não é somente educada em uma instituição de Educação Infantil, mas também cuidada, sendo que tal resolução foi instituída de acordo com as diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/2009. Como explicam Salles e Faria (2012, p. 67),

[...] o termo cuidar traz a ideia de preservação da vida, de atenção, de acolhimento, envolvendo uma relação afetiva e de proteção. Cumpre o papel de propiciar ao outro bem-estar, segurança, saúde e higiene. Já o termo educar tem a conotação de orientar, ensinar, possibilitar que o outro se aproprie de conhecimentos e valores que favoreçam seu crescimento pessoal, a integração e a transformação do seu meio físico e social.

Atualmente, na Educação Infantil, o cuidar e o educar são inseparáveis. Tanto que quanto menor for a criança, maior é a ênfase na junção desses dois aspectos. Tal junção se apoia no reconhecimento de que para a criança se tornar cada vez mais sujeito humano, aprendendo e desenvolvendo, é essencial que, no seu processo de formação ocorram esses aspectos.

Há a criação de hábitos de higiene, como todas as crianças lavarem as mãos antes das refeições, depois de irem ao banheiro, escovarem os dentes depois das refeições. Além disso, todos esses momentos têm os seus horários, assim como o banho, fazendo com que a criança tenha uma rotina diária como se fosse na sua casa. Segundo Oliveira et al., (2012, p. 313),

[...] a criança é um ser no aqui e agora e ao mesmo tempo um devir, ou seja, ela precisa de cuidados do adulto e de oportunidades para desenvolver-se e aprender a cuidar de si. Na infância aprende-se, entre outras coisas, a cuidar de si, do outro e do ambiente, o que torna a instituição de educação um ambiente privilegiado da promoção do desenvolvimento e dos chamados hábitos saudáveis sustentáveis.

Os cuidados realizados pelo professor integram ações educativas que visam à independência da criança. Assim, na organização intencional do trabalho de cuidar das crianças desse período e ao mesmo tempo de educá-las, o professor deve ter como ideia possibilitar que elas vivenciem inúmeras experiências, por meio das quais tragam e expandam seus conhecimentos e aprendam determinados saberes e valores da cultura, harmonizando a prática pedagógica às necessidades específicas e às expectativas de desenvolvimento e aprendizagens delas (SALLES e FARIA, 2012).

E para que essa rotina na Educação Infantil ocorra com real intenção educativa, há de se ter um currículo. Segundo o Parecer do CNE/CEB nº 20/2009, as condições que precisam ser garantidas para a organização curricular da Educação Infantil são:

- Assegurar a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;
- Combater o racismo e as discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas e torná-los objetos de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil;
- Conhecer as culturas plurais que constituem o espaço da creche e da pré-escola, a riqueza das contribuições familiares e da comunidade, suas crenças e manifestações, e fortalecer formas de atendimento articuladas aos saberes e às especificidades étnicas, linguísticas, culturais e religiosas de cada comunidade;
- Executar a proposta curricular com atenção cuidadosa e exigente às possíveis formas de violação da dignidade da criança, e
- Atender ao direito da criança na sua integralidade por meio do cumprimento do dever do Estado com a garantia de uma experiência educativa com qualidade a todas as crianças na Educação Infantil (BRASIL, 2009b, p. 13).

Mesmo, diante de todos os benefícios que a organização curricular traz às crianças da Educação Infantil, o currículo nesse período tem sido algo em debate, pelo fato de que na educação brasileira, quase sempre não se aceitava a ideia de haver um currículo para esse período. É que o termo currículo geralmente estava relacionado à escolarização, ou seja, ao Ensino Fundamental e Ensino Médio e para a Educação Infantil preferia-se utilizar termos como projeto pedagógico ou proposta pedagógica. Mas, com a agregação da Educação Infantil ao sistema educacional, o currículo nessa fase se consolidou.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), em seu artigo 3º, definem currículo da Educação Infantil como:

[...] Um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio

cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009b, p. 1).

Dessa forma, explicar o currículo em uma Proposta Pedagógica de uma instituição de Educação Infantil simboliza destacar as experiências a serem trabalhadas com as crianças de 0 a 5 anos de idade, exprimindo seus objetivos, bem como organizando todos os saberes, conhecimentos, práticas que proporcionam, valores, ao mesmo tempo, o cuidar e o educar.

O currículo da Educação Infantil, no Brasil, tem sido organizado dos mais diversos modos. Em algumas circunstâncias esse currículo mostra-se mais sintetizado, e, em outras, nem mesmo chega a ser desenvolvido, apesar de que sempre haja escolha do que será trabalhado com as crianças (SALLES e FARIA, 2012).

Cada um desses diferentes modos de estruturação do currículo representa as concepções da criança, de Educação Infantil e de desenvolvimento e aprendizagem, revelando-se ora mais, ora menos adequado com o ponto de vista instituído pela legislação em vigor.

Portanto, como revela Bee (1991, p. 28),

[...] o professor deve procurar conhecer melhor as suas crianças, suas características, seu estágio de evolução, suas condições e capacidades, sua vida familiar para ter sucesso de inter-relação com o aluno e obter objetivos propostos.

Assim sendo, é perceptível que o trabalho dos educadores no ambiente da Educação Infantil, exerça função primordial na construção do aprendizado, pois é o educador que determinará os elos e as ligações frente aos seus alunos, podendo colaborar de modo benéfico ou maléfico no transcorrer desse processo. E toda essa amostragem na Educação Infantil deverá ser realizada com amor, carinho e principalmente atenção, que é o que toda criança gosta e quer.

Portanto, o exame das crianças a seu cuidado habilita-o a reconhecer a natureza dinâmica do crescimento emocional formal, e conseqüentemente, a ampliar seu conhecimento e estar capacitada para aceitar a natureza dinâmica dos processos de crescimento e a complexidade do assunto através de leitura, troca de ideias com profissionais da educação, com psicólogas, cursos e palestras, e outros.

Diante da gama de funções e importância que a escola detém, uma que merece destaque neste trabalho particularmente é o fato de que o ambiente da mesma proporciona

algo diferente do que a criança possui em casa e ainda cria situações de socialização com outras pessoas que não mais somente os pais. O desenvolvimento das crianças é constituído pela sua vivência na Educação Infantil e fora dela, através de suas ações e interações. Para que o conhecimento seja construído, são necessárias algumas condições, segundo Cunha (2001, p. 23):

- Integração dos conteúdos, tornando a aprendizagem mais inovada e dinâmica através de variadas atividades: brincadeiras dirigidas e jogos;
- Retornar ao conteúdo em momentos diferentes, através de formas variadas, promovendo a ampliação progressiva dos conceitos;
- Estabelecer uma relação ativa da criança com o conteúdo a ser aprendido;
- Que a nova informação seja possível de ser compreendida pela criança, sendo necessária uma ligação entre aquilo que já sabe com aquilo que vai aprender;
- Os conteúdos têm de ser interligados com o concreto e serem organizados e integrados os tipos de conhecimento que ele já possui;
- Somente as situações que problematizam o conhecimento levam a aprendizagem.

Assim, a criança da Educação Infantil, pode começar a raciocinar mediante as experiências simples que ocorrem no seu cotidiano. A vida oferece oportunidades de observar, explorar, experimentar e descobrir o mundo. Para estimular o raciocínio científico, existem várias habilidades que o professor desse período pode desenvolver com a criança (ELKIND, 1992). Pode, por exemplo, levar as crianças ao zoológico, caminhar pelas ruas, enfim, propiciar experiências e vivências ricas em aprendizagens.

“A criança constrói o seu saber através da observação e informações diversas, lança hipóteses sobre os fatos e são essas hipóteses que deverão ser transformadas em conhecimento formal através da ação pedagógica” (CUNHA, 2001, p. 24).

E como está incutido no artigo 9º das DCNEI/2009, as práticas pedagógicas que estão no contexto da proposta curricular da Educação Infantil devem possuir como base a brincadeira. A presença da ludicidade, ou seja, de jogos, brinquedos e brincadeiras potencializa as habilidades cognitivas e a aprendizagem de conteúdos relevantes na escola. Esses recursos são essenciais desde as primeiras aprendizagens.

As propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Nesse processo, é preciso valorizar o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis (BRASIL, 2009a, p. 6).

Portanto, a ludicidade também é uma das estratégias que pode ser usada para facilitar e propiciar a retenção de conhecimento que serve de base e pode ajudar a criança na Educação Infantil em sua aprendizagem e desenvolvimento sendo que: “o ato de brincar, assim como outros comportamentos do ser humano sofre intensa influência da cultura na qual está inserida a criança” (KISHIMOTO, 2003, p. 32).

Por essa razão, a atuação diante do lúdico auxilia na composição de condutas, como solidariedade, obediência às regras, respeito mútuo, cooperação, responsabilidade, socialização perante um grupo de outras crianças, valorizando-o e a si mesma.

Eis que, atualmente o lúdico está nas mãos do educador e pode ser utilizado como um primordial estímulo educativo e não apenas ele por ele, pois possibilitará à criança que está na Educação Infantil multiplicar suas experiências, modificando o real com base em seus anseios e preferências, assim manifestando e produzindo sua realidade (BRANDÃO e ROSA, 2011).

A atividade lúdica pode ser vista como uma atuação de grande mobilidade e deverá ser elaborada de modo que ocorra não por meio de repetições de movimentos estéreis e sim por associação de movimentos significativos obtidos pela experiência vivida e que poderão ser utilizados em diferentes situações. Segundo Marcellino (2003, p. 101),

[...] ainda hoje, a atividade lúdica é considerada pela escola como propostas carregadas pelo adjetivo ‘educativo’, que perdem as possibilidades de realização do brinquedo, da alegria, da espontaneidade, da festa. Há uma sisudez de realismo, algo parecido com ‘passeios educativos’ que se faz por obrigação. A vivência do lúdico leva ao entendimento da gratuidade da alegria, da não-relação entre o prazer e o atual ordenamento institucional, que procura entorpecer o corpo, pela organização, disciplina e rotina, gerando a incapacidade dos sentidos.

Se a criança não vivenciar o lúdico tanto em seu lar como na escola, ela não terá em seu ‘mundinho particular’ as suas fantasias, os seus encantamentos, a sua expectativa de sonhar, de acreditar na magia. Haverá no interior da criança apenas um vazio, algo em preto e branco, sem alegria, como se a criança pulasse uma etapa de sua vida.

Resgatar as brincadeiras e brinquedos populares; utilizar o brinquedo educativo, admitindo que ensinar não é transmitir, mas sim dar continuidade e condições para que a aprendizagem efetivamente aconteça; é o principal objetivo do uso do brinquedo na Educação Infantil.

Com essa breve explanação, vê-se a necessidade de garantir espaços e objetos personalizados que possibilitem o desenvolvimento da criança da Educação Infantil pelo brincar.

Na Figura 2 mostra-se uma síntese de como a ludicidade é importante para a criança. O professor só precisa adaptar o jogo, a brincadeira de acordo com as possibilidades de cada criança, tendo sempre como meta estabelecer percursos e meios distintos de aprendizagem. Essa aprendizagem não só estabelece na criança avançar cognitivamente, mas que a mesma se desenvolva como pessoa e se sinta confortável na Educação Infantil.

Figura 2 – Benefícios do brincar para a criança da Educação Infantil



Fonte: Oliveira, 2009, p. 45.

“Considerando que, o desenvolvimento da criança se dá também pelo ato de brincar, que pode acontecer em várias situações” (ANJOS et al., 2009, p. 28), a própria descoberta do espaço e do corpo são brincadeiras que estão no dia a dia da criança. É importante que o educador esteja atento às brincadeiras, pois é através destas que, muitas vezes, a criança expressa os seus desejos e conta sua história, sua forma de se compreender no mundo social.

As crianças nessa fase sentem-se seduzidas completamente pelo faz-de-conta, mas um “faz-de-conta” em que o jogo é mais complexo, se caracterizando pela elaboração de cenas que vão ficando cada vez mais ricas e detalhadas. “Nessa fase, a criança dedica longos momentos ao jogo solitário, criando monólogos e assumindo diferentes papéis” (CRAIDY e KAERCHER, 2006, p. 32). Assim, “as crianças no faz-de-conta organizam casinhas para as bonecas, castelos e cidades; falam como se fossem os bonecos que estão manipulando, alternando-se nos papéis; criam personagens imaginários e conversam com eles” (CRAIDY e KAERCHER, 2006, p. 32).

Dessa forma, o faz-de-conta evolui gradativamente, e conseqüentemente vai adotando diversos papéis, sujeitando-se ao âmbito em que se sucede.

É importante que o educador esteja atento ao que surge durante os movimentos de faz-de-conta para poder interferir a fim de garantir a participação de todas as crianças e determinar caminhos que facilitem a integração do grupo.

O jogo ao ser introduzido no contexto da Educação Infantil deve merecer toda atenção do educador que também deve ter metas bem claras em relação a ele. Por meio do jogo, o educador busca conhecer profundamente o comportamento do grupo no seu todo e dos alunos individualmente. Observa e constata o período de desenvolvimento das crianças e ainda, verifica os valores, interesses, ideias e necessidades, ou os seus conflitos. Se o educador busca estimular o desenvolvimento de certas áreas de interesse ou motivar as crianças a terem aprendizagens específicas, o jogo pode ser empregado como um desafio cognitivo (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Apoiar e garantir o direito de brincar é conduzir ao bem-estar da criança, é enriquecer sua autonomia, é transformá-la em uma cidadã. Dessa forma, hoje um dos maiores desafios dos profissionais da Educação Infantil, aponta-se que é trabalhar com as crianças a fim de que tudo o que perpetue, seja o direito de brincar constantemente reforçado no dia a dia das mesmas (ALMEIDA, 1999).

Na instituição da Educação Infantil há um ambiente adequado para que o direito de brincar da criança seja garantido, entretanto, os educadores devem elaborar a sua proposta pedagógica para que se considere a particularidade das ações da infância e o simples direito que a criança tem de ser ela mesma em nossa sociedade (ALMEIDA, 1999).

Todas as brincadeiras simbolizam o verdadeiro direito de brincar da criança que necessita ser feliz, ser livre. Contudo, brincar não significa somente isso, significa possibilitar à criança compreender o mundo e apreender sobre os conflitos da vida.

Também em meio ao lúdico é interessante que haja canções repletas de rimas, as cantigas de roda para dar ritmo aos movimentos das crianças; os trava-línguas para que as mesmas sejam levadas a rirem; as adivinhações com formulações enigmáticas as quais provocam curiosidades. Essas, entre muitas formas de brincar com as palavras devem estar presentes em um currículo da Educação Infantil, pois fazem parte do mundo infantil (BRANDÃO e ROSA, 2011).

Brincando com as palavras, as crianças da Educação Infantil podem desenvolver a consciência fonológica³, que envolve capacidades variadas de refletir conscientemente sobre unidades sonoras.

Além da ludicidade, outra prática pedagógica da Educação Infantil e que está incutida no artigo 9º das DCNEI/2009, é a literatura para a criança desse período, sendo exposta e trabalhada por meio da roda de conversa, na qual, por exemplo, o professor conta histórias.

Pode-se dizer que a criança da Educação Infantil através da literatura desenvolve as demais capacidades psicossociais necessárias para sua vida adulta. A maneira que tal ato é trabalhado durante o Ensino Infantil é de fundamental importância, pois através desta iniciará o sentimento de prazer e a conscientização do ato da leitura.

Para que esse processo aconteça de forma coerente e que a criança aprenda conforme o seu amadurecimento, é essencial que o professor proporcione variado material de leitura e escrita, abrindo tempo e espaço para escolher ou ler os livros do seu interesse.

Levar a criança a se interessar por livros, guiá-la na escolha de obras que satisfaçam suas necessidades e interesses especiais, ajudá-la a perceber valores, estabelecer comparações e a concluir por si mesma é a grande tarefa do professor. Cabe a ele professor da Educação Infantil proporcionar ao aluno as muitas sensações que podem decorrer da leitura de um conto de fadas, de uma História em Quadrinhos, de uma poesia.

Entretanto, segundo Casasanta (2008, p. 48), “o professor consciente sabe que a capacidade de apresentar a literatura não pode ser adquirida incidental ou rapidamente. Tem que ser desenvolvida aos poucos”.

Portanto, a Educação Infantil precisa trabalhar a literatura com a meta de preparar futuros leitores e ao mesmo tempo estará explicando a língua. Debus (2006, p. 05) destaca que: “...sem a menor dúvida, em nível de pré-escola, podemos dizer que contar estórias é um riquíssimo recurso didático, oferecendo inúmeras possibilidades de aproveitamento que a professora deverá saber usar...”

Por isto, professores da Educação Infantil têm o dever, a obrigação de levar para dentro de sala de aula obras infantis, de acordo com a faixa etária de cada período, proporcionando aos alunos momentos de fantasia, criando o prazer pela leitura e de um imenso desenvolvimento.

³ O termo consciência fonológica refere-se ao conjunto de habilidades relacionadas à capacidade de a criança refletir e analisar a língua oral. Capacidades que serão desenvolvidas ao longo do processo de aquisição do sistema de escrita (MACIEL et al., 2009, p. 59).

Em se tratando do trabalho com a literatura, Hüppes (2006, p. 21), abaixo traz algumas propostas que são adequadas às crianças da Educação Infantil durante a sua rotina em sala de aula:

- construção de fantoches com sucatas;
- confecção de maquetes com materiais diversos;
- realização de desenhos, colagens, pinturas, esculturas;
- desenvolvimento de atividades de expressão corporal, como mímica e jogos teatrais;
- criação de novos finais para mesma história de forma oral;
- criação de uma nova história com mesmos personagens de forma oral;
- confecção de ilustrações novas para um livro;
- criação de jogos educativos para trabalho de ortografia, gramática e vocabulário – memórias, dominós, bingos, quebra-cabeças – com palavras e desenhos da história;
- organização de um tribunal para defender personagens opostos (bruxas e princesa, por exemplo);
- construção de jogos de tabuleiro, com ações segundo a sequência dos dados e piões no mesmo.

As crianças devem perceber na leitura algo prazeroso e desafiador, uma conquista capaz de dar plena autonomia e independência.

Um bom momento, como já dito, para contar uma história divertida, ou cheia de mistério é no momento da roda de conversa. Mas, esse momento tem sido também utilizado, pelo professor da Educação Infantil, para outras finalidades, como fazer o levantamento dos alunos presentes e ausentes; informar sobre atividades previstas para o dia; observar o tempo dia a dia; escolher o ajudante do professor; apontar no calendário os aniversariantes ou situações especiais; orientar uma ou outra atividade que o professor ache interessante (OLIVEIRA et al., 2012). Todas essas ações são imprescindíveis para organizar a rotina e as atividades infantis, mas o professor deve guardar um tempo para bater papo com os seus alunos; sendo que é uma ação muito importante para que o educador conheça a cada dia os educandos e veja diariamente as mudanças ocorridas no aprendizado e no desenvolvimento dos mesmos. É algo muito especial, pois através desse bate papo que o currículo pode ser modificado, excluindo ou acrescentando atividades diárias. Além disso, uma roda de conversa é um momento dado para se comunicar vivenciada num coletivo, e, portanto, uma rica oportunidade para haver interação entre as crianças.

Oliveira et al. (2012, p.228-229) traz sugestões do que se pode desenvolver durante a roda de conversa:

- apresentar-se aos colegas e falar sobre o que tem ocorrido com ela;

- compartilhar notícias do jornal, informações que circulam em um dado meio social como o bairro, a escola, e discutir pontos de vista sobre o assunto, dando às crianças a oportunidade de pensar sobre o assunto, formular e expressar suas opiniões;
- dar destaque e trazer ao grupo todos os assuntos que atendem seus interesses e curiosidades, a fim de alimentar-se com mais informações e ampliar sua capacidade de argumentar;
- comentar, indicar, sugerir programas de lazer que possam ser hábito das crianças, como brincar na rua, passear no lago público, visitar parentes, ouvir rádio ou ver televisão com os pais;
- trocar ideias a respeito dos estudos que são, empreendidos em grupo, dos projetos sobre as histórias, a natureza, as artes, etc;
- instruir e trocar sugestões sobre os melhores procedimentos para realizar atividades diversas __ como produzir determinado efeito com o lápis de cor, pular corda mais rápido, carregar areia ou construir castelos, balançar nas árvores, etc.;
- discutir e organizar a vida em grupo, a agenda do dia, a divisão de tarefas etc.

A roda de conversa é uma atividade, na qual o professor ao alimentá-la com a interação entre ele e os alunos e os alunos/alunos há uma contribuição para que os educandos desenvolvam outras formas de pensar o mundo.

Em se tratando de explorar conhecimentos matemáticos, as crianças da Educação Infantil podem ser trabalhadas vivenciando em sua rotina escolar ações que as farão desenvolver conceitos matemáticos. Além das práticas cotidianas, contar as crianças ausentes e presentes, o número de pratos e copos para tomarem o lanche; comprar o lanche na cantina e conferir o troco, localizar os diferentes espaços da escola; explorar formas de embalagens e medir, jogos como caça ao tesouro que permitem a criança procurar objetos ou pessoas escondidas a partir de referências ou pistas de localização espacial; motivar as crianças a colecionar figurinhas, que permitam ordenar diferentes objetos de uma mesma categoria a partir de critérios construídos em grupo, como a cor, dentre outras atividades(OLIVEIRA et al., 2012).

A criança de 3 (três) aos 5 (cinco) anos pode descobrir a ocorrência dos números no mundo, reconhecer seus diferentes usos e funções sociais, como revelar uma idade, um código postal, um número de telefone, o tamanho de uma roupa, enfim reconhecer seus diferentes usos e funções sociais.

Na Educação Infantil também se deve trabalhar com as experiências voltadas ao eu, à sociedade e à natureza. Assim, a educadora da Educação Infantil deve apresentar vocação para conversar, ouvir, dialogar, mostrar e assim transmitindo todo o conhecimento adquirido, procurando averiguar com profundidade uma situação que constitua ameaça ao meio ambiente, a refletir em conjunto escola/comunidade sobre ele, a fim de contribuir para a

solução e conseqüentemente, trabalhar a prática junto com a criança, através de visitas à zoológicos, rios, jardins da própria escola e próximos a ela, cultivo de uma horta, observação de flores e de pássaros, ou seja, vivenciarem a natureza de muito perto.

Nesse contexto é que se deve conscientizar os pequenos, iniciando esta ação na Educação Infantil, a fim de que tenham noção de que o mundo em que vivem se degradando, e que, por consequência, poderão experimentar na própria pele os efeitos negativos de aludida degradação ambiental, a exemplo da escassez de água potável, o efeito estufa, tsunamis, a elevação da temperatura global, dentre outros (SALLES e FARIA, 2012).

Dessa maneira, a Educação Ambiental é a ferramenta mais poderosa para equilibrar as relações do homem com o meio ambiente, permitindo que ambos coexistam em harmonia e prosperidade.

Envolver as crianças da Educação Infantil com materiais naturais em sala de aula simboliza a primeira pegada de um caminho longo, rumo à conservação do meio ambiente, da conscientização de que todo ser necessita dele. Assim, é interessante que em meio às atividades lúdicas da criança, esta interaja com materiais naturais. “O trabalho da educação ambiental, nesse estágio do desenvolvimento, deverá ser levado adiante com base na realidade sociocultural, procurando sempre despertar a autonomia, criticidade e responsabilidade” (BERRY, 2008, p. 4).

A criança, ao cuidar de um jardim, de uma horta, ou até mesmo de um pequeno vasinho com planta, está reforçando os seus valores como responsabilidade, cuidados, autonomia e sentimento de natureza, de ser natural, de ter preocupação com o meio ambiente de um modo indireto, mas que lá na frente irá fortalecer seus sentimentos para que ela não degrade o mesmo. Entretanto, essa mesma criança deve ter contato com um estudo contínuo que mostre a ela os processos cíclicos de crescimento, de decadência e de renascimento da vida. Sendo jardineiros, as crianças irão se deparar com a nutrição das coisas vivas, e conseqüentemente aprenderão sobre a necessidade das plantas no sentido de luz solar, água e nutrientes e verão o quanto são importantes para elas, pois por meio delas a plantinha irá criar mais vida. Outro projeto também bem inteligente de ser realizado com a criança da Educação Infantil, é levá-la sempre a um zoológico, explicando sobre o habitat de cada animalzinho, seus hábitos, enfim o seu modo de viver. Além disso, o professor também poderá pedir à criança que leve a foto de seu animal de estimação, ou de seu animal predileto. Tudo isso reforça na criança um vínculo maior com a natureza (BERRY, 2008).

Em meio a toda essa organização pedagógica que deverá conter na rotina da Educação Infantil é interessante que o ambiente desse período seja interativo, desafiador, revelador

quanto às produções das crianças, flexível, favorecedor do desenvolvimento da autonomia e da construção da identidade das mesmas (BRASIL, 2013).

A motivação é um fator que faz a criança querer aprender levando a ter sucesso na aquisição do conhecimento. As motivações que levam a criança aprender são de níveis de desenvolvimento humano biológico, psicológico e social, como aponta Drouet (2010, p.9),

[...] existem pelo menos sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, seja qual for a teoria de aprendizagem considerada. Os sete fatores são, a saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção, memória.

Portanto, à medida que a criança vai adquirindo mais competência na Educação Infantil, deve-se diminuir a ajuda e aumentar as exigências, para avançar, desde uma prática muito orientada, até a uma ajuda mais indireta para ela conseguir uma prática autônoma. “A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma sociedade e época” (BRASIL, 1998, p. 21). Cada criança tem o seu mundo interior e exterior, assim tem o seu tempo também, nenhuma criança é igual a outra em se tratando de aprendizagem. Segundo Demo (2000, p. 34),

[...] assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precária condição de vida e ao trabalho infantil, ao abaixo a exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano.

Como é apontado novamente em Brasil (1998, p.21),

[...] à criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz de uma organização com uma determinada cultura, em determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições.

As crianças que estão na Educação Infantil apresentam uma natureza única, que se destacam como seres que veem o mundo de um modo só seu. Com as pessoas que convivem, as crianças procuram observar e compreender o ambiente em que vivem, mesmo com as relações contraditórias que vivenciam, sendo que diante de brincadeiras, evidenciam as condições de vida a que são subjugadas e suas necessidades e anseios (BRASIL, 1998).

Cada criança tem o seu tempo e o seu ritmo, dependendo da motivação que tem, dependendo da vivência que possui, dependendo de uma série de fatores. Segundo Demo (2000, p. 35),

[...] no processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e resignação.

Perceber e conhecer o modo pessoal de cada criança ser e atuar no mundo é um imenso enfrentamento da Educação Infantil e de seus profissionais, como professores e equipe pedagógica. Demo (2000, p. 35) comenta novamente que,

[...] embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

Após a criança estar na Educação Infantil vivendo experiências diversificadas e se desenvolvendo de acordo com o seu ritmo, é hora dela se integrar no período escolar, o Ensino Fundamental I, no qual terá outros impactos, outras vivências e experiências, enfim outras novidades, etapas a serem vencidas e um novo recomeço.

Do ponto de vista de Neves et al., (2011, p. 123), “a Educação Infantil teria, como função preparar as crianças para um melhor desempenho no Ensino Fundamental”.

Dessa forma, como o período da Educação Infantil foi uma preparação para o Ensino Fundamental I, a criança deverá não se assustar com o que verá no que se refere ao ensino aprendizagem desse novo período. Contudo, como já dito, é uma nova etapa e novidades terão, portanto, a criança deverá logo de início ser muito bem amparada pelo educador.

O profissional deverá mostrar como a criança está crescendo e que sua passagem na Educação Infantil teve grande importância, mas que agora as rotinas mudarão, e que ela

começará um novo ciclo na vida, o qual terá tamanha importância, como teve quando chegou à Educação Infantil.

1.2 Ensino Fundamental: rotina e seu desenvolvimento

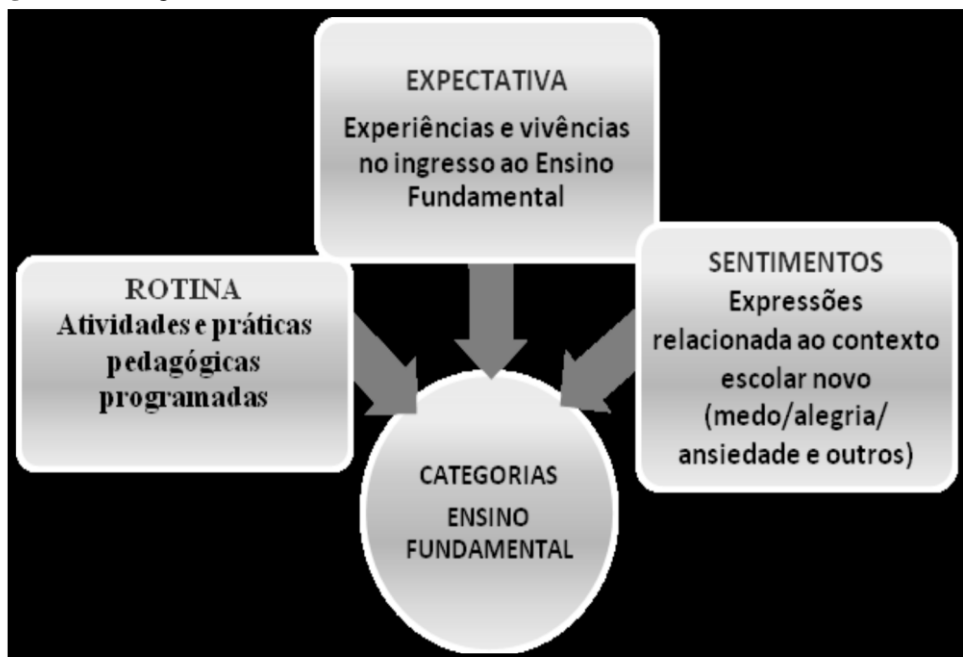
A passagem da criança da educação infantil para o ensino fundamental;

[...] se caracteriza pela força cultural do mundo letrado na sociedade. Em busca não somente da razão de ser, mas de muitas outras razões da própria existência humana, as crianças ingressam no universo escolar cheias de expectativas. Nesse contexto, elas interagem com o novo, com o inesperado, e experimentam as vivências mais variadas possíveis dentro do próprio grupo, com os adultos, os espaços e os objetos que constituem esses espaços”. (CAMPOS e DIAS, 2015, p. 1)

Assim, não há uma ligação entre os dois períodos no que se refere às categorias (FIGURA 1 e 3), sendo, portanto fragmentados e conseqüentemente levando a criança que iniciará no Ensino Fundamental I a sofrer muito com a mudança, se sua transição não for bem trabalhada em ambos os períodos.

Abaixo um esboço de como são as categorias do Ensino Fundamental:

Figura 3 – Categorias do Ensino Fundamental



Fonte: Checconi, 2016, p. 123.

Como se pode verificar, por meio das Figuras 1 (visto anteriormente) e 3; as categorias da Educação Infantil e Ensino Fundamental I são bem diferentes, por isso, a criança ao ingressar no Ensino Fundamental I verifica e sente como o seu dia a dia na sala de aula é diferente, e conseqüentemente sente medo, ansiedade, juntando ao sentimento de alegria por estar aprendendo assuntos novos, aprendendo a ler e escrever.

Essa diferença inicia pelo espaço físico e temporal das crianças nos períodos. Na Educação Infantil o mobiliário é menor que os convencionais, a organização da sala é estruturada por meio dos denominados cantinhos, a rotina da sala é mais flexível e não há obrigação em vencer determinado conteúdo ou mesmo realizar determinada atividade; logicamente há mais tempo para brincar no pátio; no Ensino Fundamental I as atividades devem ser realizadas obrigatoriamente, inicia-se o processo da alfabetização e uma série de responsabilidades surgem.

Ao chegar à escola, a criança, vai aprender a ler e escrever, sendo a fase da alfabetização o foco das expectativas de pais e professores. Os pais e a criança, geralmente, não duvidam do sucesso dessa nova aprendizagem. No entanto, a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção para aspectos da linguagem aos quais, até então, ela nunca havia precisado dar importância. Tamanha grandeza e complexidade do período da alfabetização, que é comum a criança ter dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Por tudo isso, a dinâmica do processo de alfabetização dos professores do 1º ano do Ensino Fundamental deve ser motivador, interessante e, principalmente possuir significado, a fim de permitir que o aluno escreva e leia, isto é, que seja uma construção resultante da interação da criança com a língua escrita.

E para que o processo da alfabetização seja bem trabalhado, a rotina, assim como na Educação infantil, no 1º ano do Ensino Fundamental é extremamente importante para que a criança se situe e dessa forma tenha um ambiente motivador, prazeroso, divertido, agradável e acima de tudo com segmento; para que ocorra a construção do conhecimento da mesma com qualidade.

A escola deve adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de racionar manuseando-os, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares. [...] é preciso garantir que a passagem da Pré-Escola para o Ensino Fundamental não leve a ignorar os conhecimentos que a criança já adquiriu. (BRASIL, 2013, p.121).

Como se pode verificar, seria correto que a professora do 1º ano do Ensino Fundamental não ignore o que o aluno traz consigo da Educação Infantil, até porque ele mudou de período, mas ele deve ter um seguimento, pois a primeira infância é a base para todo o seu aprendizado em sua chegada e para seu futuro.

As atividades relacionadas a Matemática voltam-se a um contexto do mundo real e há maiores desafios para os alunos em se tratando a quantificar e realizar comparações entre quantidades. Segundo Duhalde e Cuberes (apud Dutra 2005, p. 16),

Sabemos que a maioria das crianças nasce e convive em um mundo no qual o número é uma forma de expressão e comunicação com sentido: a troca, a venda, a resolução de problemas que têm haver com a reunião e a distribuição de objetos que formam parte da cultura adquirida na infância. Isso ocorre além de toda intencionalidade didática, de todo ensino previsto de maneira sistemática (p.30).

Quanto às responsabilidades que surgem com a chegada do aluno no 1º ano do Ensino Fundamental trata-se do seguimento de regras, princípios e normas apresentadas pela instituição escolar e também a nova rotina pedagógica, à qual ele deve se adaptar, como por exemplo, as atividades de Língua Portuguesa e Matemática já não são tão lúdicas, há mais tarefas, atividades diversificadas quanto ao restante das disciplinas, menos tempo para brincadeiras em sala de aula, o contato com a professora já não é tão pessoal (CHECCONI,2016).

Entretanto, para algumas crianças como esclarece Moyles (2010, p. 180), “as crianças criam expectativas em relação à escola a partir dos relacionamentos com amigos, irmãos mais velhos e outros membros da família, e talvez não percebem que precisarão se adaptar a uma maneira mais formal de trabalhar.” E tal situação é perigosa para a criança, pois pode lhe causar estresse e fazer com que ela se sinta desmotivada.

Assim, a criança ao chegar ao 1º ano do Ensino Fundamental necessita ser bem recebida e respeitada quanto às suas experiências adquiridas.

Em se tratando da disponibilização da sala de aula, essa já não é mais realizada em cantinhos, as carteiras são organizadas em filas, a mesa da professora fica à frente da sala, os cartazes são organizados de forma padrão, com alfabeto, calendário, vogais, os “nossos combinados” elaborados pela turma vira as regras da sala e até mesmo a tabuada. O início da visita do diretor na sala para passar recados e a mudança no diálogo entre aluno e professor que lhes é ensinado para levantar a mão quando quiser se comunicar, sendo um de cada vez e com a voz baixa (MOTTA, 2011).

Para que as crianças não se assustem com tamanha diferença, deve-se ter uma coesão entre as categorias destacadas nas Figuras 1 e 3; ou seja, unificação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Mas, o que mais impressiona as crianças ao realizar a transição em questão são as atividades e práticas pedagógicas, que deverão despertar nas mesmas: mais autonomia, habilidades e competências, atividades compartilhadas em grupo.

Assim, também é interessante que principalmente no início da transição, quando a criança está se adaptando é essencial que os pais verifiquem os cadernos do filho, mas não realizem as tarefas, apenas observar e auxiliá-lo quando necessário. Esse ponto é muito importante, a junção família e escola nesse momento em que a criança vive algo novo em sua vida.

A família, ao conduzir o filho à escola irá contribuir para a sua inserção social, facilitando a ele uma vida de maior autonomia.

Quando pais e professores proclamam línguas diferentes, o controle da disciplina torna-se bem mais complicado e a estruturação da personalidade perde-se entre o antagonismo de modelos em conflito. Para que os males dessa educação não comprometam a pessoa que existe em todo aluno, é essencial que exista alguma uniformidade e essa é apenas uma das muitas razões porque é importante que os pais venham à escola, conversem com os professores, percebam a dimensão de seu trabalho e respeitando-o, possa em casa educar melhor (ANTUNES, 2015).

Aos seis anos, as crianças ainda são acompanhadas por um adulto, que geralmente é o pai ou a mãe, e no percurso entre a casa e a escola, conversam sobre os professores, sobre os colegas, e sobre as atividades. Também é nessa época que o fluxo formal e informal de informações e solicitações entre a família e escola costuma ser maior do que quando a criança é menor, pois é nessa idade que se inicia uma nova etapa na escola (CORRÊA, 2011).

Ao confiarem os filhos à professora, os pais, tanto de classes baixas, médias e altas, possuem expectativas de que seus filhos serão estimulados no sentido de aprenderem, de serem observados, bem cuidados, respeitados e queridos. Os professores também esperam a colaboração dos pais e um maior envolvimento deles com as atividades dos filhos. As expectativas de pais e mães em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que estas crianças estejam motivadas para um bom desempenho escolar (CORRÊA, 2011).

Entretanto, o que muito tem ocorrido é que há pais que além das expectativas educacionais relacionadas aos filhos, como não têm muito tempo, transferem a sua

responsabilidade de educá-los à escola. Ocorrendo tal proposição, a transição em estudo fica ainda mais complicada, pois além do choque que a criança pode sentir diante da nova rotina, ainda não possui limites e nem regras, não conseguindo se relacionar de forma respeitosa com o educador, com os colegas ou mesmo com todos os profissionais envolvidos na escola. Como explica Rangel (2002),

[...] os pais estão transferindo para a escola a responsabilidade de educar os seus filhos. A escola ministra os conhecimentos necessários a uma perfeita formação profissional do aluno, mas o aluno já tem que chegar à escola com a formação moral iniciada sabendo que não tem o direito de agredir os colegas, de agredir a professora, enfim quem educa são os pais, não a escola.

O ponto de partida vem dos familiares, se a criança vem de um âmbito acolhedor e participativo conseqüentemente suas ações serão positivas, porém se o âmbito for de exclusão por parte dos pais, discussões e falta de compreensão a realidade muda e seu comportamento será refletido de forma tumultuada, agressiva e negativa. Ou seja, desde cedo afetividade cognitiva já está fazendo parte da criança.

Portanto, a presença dos pais no início da transição é fundamental não somente ao que se refere a oferecer apoio no sentido do processo ensino aprendizagem, dos estudos, mas também referente à educação.

Esta situação produz segurança ao educador, que posteriormente fará com que a criança também se sinta mais dócil e receptiva às regras e limites na sala de aula.

Assim, um bom diálogo entre a família e o educador para conhecer as vivências e experiências de seu aluno é muito importante para o desenvolvimento, aprendizagem, respeito entre educador e aluno; segurança da própria criança que chega tão ansiosa em busca de mais e mais conhecimentos e se depara com uma rotina bem diferente que tinha na Educação Infantil.

Com a ajuda da família, a escola consegue uma integração social da criança com base em uma relação de segurança e afetividade que vai sendo construída ao longo do processo.

Dessa forma, considerando a mediação da família na aprendizagem de crianças, é de fundamental relevância que o professor adapte o seu trabalho de acordo com as necessidades das mesmas.

A escola realmente precisa ter um arsenal de infraestrutura e de atividades pedagógicas bem avaliadas para que a educação cumpra aquilo que promete, alcance seus objetivos de forma prazerosa, principalmente em meio a uma transição tão importante para a criança, transição esta que ficará marcada para o resto de sua vida, como um acontecimento

bom ou não. Dessa forma, a transição do aluno da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental I deve ser bem elaborada e haver uma junção entre os educadores dos dois períodos, junto à família da criança, para que o momento seja de total enriquecimento quanto a tudo o que envolve o novo período.

E por fim, é interessante dizer que é necessário que os educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I estejam preparados para essa nova geração de crianças que está chegando às escolas, tanto nas questões afetivas e sociais quanto no domínio de suas capacidades de aprendizagem.

2 A CHEGADA DA CRIANÇA AO ENSINO FUNDAMENTAL I

Antes de tratar de como a criança chega ao Ensino Fundamental I é interessante mostrar como ela está e como se integra na Educação Infantil, tanto com sua família, seus valores, afetividade envolvendo família/criança e escola/criança, a relação professor-aluno e o desenvolvimento da aprendizagem. Após tais fatores serem expostos e comentados, partirá de como essa mesma criança se encontra logo no início do Ensino Fundamental I diante de todos os mesmos.

2.1 AS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A formação de um adulto autônomo, feliz e bem integrado está relacionado com o afeto, a relação bem estruturada entre mãe/filho concebida desde o nascimento; assim, a presença da mãe é algo insubstituível para a criança. Dessa forma, quando a família a matricula na Educação Infantil, não tem o intuito de substituir a figura materna ou a família.

Tonucci (2010, p. 64) revela que:

Há de se falar que a função da pré-escola não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. A escola deve ser considerada uma ampliação da família “para cima”, em vez de uma extensão “para baixo”. A pré-escola é uma fase de preparação da criança como um todo.

Mesmo que a criança esteja na Educação Infantil, o papel da família continua sendo muito importante. O interessante é que a família, por não ter muito tempo com o filho, se preocupe ainda mais com a criança nos momentos que estão juntos, no sentido de trazer qualidade para a relação.

Sendo assim, a mãe ao buscar a criança deve demonstrar felicidade por aquele momento de reencontro, pois a criança sente seu carinho e ternura, mesmo que tenha ficado longe. É prejudicial à autoestima da criança que fica na pré-escola, ser pega na saída, por um dos pais, apressadamente, sem nenhuma atenção, sem uma palavra, falando ao celular. Portanto, nesse momento a criança deve estar envolvida por muito amor e atenção por parte da mãe, que deve demonstrar a felicidade de vê-la. A mãe ou o pai deve se entregar à criança, o que consiste numa atitude simples, mas que para a criança é fundamental para que se sinta aconchegada e feliz (PIMENTEL, 2012).

Por querer suprir ou compensar o tempo que a criança passou na escola, a mãe tende, às vezes, a fazer tudo o que o filho deseja. É interessante explicar que,

[...] o que pode, pode sempre, o que é errado, será errado sempre, independente do sentimento dos pais por terem que deixar os filhos distantes. A mãe deve ser absolutamente firme, sempre que precisar. O autocontrole é aprendido e a criança o terá apenas por meio de atitudes firmes, delicadas, razoáveis e consistentes (PIMENTEL, 2012, p. 1).

Os importantes intérpretes do mundo para a criança são os pais, e sua lição é dada por meio de exemplos, não somente de palavras. Suas ações estão constantemente servindo de exemplo a seus filhos, o que não impede que eles aproveitem oportunidades para dar lições acidentais, ou seja, ensinar tarefas específicas.

A criança necessita de limites e de regras, esbraveja no momento do “não”, mas depois acaba concordando e vendo que a mãe ou o pai estavam certos, e conseqüentemente se sentirá segura. Assim, a criança vai aprendendo os valores. Como relata Schmah (2010, p.9),

[...] em definitivo, as crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. A autêntica educação nos valores transmite-se, passa dos pais para os seus filhos desde o dia do nascimento até ao final da vida. Não obstante, tem uma importância relevante durante os primeiros anos.

Portanto, ao dizer “não”, os pais devem sustentá-lo para mostrar realmente que é firme e com o tempo a criança perceberá que não deverá insistir naquilo que na visão deles não pode.

De acordo com Pimentel (2012, p. 1), “essa história de que algumas coisas não podem de vez em quando, mas em outros momentos podem, destrói a confiança e segurança dos filhos.” É um erro essa atitude dos pais, pois a criança vai percebendo que eles não têm firmeza no que falam e que suas atitudes são confusas. Essa atitude errônea dos pais confunde a criança, fazendo com que ela não tenha confiança no que eles falam e fazem, ocasionando o desrespeito.

Dessa forma, antes de chegar à Educação Infantil, a criança deve estar bem ajustada ao lar e estar apta para experimentar e conviver com as outras crianças de sua idade, além de se adaptar com relativa facilidade mesmo se não teve ainda qualquer experiência prévia da vida escolar, mas ainda podendo querer que a família, ou alguém de sua confiança a acompanhe no primeiro dia de aula até a porta da escola, ou até à sala de aula.

Só à luz do papel da mãe e das necessidades da criança é que se pode conseguir uma compreensão real da maneira como a pré-escola pode dar continuidade ao trabalho da família, continuidade esta no sentido de atenção e afeto, sendo este uma especialidade da Educação Infantil. Já a mãe está preparada para orientação biológica em relação à criança.

Assim, a relação família/criança quando bem estruturada traz grandes vantagens ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e educacional da criança. Ao contrário pode trazer consequências irreversíveis que a criança levará para a vida.

Além de tais benefícios, entre família/filho, pode-se perceber que a disciplina, o bom comportamento, os valores e virtudes, enfim, e a educação são adquiridos pela criança em casa, junto com a família, principalmente na primeira infância, que é o período essencial para o desenvolvimento da criança, além das experiências que são levadas para o resto da vida.

Os valores e virtudes são aquelas qualidades de experiência humana que são consideradas tão importantes a ponto de servir como orientação para a maneira como se vive a vida. “As virtudes e valores são as luzes orientadoras que atraem o ser humano. Elas são as forças impulsoras que transmitem energia à motivação e capacidade do ser humano de viver desta ou daquela maneira” (MARQUES, 2008, p. 33). Ter virtudes e valores é tão importante; que se precisa observar atentamente o processo e aprender modos mais categóricos de ensiná-las. Um fator interessante é que as virtudes tendem a ir direto ao coração e à alma da criança, e permanece com ela com o passar do tempo, ou seja, levam-nas para a vida toda (PAGOTTO, 2003).

As virtudes e valores enfocam a construção e consolidação do caráter, paralelamente à transferência do conhecimento, através dos conteúdos específicos de cada área (PAGOTTO, 2003).

Devem-se vivenciar virtudes e valores porque elas motivam o comportamento e a atividade humana para o lado do bem, para as coisas positivas. São a fonte de energia que mantém a autoconfiança e a objetividade. E é na família, o meio da formação da criança em sua totalidade. Nela se forma o caráter, a dignidade, o ser trabalhador, o profissional, o comportamento diante do professor e de todos na instituição escolar. Como explica Batista (2017, p. 2),

[...] cabe à família educar e preparar a criança para relacionar-se com os diferentes grupos sociais. A criança deve receber desde a primeira infância o suporte necessário para que possa entender a dinâmica de comunicação e interação junto à sociedade. A importância da família reside na tarefa de educar e fazer florescer na criança valores que façam com que os princípios da civilidade e do respeito prevaleçam nas relações sociais.

A vida da criança se faz de trocas contínuas. Seu corpo é mutante. Assim, nessa fase, o contato diário com virtudes e valores é imprescindível. Crianças devem saber adaptar-se ao processo gradual de transformação durante o período de crescimento (PAGOTTO, 2003). E a família é a base para que tal processo ocorra, até porque é nessa instituição que a criança deve se sentir segura, acolhida.

Segundo Dias (2010, p. 29),

[...] a família é o primeiro agente socializador do ser humano. De há muito deixou de ser uma célula do Estado, e é hoje encarada como uma célula da sociedade. É cantada e decantada como base da sociedade e, por essa razão, recebe especial atenção do Estado (artigo 226). Sempre se considerou que a maior missão do Estado é preservar o organismo familiar sobre o qual repousam suas bases.

Como se vê, a família é de suma importância para o alicerce social, pois é nela que o ser humano ainda criança aprende as primeiras lições, adquire caráter e inicia a construção de uma nova sociedade.

Em suma, “a família educa e cabe à escola ensinar, ou seja, a família transmite os valores éticos e morais necessários para que a criança possa ser instruída na escola” (BATISTA, 2017, p. 2).

Mas, também é necessário que a família esteja sempre atenta a contribuir para o processo educacional de seus filhos de forma global.

Os pais que valorizam a escolaridade e apresentam expectativas positivas em relação a ela são aqueles que mais contribuem para um comportamento melhor de seus filhos, sobretudo ao encorajá-los em seus progressos escolares, principalmente quando mudarem de um período escolar, como no caso da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, onde há muitas mudanças em todos os aspectos.

Assim, é interessante que as famílias conheçam e valorizem o que se faz na escola, já que se tem muito difundida a ideia de que na Educação Infantil, as crianças vão à escola para brincar que não é preciso saber muito para que brinquem, joguem, para lhes dar de comer, é preciso ter paciência, boa disposição, gostar de criança (DAVIS, 2008). Essas qualidades são extremamente necessárias. Educar requer um conhecimento profissional que permita analisar e compreender a situação de cada criança e tomar as decisões mais convenientes. Por isso, as iniciativas para que os pais possam entrar na escola e que conheçam o seu funcionamento devem ser valorizadas e incentivadas.

Segundo Conte (2009, p. 33),

[...] a presença dos pais na escola, dentro de regras preestabelecidas pelo grupo, pode ser muito interessante. Os pais podem participar de inúmeras atividades como: lanche com os filhos na escola, participar de passeios de estudos do meio acompanhando as crianças, ajudar na organização de festas e eventos, falar sobre seu trabalho e/ou profissão, ensinar uma atividade que realizam como, por exemplo, um trabalho com argila, trançados com fibras, contar histórias, ensinar danças e músicas.

Os pais têm diversos canais de apresentação na escola, assegurados pela legislação vigente e pelo projeto educativo, como os conselhos e associações. A equipe de professores deve também propor níveis de participação dos pais em comum acordo entre eles, como entrarem na sala junto quando acompanham as crianças, ajudarem nas saídas, contribuírem nas festas da escola ou mesmo montarem oficinas com a participação dos avós e outros familiares.

Conte (2009, p. 34) declara que,

[...] a participação da família na escola pode ser benéfica porque: aproxima os dois contextos e favorece aprendizagens mútuas, experiências diferentes e enriquecedoras. A pertinência, o tipo e a magnitude da participação devem ser cuidadosamente analisados e discutidos pelos professores e enquadrados no projeto pedagógico da escola.

A participação da família não pode causar confusão sobre as responsabilidades, as funções e as expectativas, implicações, o objetivo maior é a proximidade dos dois contextos principais de desenvolvimento das crianças na escola. Até porque uma instituição educa e a outra ensina.

Ambas as instituições devem firmar a boa relação com a criança tendo como base, a afetividade, principalmente a família, a qual é o primeiro meio social pelo qual a criança passa antes de interagir com outros grupos sociais (BARBOSA, 2010).

É mais que comprovado que todo ser humano necessita de afeto, amor, carinho, interação social, respeito para aprimorar e evoluir de forma emocional e intelectual, além de crescer fisicamente. E a família como a primeira interação social, tem o dever de estabelecer esses atributos. Como já relatado, baseando-se em ilustres pesquisadores e estudiosos, a família é o alicerce na vida do ser humano. Tendo tal fato como base, perpetua-se que uma criança que nasce e vive em uma instituição familiar sem estrutura emocional, inevitavelmente terá dificuldades em se relacionar no futuro afetando o crescimento

intelectual, porque quem não é capaz de se relacionar não abre espaço para o processo de ensino aprendizagem, ficará sempre relegado.

Inclusive as crianças ao chegarem à Educação Infantil não sabem considerar os amigos, educadores e profissionais da instituição escolar, pois já crescem assimilando que não devem acreditar e nem respeitar o próximo. Atualmente, as pessoas vivem disputando, e conseqüentemente dirigem para uma condição cada vez mais solitária e sem confiança um no outro, e assim passam tais sentimentos aos filhos.

As crianças bem pequenas já vão para a instituição escolar, os pais saem cedo e voltam para casa somente bem à noite, isso todos os dias, com a preocupação de ofertar o melhor aos filhos, acabam se esquecendo, ou não tendo tempo de levar até eles afetividade (BARBOSA, 2010).

Em outros casos, inúmeras famílias com composições diversas, desde pai, mãe e filho, até primos e avós, onde a avó que cuida dos netos de mais de um filho, não falta afetividade, contudo, pode deixar a desejar quanto aos ensinamentos de valores, pelo fato de que os avôs simbolizam alegria na vida de uma criança e não se consideram apropriados para reivindicarem, pois acabam ficando penalizados pela ausência dos pais e sendo dessa forma não aplicam e não se utilizam de limites com os mesmos (BARBOSA, 2010).

Assim, afetividade e valores devem estar presentes nas famílias, cada um em seu momento, ou mesmo ambos interagindo para que a criança tenha limites, regras, valores e virtudes não impostos, mas explicados com muito afeto pela família. Essa situação irá valorizar o vínculo filho/família, e logicamente ele estará mais preparado para estar junto com seus colegas e o educador dentro de uma sala de aula de forma respeitosa. É em casa que a criança começa a ser educada, na escola ela apenas consolida essa educação por meio de conhecimentos e de uma aula motivadora, além de projetos e estratégias pelos quais o professor faz para que a disciplina em sala de aula se consolide e a qualidade na educação seja cada dia, mais perpetuada. Mas para que tal feito se consolide, a criança deverá também ter uma boa relação com o professor.

A criança como ser que possui emoções precisa essencialmente sustentar vínculos de amor e carinho onde quer que esteja. No meio escolar o convívio prazeroso entre professor-aluno é capaz de expandir o processo de aprendizagem tornando-o expressivo e agradável, ainda mais na Educação Infantil, que tudo a criança quer descobrir, conhecer e participar. Assim, como explica Aquino (1996, p. 98),

[...] uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na intolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.

A afetividade entre professor-aluno é de extrema importância para o desempenho integral da criança, assim é necessário caminhar e investir nessa prática, que age de maneira simultânea e decisiva no processo de ensino aprendizagem.

O interessante é que os alunos da Educação Infantil digam: “aqui é a extensão da nossa casa” (CLEMENTE, 2006, p. 55). É neste ponto que a escola deve auxiliar. O ambiente escolar deve se apresentar como aquele meio em que a criança se descobre frente ao mundo e ao mesmo tempo possuir um caráter familiar diante de uma harmoniosa relação entre professor/aluno.

Assim, a professora tem de se manter em observação constante para com as crianças, ou seja, ter “olho clínico” e estar sempre em contato com as mães observando a sua conduta e diagnosticando o ambiente em que seus alunos vivem.

A professora tem de estar consciente e preparada para compreender que está na presença de um ser complexo de crescimento e adaptações infantis, a qual necessita de condições especiais de meio ambiente. Dessa forma Wallon (1979, p. 32) explica que,

[...] a interação entre professores e crianças ultrapassa os limites da prática docente, do ambiente escolar, do semestre e do ano letivo. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade como forma de construção das interações e do conhecimento. Assim, considera-se o papel do professor como elo fundamental na busca de relações interpessoais que valorizem o universo afetivo.

Assim, um fato importante, é que o professor nunca deve esconder suas emoções negativas, mas sim estar preparado para demonstrá-las de forma sadia em sala de aula. É que os alunos aprendem com os exemplos que possuem no ambiente escolar, principalmente de seu mestre. Portanto, o professor manifestando naturalmente suas emoções será capaz de ajudar seus alunos a se responsabilizarem por suas próprias emoções, além de ganhar o respeito deles.

Sintetizando, aprende-se à medida que se enfrenta problemas e se modifica esquemas interpretativos por meio de esforços intelectuais. “Em outras palavras, aprende-se à medida que os desafios colocados obrigam a pensar, a reorganizar o conhecimento que temos, a buscar mais informação, a refletir para buscar respostas” (WEISZ, 2000, p.17).

A professora da Educação Infantil tem o dever de respeitar a aprendizagem de cada criança e conseqüentemente procurar individualizar cada uma e cada atividade trabalhada. É que cada criança possui uma capacidade emocional, cognitiva, tem experiências diversificadas e variadas em meio a inúmeros assuntos. Diante disso, cada professora deve planejar, elaborar e ofertar às crianças uma variedade de experiências que correspondem às necessidades das mesmas, ou mesmo de cada uma.

Destaca-se o psicanalista Vygotsky, o qual tem como ideia central que o desenvolvimento intelectual depende dos fatores sociais e das experiências culturais que a criança compartilha com os adultos, e conseqüentemente se atitudes ruins em casa, reproduzirão este tipo de atitude na escola, sendo violentos, chorando com facilidade, sem vontade de aprender e com dificuldade de aprendizagem. Para este psicanalista, a aprendizagem se dá por meio do processo de interação.

O aluno quase sempre busca nos educadores parâmetros de comportamentos, valores e atitudes. E a partir do momento em que esses atos são positivos, o professor não está somente ensinando conteúdo escolar, ele informa sobre a vida, logicamente que não está educando como os pais devem fazer, mas repassando atitudes éticas, oferecendo informações e experiências novas. Assim, esse relacionamento, aluno-professor deve sempre ser mediado pela generosidade e serenidade.

Segundo Freire (1996, p. 77) "o educador autoritário, licenciado, sério, incompetente, irresponsável, mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passam pelos alunos sem deixar sua marca".

Especialmente, quando a criança chega à Educação Infantil, sabe-se o quanto é primordial para cada criança ter percepção, reconhecer no olhar do educador que ela é bem aceita na sala de aula, e que aprender é extremamente benéfico. A relação do professor com seus alunos, é essencial para a educação, porque a partir do modo de se comportar do profissional é que o aluno se sentirá mais acolhido quanto à metodologia.

A afetividade, afeto e respeito entre professor e aluno possibilita um exercício positivo, em que o aluno é tratado como alguém, e não como mais um número. "O aluno não é um depósito nas escolas e sim um ser que precisa de cuidados e de aprendizagem. O mesmo trás uma bagagem bastante significativa com ele, o professor intervir é propício à alfabetização" (CLEMENTE, 2006, p. 56).

As metas da Educação seriam simplesmente obtidas se várias adversidades disciplinares fossem decididas com maior cautela, sem representação, onde um singelo comentário agradável resolvesse.

Os anos da Educação Infantil são significativos pelo fato de uma criança, nesse período estar em transição de fases de desenvolvimento, fases estas as quais irão ser comentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Evolução simbólica – Piaget

| EVOLUÇÃO SIMBÓLICA / PIAGET | |
|--|---|
| 1 - Emergência das primeiras manifestações simbólicas, através da brincadeira simbólica ou jogo dramático, dentro de um contexto predominantemente funcional e cíclico sensório-motor (Fase VI, P.S.M. – 1,5 a 2 anos de idade). | - o corpo funciona ainda como marco físico do eu. A brincadeira simbólica se organiza à volta do corpo, principalmente na região entre pernas, próxima à região genital. |
| 2- Aparecimento de pequenos 'plateaux' lúdicos simbólicos que algumas vezes conseguem se reunir num maior (2 a 3 anos de idade) | - a criança não tem mais necessidade de um marco físico para se organizar (não organiza mais a brincadeira à sua volta); - as lembranças vêm de mais longe e cada vez maiores, e se manifestam mais sob forma de representação lúdica; - as verbalizações se fazem principalmente em relação ao eixo presente ou ao passado próximo e mantêm-se presas ao real. O imaginado ainda não adquiriu voz própria, a boneca ainda não fala o que quer ou do que tem medo. |
| 3- Formação de grandes cenas dramáticas (3 a 5 anos de idade) | - os personagens são cada vez mais uma recriação do sujeito do que uma reprodução (maior diferenciação significante-significado); - a verbalização se transporta cada vez mais à situação imaginada. A criança fala do representado e os personagens adquirem fala, com voz, timbre, entonação e ritmo próprios; - a memória combina de forma ordenada diversos momentos do passado; - os contextos representados tornam-se cada vez mais vivos e dramáticos, com a emergência de profundos esquemas afetivos; - as situações são revividas de forma cada vez mais original e ativa, a criança usando sua imaginação para assimilar o que não compreendeu no passado. |
| 4- O simbolismo coletivo e a reaproximação da realidade objetiva, agora em nível mais abstrato (4 a 6 anos de idade) | - as características mágicas e anímicas decrescem com a capacidade da criança de ver a realidade de forma menos subjetiva e mais objetiva; - aparece a brincadeira simbólica coletiva, várias crianças encenando uma situação. A fase anterior, a vivência pela criança de vários papéis, lhe possibilitou compreender melhor o outro e brincar com ele. Há portanto, como mostra Winnicott (1996), e como veremos a seguir, uma evolução dos rituais pré-simbólicos (fenômenos transicionais) para o |

| | CONTINUAÇÃO DO QUADRO |
|--|---|
| | brincar (simbólico), daí para o brincar com o outro e a seguir para o saber viver com o outro. O conviver supõe a consciência da relação eu-outro. Dentro de um ótica epistemológica piagetiana também, pois o ser humano é visto como um sistema aberto, ou seja, aquele que só sobrevive de forma adaptada, se tiver consciência de que precisa estar constantemente em interação com o meio. |

Fonte: Piaget (*apud* BEE, 1991, p. 196)

De certa maneira e em certos momentos, a criança de 2 (dois) anos a 5 (cinco) anos atinge maturidade em alguns aspectos, e noutros momentos, porém, a mesma criança é também imatura e infantil. Serrano (2002, p. 32) destaca que:

Nessa idade, o menino ou a menina está ainda aprendendo a perceber a realidade externa e a compreender que a mãe tem uma vida própria, de modo que não pode realmente ser possuída como se pertencesse à outra pessoa. A consequência dessa fase e desses acontecimentos é que as ideias de amar se seguem às ideias de ódio, o ciúme é um conflito emocional doloroso, enfim o sofrimento pessoal: e sempre o conflito é demasiado grande, sobrevém a perda da capacidade total, inibição, recalque etc.; na formação de sintomas. A expressão de um sentimento é, em parte direta, mas a possibilidade é cada vez maior, à medida que o desenvolvimento da criança prossegue, de que o alívio seja obtido mediante a auto expressão, quer através de brincadeiras, falta ou gestos corporais.

E o autor supracitado novamente mostra que,

[...] o processo de maturação está sendo levado a efeito, noutros aspectos ainda existe imaturidade, como por exemplo, a capacidade de percepção exata ainda não está totalmente desenvolvida, pelo que devemos esperar da criança uma concepção mais subjetiva do que objetiva do mundo especialmente na hora de dormir e acordar (SERRANO, 2002, p. 33).

Nessa fase, o potencial afetivo, social, cognitivo, emocional, motor da criança será estimulado. Através disso o professor deve prepará-la para a realização de outras atividades cada vez mais complexas, inclusive para aquelas nas quais irá aprender a ler, escrever e contar.

O envolvimento com experiências interessantes é um dos meios de enriquecer a vida da criança na Educação Infantil, independente da idade em que esteja. A melhor experiência é o conforto de saber que a respeitamos e valorizamos pelo que é (KRAMER, 2005).

Um dos melhores meios de incentivar o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, sem pressioná-la, é deixar por sua conta a iniciativa. Deve-se observar em que atividade a criança tem melhor desempenho e oferecer-lhe oportunidades de praticá-la; seja armar um quebra-cabeça ou brincar em um escorregador. Devem estar ao alcance de suas mãos brinquedos (FIGURA 4) e jogos que ela possa dominar, bem como alguns objetos já dominados.

Figura 4 – Crianças da Educação Infantil.



Fonte: Meta, 2017, p. 2

A partir daí, é possível verificar que a aprendizagem é um processo múltiplo em que as crianças empregam várias estratégias para aprender segundo o período de desenvolvimento em que se encontra.

Sintetizando, aprende-se à medida que se enfrenta problemas e modifica-se esquemas interpretativos por meio de esforços intelectuais. “Em outras palavras, aprende-se à medida que os desafios colocados obrigam a pensar, a reorganizar o conhecimento que temos, a buscar mais informação, a refletir para buscar respostas” (WEISZ, 2000, p.17).

E assim, eis que a Educação Infantil finaliza e é hora de ingressar ao Ensino Fundamental I, quando a criança busca pelo novo, leva consigo a curiosidade; além do espanto pelo diferente, o qual ela irá enfrentar no próximo ano.

2.2 AS CRIANÇAS E A CHEGADA AO ENSINO FUNDAMENTAL I

Como já comentado é na família que são lançadas as bases para a assimilação do mundo exterior, onde as relações sociais são apreendidas como fenômenos da própria experiência dos indivíduos (FAUSTO-NETO, 1982).

A família é importante base para a construção de crianças. Berço de sua formação pessoal e social. A família se constitui efetivamente como grupo organizador e preservador de valores e conceitos. Assim, a criança deve ter como espelho seus pais, ponto de referência para moldar sua personalidade, caráter e preparo para o mundo.

Soares (2006, p. 65) comenta que,

[...] a família é formadora de consciência porque o conjunto de papéis sociais que são apresentados aos indivíduos, através da socialização, tem por base uma trama complexa de relacionamentos familiares. Os discursos revelam que a família é um espaço privilegiado para a socialização, divisão de responsabilidade, prática de tolerância, vivência da "reciprocidade" e busca da sobrevivência; lugar inicial para o exercício da cidadania e base de conhecimento sobre responsabilidade social. A responsabilidade transcendendo o nível moral, para um nível mais amplo, é o nome ético da reciprocidade.

Através dos valores adquiridos, no grupo familiar no período da primeira infância, quando a criança está na Educação Infantil, começa a transformação para o período da maturidade, para a chegada a um novo período escolar, como o Ensino Fundamental I.

As crianças se sentem perdidas em meio a essas inversões de responsabilidades ao chegarem ao Ensino Fundamental I, pois eles não encontram um referencial de cuidado, respeito, dignidade, afeto, e logicamente não conseguem se comportar de forma adequada na sala de aula. O resultado de tudo isso é a agressão, o desrespeito, a intolerância nos ambientes escolares e com todos que ali estão, principalmente quando na família não houve o cuidado em lhes passar valores e virtudes.

Assim, tem chegado ao Ensino Fundamental I crianças com atitudes agressivas, sendo que muitas veem ou vivenciam no ambiente do lar ou de outros grupos sociais, mesmo não sendo ações admissíveis perante a sociedade. Essas atitudes trazem um prejuízo muito grande para a relação professor-aluno, a qual deveria ser harmônica, construída por afetividade.

Atualmente, a escola reclama, pois o que se vê é a família transferindo a educação e total responsabilidade para com seus filhos à instituição escolar, como se esta fosse capaz de educá-los sozinha. Esta ação dos pais descaracteriza e distorce a verdadeira função da escola, que é a de levar conhecimentos aos alunos e não de educá-los.

Ao professor é impossível fechar os olhos, pois conflitos lhes são visíveis. O professor, que está ensinando uma determinada matéria, de repente é obrigado a parar sua aula, porque uma criança puxa o cabelo de um colega, ou o agride, ou o ofende ou esconde seu material, ou ri sem parar do outro, ou, ou, ou, ou e tantos outros “ous” (MUSZKAT, 2003).

“Nas escolas, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, por meio de atitudes que levem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição” (PEREIRA, 2011, p. 3).

Levar esse tema para a sala de aula desde os anos iniciais é uma forma de trabalhar com um tema controverso e presente na sociedade, criando oportunidades de reflexão para auxílio na transformação social. A partir de recortes de jornais e revistas, pesquisas, filmes, músicas, desenhos animados, notícias televisivas, dentre outros, os professores podem levantar discussões acerca do tema, com o intuito de criar um ambiente de respeito ao próximo, considerando que todos os envolvidos no processo educativo devem participar e se engajar nessa ação. E muito além das discussões e momentos de reflexão, os professores devem propor soluções e análises críticas acerca dos problemas a fim de que os alunos se percebam capacitados para agir como cidadãos, desde a tenra idade (PEREIRA, 2011).

Trabalhar a autonomia, a credibilidade e a confiança são formas de mostrar para crianças que é possível vencer os desafios e problemas que a vida apresenta e que eles são sujeitos históricos e de direitos na construção de uma sociedade de paz. Até porque, como revela Ladd (2012, p. 4),

[...] o modo de agir da criança em relação a seus colegas e a forma como é tratada por eles podem ter um peso importante nos relacionamentos que estabelece em sala de aula. Comportamentos como trabalhar ou brincar com colegas de forma ativa ou passiva, cooperativa ou questionadora, prestativa ou exigente podem ter consequências importantes para os relacionamentos da criança com seus colegas e professores.

O comportamento da criança do Ensino Fundamental I em sala de aula de forma positiva é importante para as suas relações tanto envolvendo o professor, como com os colegas; além do que influencia em seu sucesso escolar. É que as crianças que conseguem se adaptar à transição do período da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I mais rapidamente e que realmente gostam do meio que estão, participando de todas as práticas pedagógicas ativamente, apresentam mais facilidade no processo de ensino aprendizagem e em seu desenvolvimento global.

Em meio a tudo o que foi exposto até aqui, além da escola, no princípio da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, o papel da família é de extrema importância e se define em dois âmbitos: aquilo que foi construído ao longo dos anos e o suporte no momento da transição.

O que foi construído durante anos são os meios que a criança necessitará impulsionar para enfrentar os desafios do novo período escolar diante de inúmeras experiências, além dos requisitos motivacionais para posicionar em ação tais meios. Nada mais é que uma co-construção, que se origina a partir do nascimento, mediante as relações face a face, das ações lúdicas conjuntas, das possibilidades de manuseio de objetos e símbolos, da mediação das experimentações da criança com o mundo físico e social ao seu redor, por último, por meio dos procedimentos proximais no decurso da primeira infância (MARTURANO, 2015).

Enquanto que o empenho da família quanto à criança durante os anos da Educação Infantil representa a base de uma adaptação bem sucedida na instituição escolar, o suporte no momento da transição ao Ensino Fundamental I é essencial para perpetuar a absoluta realização desse potencial adaptativo concentrado no decorrer do tempo.

De acordo com Maturano (2008, p. 77),

[...] os mesmos recursos promotores de processos proximais que capacitam a criança nos anos pré-escolares continuam a operar positivamente: o acesso a passeios, a disponibilidade de livros e brinquedos, a oportunidade de interação com os pais em casa. Entretanto, no momento do ingresso no Ensino Fundamental, algo mais é necessário. É preciso que a criança se sinta apoiada nessa aventura, pelos adultos significativos do seu microsistema familiar.

Esse apoio será garantido mediante o comprometimento da família, pais; na vida escolar dos filhos. Eis exemplos de práticas parentais que possibilitam a junção família-escola: o intercâmbio frequente com o professor, a atuação em reuniões e eventos realizados pela escola, o acompanhamento das notas. Diariamente, o auxílio se consolida em pequenas atitudes como complementar o material essencial, supervisionar os horários, questionar a respeito da instituição escolar.

Um ambiente gostoso e benéfico na instituição familiar se qualifica por processos interpessoais com grandiosa harmonia, resolução positiva das discordâncias, ausência de adversidade e uma reação afetiva apoiada com a criança. Essas particularidades beneficiam o desenvolvimento da criança, de uma percepção de permanência e segurança em sua sustentação afetiva.

Hábitos e práticas da instituição familiar são padrões de ações que reprisam e, por isso, sustentam na criança sentimentos de expectativa, equilíbrio e segurança. Reuniões constantes da família, como por exemplo, tomarem o café todos juntos nos finais de semana, horários estabelecidos para certas atividades do cotidiano, como por exemplo, hora de almoçar, pequenas incumbências da criança, como arrumar as roupas no armário, hábitos relacionados a certos momentos, por exemplo, um precioso abraço de boa noite no momento de dormir; sendo que todos esses afazeres reforçam algum grau de constância na vida familiar (MARTURANO, 2015).

Em se tratando das práticas educativas, são primordiais as práticas proativas. Tais práticas interligam meios em que a família: “(a) estabelece regras e limites; (b) oferece explicação clara do comportamento esperado e das consequências para a violação da regra; (c) monitora as atividades da criança” (TRIVELLATO-FERREIRA e MATURANO, 2008, p. 549).

É interessante comentar que quando os pais determinam regras frequentemente, a criança entende melhor o conjunto de regras recentes na escola. Já no meio familiar em que há perspectivas e regras empregadas de forma consistente e com nitidez ajudam a distinção, por parte da criança, dos procedimentos de controle existentes no interior da escola. “Em outras palavras, a criança aprende que há relações previsíveis entre suas ações e as consequências delas, e tem mais facilidade para compreender os processos através dos quais os resultados na escola podem ser colocados sob seu próprio controle” (MARTURANO, 2015, p. 4).

Sintetizando, os pais e a família podem auxiliar prontamente a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I possibilitando, desde os primeiros anos de vida, vivências enriquecedoras que propiciam o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de atribuições interpessoais que consolidam um excelente relacionamento com o professor e seus amigos de sala de aula e da escola. No momento da transição, as práticas familiares que possibilitam a junção família/escola possui um essencial papel. Mediante seu desenvolvimento com a vida escolar dos filhos, os pais informam à criança o quanto a consideram e o quanto apreciam seu aprendizado escolar. A constância do meio familiar nessa fase oferece à criança uma percepção de permanência e confiança diante das mudanças em andamento.

Quanto à construção e aquisição do conhecimento, a criança de seis anos, com toda sua criatividade e originalidade necessita estar inclusa em um ambiente que favorece a aprendizagem. O educador com quem mantém relação tem o papel de oferecer um relacionamento em que o aluno tenha segurança e se sinta motivado a conhecer seu próprio

eu. Cabe ao educador manifestar empenho e respeito com as crianças do início do Ensino Fundamental I, pois só assim elas terão a oportunidade de construir seu autoconhecimento.

Mielnik (2004, p. 172) destaca que:

As relações interpessoais do professor e alunos devem ser de tal tipo que a criança possa com absoluta liberdade tomar conhecimento, atualizar e experimentar sua própria personalidade. Os professores podem colaborar nesse sentido quando demonstra um interesse verdadeiro pela criança, respeitam sua individualidade e aceitam-na sem discriminação. Agindo dessa forma, não estaremos incrementando o egoísmo infantil e sim favorecendo a criança o conhecimento de si mesma, de suas qualidades e das tendências de sua personalidade.

Assim como destaca (CHAUÍ, 1995, p.64) “ a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva.”

Hoje, após muitas pesquisas, concluiu-se que a única base de possibilidades suficientes encontra-se concentrada na relação professor-aluno.

Figura 5 – Crianças do Ensino Fundamental I – 1º ano.



Fonte: Nunes, 2013, p. 2.

Em um ambiente prazeroso, alegre, agradável e aconchegante a criança do Ensino Fundamental I envolve-se com muitos fatores que motivam seus desejos fazendo-a sentir-se segura e amada, principalmente porque nesse período como já foi dito, há uma série de mudanças e assim a criança ainda está adaptando-se.

A importância do afeto em sala de aula, quando o professor deve conhecer o meio social em que a criança está inserida e tomar decisões para o desenvolvimento dela, respeitar suas diferenças, contribuir para o seu desenvolvimento de aprendizagem, estimulá-la a

conhecer o mundo que a cerca, é uma série de questões que vem transformando o mundo das pessoas de hoje em dia. Acredita-se que as crianças na sua grande maioria atualmente chegam ao Ensino Fundamental I com muitos conflitos que enfrentam em casa, como pais ou responsáveis que educam pelo grito e pela agressão, sendo que o diálogo, o uso da palavra é percebido como ineficaz e perda de tempo, sendo mais fácil bater, outras chegam sem limites ou valores, devido a família achar que é na escola que se educa, ou mesmo nem ter tempo para tal atitude pelo fato dos pais trabalharem o dia todo; assim o lar fica a cada dia mais desgastado. É que infelizmente, ainda, no Brasil, vive-se em uma sociedade em que ser gentil, educado, pacificador é sinônimo de fraqueza, principalmente em relação à figura paterna. E esse mesmo aluno, quando ingressa no Ensino Fundamental I chega com um comportamento adverso do que deveria, ou seja, todo esse comprometimento se voltará contra um bom desenvolvimento global, que o prejudicará na escola, podendo acarretar indisciplina com ações violentas, déficit de atenção, falta de vontade de aprender, ser uma criança acuada e problemática, sem nenhum interesse. Também são comuns na escola: “relutância em voltar para casa, faltas frequentes à escola, ausência de participação nas atividades, poucos amigos, falta de confiança em adultos, ideias e tentativas de suicídio, autoflagelo, dificuldade de concentração, choro sem causa, comportamento rebelde” (DESLANDES, 1994, p. 177).

Zagury (2003, p. 48) também explica que a criança que se encontra da forma que foi exposto, age do seguinte modo em sala de aula:

Descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; dificuldade crescente de aceitação de limites; distúrbios de conduta, desrespeito aos colegas e autoridades, incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento; agressões físicas se contrariado, descontrole, problemas de conduta, problemas psiquiátricos nos casos em que há predisposição.

O resultado de tudo isso na escola, será a não aprendizagem, a repetência ou evasão, ou seja, o fracasso escolar. É que os efeitos negativos que a criança passa em casa “podem ser observados no funcionamento cognitivo e emocional e na vida escolar e social” (PEREIRA e WILLIAMS, 2008, p. 142).

Todos esses malefícios são produzidos juntamente de quem deveria proteger, amar e confortar a criança, a instituição mais importante dos mesmos antes da escola: a família, portanto os pais devem fazer com que os conflitos e a falta de afetividade sejam extirpados do convívio de seus filhos para que eles ao chegarem ao Ensino Fundamental I tenham todo um aproveitamento e qualidade na educação.

É exatamente nesse ponto, que a criança ao chegar ao período em estudo, deve sentir-se protegida, a afetividade dos funcionários da escola e dos professores devem intervir contribuindo para que aquele aluno não se perca, que ele consiga ter uma perspectiva de vida, seguir em frente sem olhar para seu passado.

Portanto, a relação professor-aluno é tão importante, principalmente voltada ao afeto. A afetividade deve ser um dos fatores a ser desenvolvido nessa relação, pois é através das interações sociais que se constrói a aprendizagem. O professor pode ter uma postura de facilitador, estimulando o processo de aprendizagem ou bloquear o desenvolvimento desse sujeito em construção. Uma vez que o aluno já tem um sentimento o educador deveria facilitar a compreensão do aluno como um ser humano que ele é. Mas, hoje em dia os educadores do Ensino Fundamental I, por acharem que a criança já cresceu, estão cada vez mais deixando as relações afetivas de lado, e sendo tomadas por formas ignorantes. E eis o conflito, pois essas mesmas crianças chegam ao Ensino Fundamental I com autonomia, com respostas prontas e mais agressivas, devido o meio social em que elas vivem. E diante de tais comportamentos tudo se complica, até porque esse comportamento não é da responsabilidade da escola, mas da família. Rodrigues (2003, p. 41) traz que,

[...] hoje as famílias são pessoas ocupadas com exercícios de atividades fora da relação familiar, o que faz com que desapareça a unidade familiar como unidade educativa e produtiva. Nesse caso, destacamos a importância da família se comprometer com o seu papel, "por exemplo," o da educação informal e dos valores éticos. Assim, compreendemos que a família vem atribuindo responsabilidades à escola, dentre elas a de disciplinar, educar e ensinar conteúdos que possibilitem aos filhos participarem da sociedade como cidadãos ativos e transformadores da realidade social.

Os sentimentos são um dos elementos que constituem o ser humano, de forma que não podem ser negligenciados e sim desenvolvidos, pois fazem parte de suas habilidades e competências altamente valorizadas na atualidade. Mas é a família que é responsável pela educação em todos os sentidos. Entretanto, o que tem ocorrido segundo Santo (1997, p. 43) é que, "a família alega que trabalha cada dia mais e espera que os professores instrua e eduquem seus filhos e transmitam valores tanto morais quanto princípios éticos e padrões de comportamento, que abrangem desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal".

A única proposição, é que o professor nunca deverá criticar esse aluno, mas sim transmitir a ele segurança, motivá-lo, ter bons diálogos, valorizá-lo para fazer com que seus erros evolutivos que estariam incomodando-o em seu desenvolvimento de forma a impedi-lo a ter acesso a um ambiente cultural, evoluir sua linguagem e pensamento sejam vencidos

(MELLO, 2008). Mas, educar, jamais é função do professor, a ele não pertence essa responsabilidade. Tal confirmação está consolidada na Legislação nacional, artigo 1634 do Código Civil, em que são abordados os direitos e deveres voltados aos pais, à família, em se tratando dos filhos.

Artigo 1.634. Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:

- I - dirigir-lhes a criação e educação;
- II - tê-los em sua companhia e guarda;
- III - conceder-lhes ou negar lhes consentimento para casarem;
- IV - nomear-lhes tutor por testamento ou documento autêntico, se o outro dos pais não lhe sobreviver, ou o sobrevivente não puder exercer o poder familiar;
- V - representá-los, até aos dezesseis anos, nos atos da vida civil, e assisti-los, após essa idade, nos atos em que forem partes, suprindo-lhes o consentimento;
- VI - reclamá-los de quem ilegalmente os detenha;
- VII - exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição (BRASIL, 2002) (grifo das autoras).

Como se vê, aos pais cabe educar as crianças e dar-lhes atenção. Os pais são responsáveis pelos filhos e sua educação.

Quanto ao professor, é interessante comentar que ele, não é um psicólogo, mas ele deve trabalhar com um material e um contexto que “toquem” no desenvolvimento da criança, mas não educá-la, e sim procurar conscientizá-la e reforçar o que ela já trouxe de casa. Esse material e contexto devem ser cautelosamente planejados para não colocá-los em posição de constrangimento, ou mesmo de recuo frente ao professor e às outras crianças da sala de aula. Não há nada pronto e acabado para que o professor trabalhe com essa clientela, pois o educador deve observar no dia a dia de suas aulas, como essa criança se comporta para assim reavaliar o seu planejamento, realizar o seu plano de aula.

O professor deve ser um profissional curioso em conhecer a criança que chegou da Educação Infantil, por meio de sua família, apoiar os pais quando necessário e acima de tudo possuir uma ótima comunicabilidade em auxílio a ela (BASSEDAS et. al. 2005). Aqui está a afetividade na relação professor-aluno.

E finalmente relata-se que não somente a relação professor-aluno sendo afetiva para auxiliar na transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, mas também o apoio dos pais que é a primeira instituição pela qual a criança passa e que oferece a base para que a mesma tenha uma transição tranquila e que ao chegar ao Ensino Fundamental seja o aluno cujo comportamento reflita tudo o que foi lhe passado por sua família. E dessa maneira, o professor juntamente com o aluno poderá desenvolver um trabalho de qualidade.

2.3 ARTIGOS E TESES

2.3.1 A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de londrina.

Esta Tese foi apresentada ao programa de pós graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, defendida no ano de 2012 para obtenção do título de Doutora em Educação. A autora da obra é MORENO.

De acordo com a autora a concepção de família não é mais formada apenas por mulher (mãe) e homem (pai) com filho e irmão de sangue ou filho único, mas, por aquelas pessoas que exerçam a função materna e paterna como avós e tios. Para a construção de sua pesquisa ela faz uso principal da bibliografia do autor Philippe Áries do livro História Social da Família e da Criança. Para tanto ela explica o sentimento de infância em decorrência do sentimento de família, que ao longo dos anos foram modificando de acordo com a interação entre a família e a criança.

Para estudar a concepção de família sendo um tema complexo a ser definido, faz-se necessário buscar desde os tempos medievais as várias formações de famílias durante esse período até o conhecimento do que seja a mesma nos dias atuais, ou seja família moderna. Durante os séculos XII ao XVI as crianças eram vistas como mini adulto, sendo inseridas em ofícios da família que julgavam necessárias participar do ambiente econômico, não havia aquele sentimento que se tem em uma criança como sendo um ser que precisa de cuidados e conhecimentos próprios da idade.

Durante o início do século XVII o sentimento de família em relação à infância começou a se transformar conforme surgiu uma nova hierarquia⁴entre as famílias, os patriarcas envelheciam, a juventude ia se modificando e ganhando novos papéis na sociedade. A partir desse momento, o sentimento que a família passou a ter pela criança foi mais “sentimental” e os progressos de preservação da vida privada e intimidade doméstica.

⁴Hierarquia é o termo de distribuição organizada dos poderes com subordinação sucessiva de uns aos outros. Categoria atribuída às pessoas ou às coisas, classificadas de acordo com a ordem de importância, crescente ou decrescente. (DICIONÁRIO ON LINE MICHAELIS, 2017)

Portanto as famílias modernas constituíram-se no século XVIII, com a preocupação da família na educação das crianças, cada uma morando em suas casas e criando laços familiares, diminuindo cada vez mais a interferência da comunidade nos assuntos domésticos, os filhos passaram a ser o motivo da constituição das famílias atuais.

2.3.2 O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório.

FEVORINI autora da tese apresentada no ano de 2009 ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutora em psicologia.

De acordo com a autora ela descreve a importância do envolvimento entre a família e a escola caminhando sempre juntas para o melhor desenvolvimento da criança, essa parceria não é para ensinar como os pais devem criar seus filhos, mas sim poder criar um espaço significativo entre educadores e pais para que possam desfrutar de experiências significativas.

A participação dos pais é fundamental para que estabeleça uma união positiva, para que ambas as partes consigam o sucesso para uma melhor aprendizagem durante a vida acadêmica.

Na pesquisa ela relata que muitos pais em vez de procurar opiniões com pessoas mais velhas ou alguém da família com mais sabedoria, procuram médicos, psicólogos para orientá-los na sua rotina do dia a dia, a participação dos pais acontece desde o momento da escolha da escola, onde na pesquisa que a autora fez para o desenvolvimento da tese, diz que alguns pais pediram opinião para educadores para melhor escolher a escola. Em alguns momentos a escola reclama por passar algumas orientações para a família e simplesmente não seguem e chegar ao ponto de reclamarem da prática pedagógica. Se os pais forem preparados pela escola acaba se tornando uma educação de pais com o intuito de criar espaços para que eles possam refletir sobre suas práticas educacionais.

Uma prática significativa para estabelecer a melhor comunicação entre família e escola é tornar os pais cada vez mais presentes na vida escolar, sempre os convidando para uma visita para que seus filhos (alunos) possam mostrar os avanços na aprendizagem, assim despertando sempre o interesse que irá acrescentar positivamente na sua vida acadêmica.

2.3.3 Família-escola: uma relação de expectativas e conflitos.

Artigo publicado no ano de 2007 pela PUC- PR, com autoria de DAMKE e GONÇALVES.

No presente artigo as autoras relatam diversos assuntos sobre a função da família na educação do indivíduo, a sua relação com a escola e sobre as suas expectativas que cercam o aprendizado do mesmo. A família é o primeiro contato que a criança tem com a educação seja ela formal ou informal, e como a evolução do contexto familiar vem sofrendo mudanças no que diz respeito na formação da criança e alguns valores. As autoras relatam ainda que, hoje as famílias são pessoas ocupadas e que em momentos não participam da unidade escolar, atribuindo à escola além da função de ensinar e preparar o indivíduo para a inserção na sociedade, a função de educar seus filhos, é apresentada à expectativa que a família tem sobre a escola educar e instruir as crianças, que os professores transmitam valores e padrões de comportamento que vão até os cuidados de higiene pessoal.

As expectativas que os professores têm em relação à família, são que estabeleçam limites e ensinamentos ao indivíduo sobre os conceitos de convivência entre pessoas.

A escola funciona como uma possível aproximação, e faz-se uma pesquisa de campo com o intuito de ressaltar a relação entre família e escola. No desenvolver da pesquisa foram escolhidas dez famílias com dez filhos matriculados na rede pública que aceitaram responder ao questionário composto por dezesseis questões. Seis famílias disseram que não costumam ir diariamente à escola, apenas quando são solicitadas para reuniões ou alguma apresentação, já as outras três famílias disseram que vão mensalmente e sempre disponibilizam de seu tempo para irem verificar o aprendizado do seu filho; podemos observar com esse questionário que a participação dos pais para com a escola é muito fraca e isso interfere na comunicação família e escola sobre as situações que acontecem no cotidiano escolar. A família tem que se manter próxima à escola, as duas juntas são partes fundamentais no desenvolvimento da aprendizagem, só que infelizmente algumas acham que devem comparecer somente quando forem solicitadas, já estão fazendo sua parte, pois são muito ocupadas em atender a demanda da sociedade em relação ao trabalho; as famílias pesquisadas disseram que acompanham seus filhos em atividades quando os mesmo apresentam dificuldades, ou seja, novamente família e escola estão escassos, só acontece quando os filhos apresentam dificuldades, se não houver necessidade por parte dos filhos a família acha que não é necessário o acompanhamento em atividades ou participação na escola.

Ao se falar da participação na organização da escola, surgem alguns desafios não é apenas dizer para os pais participarem da organização do ambiente escolar, mas sim que a escola proporcione um ambiente para que eles tenham condição de estarem participando. É preciso que família e escola trabalhem juntas para que o fruto dessa parceria seja o bem de todos, para um melhor sucesso escolar, ambas devem caminhar juntas visando assim os objetivos sociais educacionais e sociais.

A família e a escola devem compartilhar das responsabilidades que a elas pertencem, sem cobrança e julgamento, a fim de buscarem o melhor para corresponder às expectativas de ambas as partes. A melhor maneira de selar essa parceria seria a criação de projetos dentro do ambiente escolar que proporcionasse a ambas as importâncias desta união.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 MÉTODO

3.1.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

O Método da pesquisa foi o indutivo. De acordo com Cervo e Bervian (1983, p. 35), “o argumento indutivo baseia-se na generalização de propriedades comuns a certo número de casos até agora observados e a todas as ocorrências de fatos similares que poderão ser verificadas no futuro”.

3.1.2 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa foi do tipo exploratória; de acordo com Cervo e Bervian (1983, p. 56), “a pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo”.

A pesquisa exploratória, de acordo com Gonçalves (2014, p. 98) em geral envolve:

- a) Levantamento bibliográfico;
- b) Entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e
- c) Análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.

A caracterização da pesquisa exploratória pode ser quantitativa ou qualitativa, sendo que na presente pesquisa foi de cunho qualitativo.

Richardson (2003, p. 80) menciona que,

[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, podendo contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Resumindo, a postura da pesquisa qualitativa não se utiliza de dados estatísticos na análise do problema, o que quer dizer que não pretende numerar ou mesmo medir unidades ou categorias homogêneas (GONÇALVES, 2014).

Assim, na pesquisa qualitativa, o método é um caminho para se chegar a conhecimentos válidos e são originados através de informações de pessoas diretamente vinculadas à experiência estudada (MINAYO, 2001).

3.1.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa utilizou-se a entrevista para a obtenção de dados, a qual é muito utilizada pelos pesquisadores. Porém, devem-se ter precauções ao utilizar esse método para adquirir respostas, quanto a escolha dos entrevistados, seleção de perguntas, local, forma de registro das respostas. O entrevistado deve ser informado antecipadamente sobre o local, data, horário para a entrevista, a fim de que se sinta à vontade para responder às questões que lhes serão apresentadas (CERVO e BERVIAN, 1983).

A entrevista busca mais detalhes, mais informações e proximidade com os entrevistados, como foi com as professoras da Educação Infantil e professoras do 1º ano do Ensino Fundamental.

Conforme Cervo e Bervian (1983, p. 157), “a entrevista não é simples conversa. É conversa orientada para um objetivo definido: recolher, por meio do interrogatório do informante, dados para a pesquisa”.

Novamente os autores comentam que:

[...] a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente os pesquisadores em ciências sociais e psicológicas. Recorrem esses à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais e que podem ser fornecidos por certas pessoas. Esses dados serão utilizados tanto para o estudo de fatos como de casos ou de opiniões (CERVO e BERVIAN, 1983, p. 153).

Utilizou-se para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, pois pode utilizar perguntas fechadas e abertas para as entrevistadas e assim obter informações mais complexas e detalhadas. Trivinho (1995, p. 146 apud GONÇALVES, 2014, p. 72) explica que “a entrevista semiestruturada é direcionada para a pesquisa qualitativa, já que ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

3.1.4 LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de São Sebastião do Paraíso, município do Sudoeste do Estado de Minas Gerais, situado na região Sudeste do Brasil. O território de São Sebastião do Paraíso conta com uma área de 822,295 km², e está situado a 107 quilômetros de Ribeirão Preto/São Paulo e distante da capital do Estado, a cidade de Belo Horizonte, em 400 Km.

A população da cidade está estimada em 64.980 habitantes segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010.

A cidade de São Sebastião do Paraíso tem esse nome porque o Capitão Antônio Soares Coelho e o Alferes Manoel Caetano, ao se depararem com o local onde iria ser fundada a cidade, elogiaram aquela campina verdejante, comparando-a a um ‘verdadeiro paraíso’, como mostra Calafiori (1986, p. 4):

“Eis que deparam com uma campina verdejante, ornada com alguns ipês e uma fonte de água cristalina. Caía a tarde de 23 de outubro... raios solares eram filtrados por coloridas nuvens que restaram da chuva que caíra momentos antes. O ambiente era encantador; os dois compadres contemplavam o horizonte. Antônio Soares Coelho quebrou o silêncio proferindo estas palavras que, de geração em geração são repetidas: “Compadre Antônio Antunes, isto aqui é um Paraíso, aqui deverá ser construída a capela”. – “Sim, tens razão, isto aqui é um Paraíso”. Estava assentado o lugar adequado, faltava a oficialização que se efetivou sob a pena do Tabelião Pedro José Correia de Jesus, dois dias após.

Com a doação do local acima, realizada pela família Antunes do local acima, no dia 25 de outubro de 1821, estava fundada a cidade de São Sebastião do Paraíso que seria um pouso obrigatório para os viajantes que chegavam e partiam rumo a São Paulo, Jacuí e outros povoados sul-mineiros.

A Vila de São Sebastião em 01 de dezembro de 1873 obteve sua emancipação política administrativa, sendo elevada à categoria de cidade, fundando assim a Prefeitura Municipal de São Sebastião do Paraíso por meio da Lei Provincial nº 1641, a qual teve como 1º Presidente - que equivalia ao cargo de prefeito - o então Capitão José Aureliano de Paiva Coutinho (CALAFIORI, 1986).

Pelo que foi extraído da ata da 1ª sessão ordinária da Câmara, foi benéfico o mandato do 1º Presidente para a pequena cidade que se iniciava: mandou que colocassem três rampas na rua do Comércio, atualmente denominada de Rua Pinto Ribeiro, solicitou a transferência dos arquivos públicos e trastes da Câmara de Jacuí – MG para essa cidade, aquisição de

exemplares de Código de Posturas Municipais, forneceu verba para a cadeia pública, além da realização de reparos nas estradas existentes (CALAFIORI, 1986).

No final do primeiro período executivo, do então 1º Presidente houve um superávit financeiro; tanto que o mesmo instituiu imposto de invernista-agrícola; auxiliou as obras de construção da nova Matriz no valor de 400 mil réis e solicitou um destacamento policial para a cidade.

Passaram-se os anos, século XX em 1980, foi inaugurada uma nova Prefeitura Municipal sediada na Praça dos Imigrantes, nº. 100, O Paço Municipal hoje se encontra no mesmo local, sendo representada no Poder Executivo por Walker Américo de Oliveira.

Atualmente sua economia está voltada para o café, tendo como referência a Cooparaiso, que se trata de uma entidade autônoma composta por produtores rurais. Além da cultura de café, outras atividades são importantes em sua área de abrangência como: cereais, fruticultura e pecuária de leite e corte (COOPARAISO, 2011).

Os principais pontos turísticos são Hotel Fazenda Leão de Judá; Hotel Termópolis e Pousada Água Azul, Morro do Baú e Cristo Redentor, que ficam em locais afastados da zona urbana. Já entre os pontos turísticos presentes dentro da cidade estão o Museu Napoleão Joele, Casa da Cultura, Lagoinha, Praça da Fonte, Praça da Matriz, Igreja Matriz de São Sebastião.

Na área da educação o município possui 21 (vinte e uma) escolas municipais, 13 (treze) estaduais e 26 (vinte e seis) privadas.

3.1.5 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada nos locais de cada escola em que as professoras de Educação Infantil e professoras do 1º ano do Ensino Fundamental atuam, em horários e dias marcados entre as entrevistadoras e as profissionais.

3.1.6 AMOSTRAGEM

Houve entrevistas com 05 (cinco) professoras da Educação Infantil, sendo que estas atuam na rede municipal, estadual, e também na particular; e 07 (sete) professoras do 1º ano do Ensino Fundamental que também atuam nas respectivas redes de ensino.

A pesquisa levou em conta a seguinte exigência: todos os participantes deveriam concordar em participar do estudo de forma espontânea, assinando o Termo de livre consentimento.

Utilizou-se de amostra intencional. Gonçalves (2014) destaca que, de acordo com determinado critério, é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que compõem a amostra, no caso, pessoas da convivência estreita com os alunos e todos responsáveis por sua formação, a fim de saber a opinião delas. As pesquisadoras (autoras da presente monografia) se dirigiram intencionalmente a grupos de elementos dos quais desejam saber a opinião.

3.1.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Para a realização da pesquisa, que envolve seres humanos, o projeto foi encaminhado ao Núcleo Interno de Pesquisa – NIP da Faculdade Calafiori para ser avaliado, acompanhado de um protocolo de Consentimento Livre Consentido.

3.1.8 PLANEJAMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A entrevista realizada com as 05 (cinco) professoras da Educação Infantil, consiste basicamente em 10 (dez) perguntas claras e objetivas (APÊNDICE A) e com as 07 professoras do 1º ano do Ensino Fundamental, consiste também em 10 (dez) perguntas também conduzidas de forma objetiva (APÊNDICE B).

Todos os procedimentos para a preparação da entrevista foram seguidos de forma correta para não atrapalhar a rotina da escola e das educadoras, para que a mesma acontecesse de forma tranquila e satisfatória para ambas as partes.

Os dados serão avaliados através de análise de conteúdo que será realizada mediante os seguintes aspectos propostos por Bardin (2006, p. 89): “(1) a pré-análise; (2) a exploração do material; (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A apresentação e a análise dos resultados desta pesquisa são retratadas em dois itens. No item 4.1, destacado a seguir, é feita a apresentação dos participantes das entrevistas, retratando-os de forma singular com o intuito de situá-los como profissionais, que estão atuantes na Educação Infantil e no 1º ano do Ensino Fundamental de escolas do ensino de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, os quais entendem como ocorre o desenvolvimento sócio moral na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental das crianças.

Posteriormente, nos itens 4.2 e 4.3, ainda neste capítulo, são apresentadas e discutidas as questões apresentadas aos entrevistados, além da análise das mesmas, buscando assim, respostas aos questionamentos que orientaram todo o trabalho.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Buscamos delinear o perfil dos participantes com o objetivo de verificar se esses profissionais de escolas públicas, bem como particulares conseguem perceber o quanto a transição da criança da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I é complexo, expondo particularidades profissionais e pessoais que fazem toda a diferença quanto a essa percepção. Assim entrevistamos 05 (cinco) professoras da Educação infantil e 07 (sete) professoras do Ensino Fundamental I.

O perfil das professoras foi delineado para verificar o tempo de atuação de cada uma na Educação Infantil, o ano que atua nesse período e sua graduação ou mesmo especialização. Para preservar a identidade das mesmas, foram atribuídas categorias fictícias a cada uma delas. Assim utilizou-se legenda para designar os sujeitos que participaram da pesquisa:

4.1.1 Professoras Regentes da Educação Infantil

- PROFESSORA A

Graduada em Pedagogia há 12 (doze) anos. Atua na Educação Infantil. Já lecionou em outras séries.

- PROFESSORA B

Graduada em Pedagogia, pós Graduação em Educação Infantil há 15 (quinze) anos. Já lecionou em outras séries, mas se identificou mais com a Educação Infantil.

- PROFESSORA C

Graduada em Pedagogia há 20 (vinte) anos. Já lecionou em todas as séries e também atua em escolas da rede Municipal, Estadual e particular.

- PROFESSORA D

Formada em Magistério – 2º grau e Magistério Superior. Atua na Educação Infantil há 18 (dezoito) anos. Já lecionou no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I na rede pública e, também, em escolas particulares.

- PROFESSORA E

Graduada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia clínica e institucional. Atua pela quarta vez na Educação Infantil. Sempre lecionou em escolas públicas. Atou em Atendimento Educacional Especializado (AEE) em sala de recursos e como professora de apoio. Também foi regente de turma no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I e professor eventual, além de coordenadora pedagógica na supervisão escolar.

4.1.2 Professoras Regentes do Ensino Fundamental I

- PROFESSORA A

Graduada em Pedagogia há 18 (dezoito) anos. Atua no Ensino Fundamental. Já lecionou em outras séries.

- PROFESSORA B

Graduada em Pedagogia. Atua no Ensino Fundamental há 12 (doze) anos. Já lecionou em escolas públicas e particulares, nos anos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I.

- PROFESSORA C

Licenciatura plena em Pedagogia, Licenciatura plena em Matemática. Atua como professora no Ensino Fundamental há 13 (treze) anos. Já lecionou em escolas públicas e particulares. Tem experiência em todas as séries do Ensino Fundamental.

- PROFESSORA D

Formada em Magistério (regente de turma); Biologia (Licenciatura Plena); pós-graduada em Educação Infantil. Atua há 17 (dezessete) anos no Ensino Fundamental. Já lecionou em escolas públicas e particulares: do 1º ao 5º ano na rede pública e na rede particular no 1º e 5º ano.

- PROFESSORA E

Graduada em Letras e Pedagogia; pós-graduada em Língua Portuguesa e Linguística. Atua há 15 (quinze) anos no Ensino Fundamental I e II. Leciona nas redes Municipal e Estadual. Já lecionou na rede particular. Atua no Ensino Médio.

- PROFESSORA F

Formada no Normal Superior e Gestão Escolar. Atua no Ensino Fundamental há 17 (dezessete) anos. Já lecionou em outras séries, como pré (educação Infantil), nos anos 1º, 2º e 3º do Ensino Fundamental I, creches e escolas particulares.

- PROFESSORA G

Formada em Magistério na turma de 1980 (37 anos), graduada em Pedagogia e Licenciatura Plena, Magistério das matérias pedagógicas 2º grau, Supervisão Escolar 1º e 2º grau, Administração Escolar 1º E 2º GRAU, Pós-Graduação na área da Educação, em nível especializado, “Metodologia e Didática do Ensino”. Ministrou aulas para adultos. De 1980 a 1990, sala multisseriada zona rural. De 1990 A 2003, diretora da E.E. Pe. Pascoal Borardo. Coordenadora da rede municipal em Monte Santo. Ministrou aulas de Educação Física, de Arte, de Educação Religiosa. Atuou em sala de oficina pedagógica, como Supervisora de Ensino Médio durante 5 anos, 1º e 3º ano, como Supervisora e lecionou no 4º ano do Ensino Fundamental I.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE – PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tomando as falas dos participantes, para estabelecer as significâncias, foram constituídas as categorias de análise. Estas são entendidas como marcos de reflexão, sempre considerando os objetivos propostos para esta pesquisa. Dessa forma, foram constituídas duas

categorias, sendo que ambas se desdobraram em subcategorias, conforme pode ser observado a seguir.

Categoria I CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Subcategoria I Dificuldade que as crianças de 5 (cinco) possuem quanto ao comportamento

As professoras entrevistadas como se poderá observar, apontaram com total maestria e experiência em sala de aula, as dificuldades de seus alunos de 5(cinco) anos quanto ao comportamento. Cada uma com suas palavras, mas que levando-se a perceber que a ênfase da dificuldade do comportamento da criança, em unanimidade é a falta do seguimento de regras.

Acatar regras (PROFESSORA A).

Infelizmente com o passar dos anos, o comportamento das crianças está piorando muito. A maioria tem problemas em casa e isso reflete em sala (PROFESSORA B).

Os hábitos: aprender a ouvir, esperar, dividir. Autonomia, socialização e resolver problemas (pequenos conflitos diários) (PROFESSORA C).

Atualmente é notável a dificuldade que nós, educadoras encontramos. As crianças manifestam resistência para seguir regras estabelecidas (PROFESSORA D).

Noto nas crianças com essa faixa etária, grande dificuldade de relacionar-se com o outro. E vejo que enfrentam no início da escolarização o desafio de compreender e respeitar as regras e combinados, principalmente quando vêm de famílias muito permissivas, em que dificilmente são contrariadas ou ouvem negativas às suas solicitações (PROFESSORA E).

Todas as professoras relataram que há muitas dificuldades quanto ao comportamento das crianças de 5 (cinco) anos. As Professoras A, D e E, por exemplo, comentaram sobre o

acatamento de regras. E esse respeito por seguir regras, como se destacou por meio de alguns autores no Referencial Teórico do presente trabalho, vem da vivência em família.

A criança necessita de limites e de regras, esbraveja no momento do “não”, mas depois acaba concordando e vendo que a mãe ou o pai estavam certos, e conseqüentemente se sentirá segura. Assim, a criança vai aprendendo os valores. Como relata Schmah (2010, p.9),

[...] em definitivo, as crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. A autêntica educação nos valores transmite-se, passa dos pais para os seus filhos desde o dia do nascimento até ao final da vida. Não obstante, tem uma importância relevante durante os primeiros anos.

Portanto, ao dizer “não”, os pais devem sustentá-lo para mostrar realmente que é firme e com o tempo a criança perceberá que não deverá insistir naquilo que na visão deles não pode.

Quanto à professora B, essa comentou que a vivência em família influencia a criança na escola, talvez por ela ter problemas fazendo com que reflita em seu comportamento.

Dessa forma, antes de chegar a Educação Infantil, a criança deve estar bem ajustada ao lar e estar apta para experimentar e conviver com as outras crianças de sua idade, além de se adaptar com relativa facilidade mesmo se não teve ainda qualquer experiência prévia da vida escolar [...] (PIMENTEL, 2012).

Em se tratando da professora C, essa retratou que seus alunos não conseguem ouvir, dividir e ao mesmo tempo não possuem autonomia, gerando um comportamento dificultoso. Aqui, seria a escassez de valores e virtudes.

“As virtudes e valores são as luzes orientadoras que atraem o ser humano. Elas são as forças impulsoras que transmitem energia à motivação e capacidade do ser humano de viver desta ou daquela maneira” (MARQUES, 2008, p. 33).

Além disso, a dependência ainda que dos pais (escassez de autonomia), ou seja, tal preceito não foi bem conduzido em família, não foi muito bem trabalhado na relação filho/família.

“Assim, a relação família/criança quando bem estruturada traz grandes vantagens ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e educacional da criança” (PIMENTEL, 2012).

Crianças devem saber adaptar-se ao processo gradual de transformação durante o período de crescimento (PAGOTTO, 2003). E a família é a base para que tal processo ocorra, até porque é nessa instituição que a criança deve se sentir segura, acolhida.

Subcategoria II Os alunos e a preparação para o recebimento no Ensino Fundamental

As educadoras ofertaram respostas muito diferentes, em sentido e em se tratando de quem elas “promovem” como responsáveis pelas crianças não serem recebidas como deveriam no Ensino Fundamental I.

Sim, pois a maioria já sai alfabetizadas (PROFESSORA A).

Acho que as famílias estão mais preocupadas com datas comemorativas e apresentação dos filhos, na reunião de pais poucos aparecem, acham que deixam tudo por conta da escola (PROFESSORA B).

Sim. Porque adquirem as bases e aprendizagens necessárias, diferente daquelas crianças que não fizeram a Educação Infantil. As crianças vão com amplo conhecimento de números, letras, realizam contagem oral, escrevem seu nome, são mais autônomas, possuem hábitos, socializam, sabem jogar, e seus desenhos já são elaborados (PROFESSORA C).

Acho que poderiam estar melhores. Falta experiência e empenho de alguns educadores (PROFESSORA D).

Eu acredito que as crianças estão preparadas para o Ensino Fundamental, mas falta adequação do ensino às crianças. pela norma vigente a maioria das crianças inicia o 1º ano com 5 anos e as cobranças do ensino e os métodos chocam diante da experiência da E.I. do aprender brincando, as vezes frustra as crianças e as desmotiva (PROFESSORA E).

As Professoras A, C e E responderam que as crianças estão preparadas para serem recebidas no Ensino Fundamental I. O que diferencia entre as respostas dadas, é o sentido. A Professora A visou somente a alfabetização, ou seja, para ela, é o que basta. Já, a educadora C, disse que a base para a transição é de qualidade, portanto as crianças estão preparadas, pois aprenderam não somente conhecimentos, mas quanto ao desenvolvimento houve progresso.

O que foi construído durante anos são os meios que a criança necessitará impulsionar para enfrentar os desafios do novo período escolar diante de inúmeras experiências, além dos requisitos motivacionais para posicionar em ação tais meios. Nada mais é que uma co-construção, que se origina a partir do nascimento, mediante as relações face a face, das ações lúdicas conjuntas, das possibilidades de manuseio de objetos e símbolos, da mediação das

experimentações da criança com o mundo físico e social ao seu redor, por último, por meio dos procedimentos proximais no decurso da primeira infância (MARTURANO, 2015).

E a professora E, apesar de achar que as crianças estejam preparadas para serem recebidas, tem receio à quanto elas se assustam diante de uma nova maneira que aprendem.

“As crianças se sentem perdidas em meio a essas inversões de responsabilidades ao chegarem ao Ensino Fundamental I, pois elas não encontram um referencial de cuidado, respeito, dignidade, afeto, e logicamente não conseguem se comportar de forma adequada na sala de aula” (SOARES, 2006).

Já a professora B, traz que o aluno estando ou não preparado para ser recebido no Ensino Fundamental I é algo que vem do auxílio ou não da família, ou seja, não tem a ver com conhecimentos adquiridos na Educação Infantil.

“Enquanto que o empenho da família quanto à criança durante os anos da Educação Infantil representa a base de uma adaptação bem sucedida na instituição escolar, o suporte no momento da transição ao Ensino Fundamental I é essencial para perpetuar a absoluta realização desse potencial adaptativo concentrado no decorrer do tempo” (MARTURANO, 2015).

E finalmente a professora D, coloca a responsabilidade na escola, por meio de educadores mal preparados.

A professora tem que estar consciente e preparada para compreender que está na presença de um ser complexo de crescimento e adaptações infantis, o qual necessita de condições especiais de meio ambiente. Dessa forma Wallon (1979, p. 32) explica que,

[...] a interação entre professores e crianças ultrapassa os limites da prática docente, do ambiente escolar, do semestre e do ano letivo. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade como forma de construção das interações e do conhecimento. Assim, considera-se o papel do professor como elo fundamental na busca de relações interpessoais que valorizem o universo afetivo.

Assim, um fato importante, é que o professor nunca deve esconder suas emoções negativas, mas sim estar preparado para demonstrá-las de forma sadia em sala de aula.

Em suma:

“Em meio a tudo o que foi exposto até aqui, além da escola, no princípio da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, o papel da família é de extrema importância e se define em dois âmbitos: aquilo que foi construído ao longo dos anos e o suporte no momento da transição” (LADD, 2012).

Subcategoria III Preparação dos professores da Educação Infantil junto aos alunos para o Ensino Fundamental I

As respostas foram unânimes em afirmarem que todas as professoras entrevistadas preparam seus alunos para a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I.

Sim. Desde o primeiro bimestre essa preparação já se inicia, pois é um dos objetivos do pré (5 anos), preparar os alunos para o 1º ano (PROFESSORA A).

Estamos preparando o ano todo, através de: trabalho com alfabeto, números, socialização, linguagem oral e escrito, jogos, músicas e brincadeiras (PROFESSORA B).

Sim. A partir do momento que está inserida na Educação Infantil já estamos preparando a criança para novas etapas tanto cognitiva como afetiva e emocionalmente (PROFESSORA C).

O meu objetivo principal é deixá-los aptos para dar continuidade à sua vida escolar. Para isso, estimo bem o aprendizado e com satisfação encerro no final do ano, de maneira prazerosa. Acredito que uma base bem alicerçada é muito importante para o sucesso da criança (PROFESSORA D).

Todo o processo da Educação Infantil prepara para o ano seguinte do ensino. As crianças concluem o ano sabendo escrever seu prenome sem apoio, conhecendo todas as letras do alfabeto e os números até 10 (quantificando), além de desenvolverem a oralidade, reconto, resolução de problemas e escreverem minimamente na hipótese silábica com valor. Isso servirá de base para o 1º ano (PROFESSORA E).

Cada professora ao seu modo prepara seus alunos para o Ensino Fundamental I. Mas a resposta que nos chamou atenção foi da professora D, ao comentar que finaliza o ano de forma prazerosa por ter conseguido ofertar aos alunos uma base alicerçada que o conduzirá

para o sucesso. Eis aqui a afetividade, que faz toda a diferença na relação professor/aluno para a aprendizagem.

No meio escolar o convívio prazeroso entre professor-aluno é capaz de expandir o processo de aprendizagem tornando-o expressivo e agradável, ainda mais na Educação Infantil, que tudo a criança quer descobrir, conhecer e participar. Assim, como explica Aquino (1996, p. 98),

[...] uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na intolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.

A afetividade entre professor-aluno é de extrema importância para o desempenho integral da criança, assim é necessário caminhar e investir nessa prática, que age de maneira simultânea e decisiva no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, não basta repassar à criança somente conhecimentos, como as demais professoras responderam.

A afetividade, afeto e respeito entre professor e aluno possibilitam um exercício positivo, em que o aluno é tratado como alguém, e não como mais um número. “O aluno não é um depósito nas escolas e sim um ser que precisa de cuidados e de aprendizagem. O mesmo traz uma bagagem bastante significativa com ele, o professor intervir é propício à alfabetização” (CLEMENTE, 2006, p. 56).

Subcategoria IV Quantidade de alunos na passagem para o Ensino Fundamental e a influência no comportamento dos mesmos

Todas foram categóricas em dizer que a quantidade de alunos na passagem para o Ensino Fundamental influencia no comportamento dos mesmos, pela disciplina, pela dificuldade de trabalhar cada um individualmente, enfim, a produtividade rende menos.

Sim (PROFESSORA A).

Deveria ter no máximo 20 alunos por sala; mais ajuda com relação aos alunos com dificuldade de comportamento e aprendizagem (PROFESSORA B).

Sim. Salas numerosas são mais difíceis de serem trabalhadas. Quando se tem um número razoável de alunos podemos atender melhor aqueles com dificuldade, fazer questionamentos mais elaborados o trabalho flui melhor (PROFESSORA C).

Com certeza! Se trabalharmos com um número menor de crianças a concentração, interesse e assimilação do conteúdo são bem mais efetivos. o aprendizado é menos produtivo (PROFESSORA D).

Com certeza a quantidade de alunos influencia no comportamento da turma. Turmas superlotadas geram indisciplina e desatenção por parte dos alunos. Quanto à passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental não vejo relação com a quantidade de alunos nas turmas, visto que este é um processo individual vivenciado por cada criança e para cada uma será de uma forma (PROFESSORA E).

Em meio a respostas iguais, eis que surge algo inovador, como a complementação que a Professora E deu à sua resposta, ao comentar que em se referindo à passagem de um período para o outro não há relação, pois cada aluno é cada um; ou seja, cada aluno “sentirá” essa passagem a sua maneira, até porque as vivências e conhecimentos são distintos.

Cada criança tem o seu mundo interior e exterior, assim tem o seu tempo também, nenhuma criança é igual à outra em se tratando de aprendizagem. Segundo Demo (2000, p. 34),

[...] assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem, do grupo étnico do qual fazem parte. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precária condição de vida e ao trabalho infantil, ao abaixo a exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano.

Como é apontado novamente em Brasil (1998, p.21),

[...] à criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz de uma organização com uma determinada cultura, em determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições.

As crianças que estão na Educação Infantil apresentam uma natureza única, que se destacam como seres que veem o mundo de um modo só seu.

Categoria II INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: REGRAS DE CONVÍVIO E RESPONSABILIDADES

Subcategoria I Dificuldade quanto à prática pedagógica e a participação dos pais na vida escolar do aluno

Todas as professoras foram unânimes quanto às duas questões indagadas: há muita dificuldade na prática pedagógica e não há participação dos pais na vida escolar do aluno.

Dificuldade na prática = as crianças chegam nessa fase, porém imaturas para a série, querem brincar muito. A participação dos pais não se dá a forma que se faz necessário! (PROFESSORA A).

Sinto dificuldade com as crianças com problemas de comportamento e aprendizagem. Em relação aos pais sinto que hoje o aluno tem sempre razão, o professor fica em uma situação difícil (PROFESSORA B).

A dificuldade é o comportamento que atrapalha o andamento da aula e da aprendizagem. Alguns pais participam, entretanto os que mais precisam ajudar seus filhos são ausentes (PROFESSORA C).

A participação dos pais, ultimamente está a desejar. A maioria alega não ter tempo de acompanhar o filho participando em reunião, deveres de casa e nem mesmo a olhar agendas (PROFESSORA D).

Citando Marcos Meier, mestre em educação, psicólogo, escritor e palestrante. “... um monte de coisas da área básica das famílias não está pronto, e o professor precisa dar conta disso”... acredito que essa é a maior dificuldade enfrentada pelos educadores atualmente. Quanto à participação na vida escolar, é evidente no comportamento das crianças os pais participativos, que se preocupam e conversam com seus filhos sobre seu dia na escola (PROFESSORA E).

Quanto à dificuldade na prática pedagógica, a Professora A comentou que é uma questão de imaturidade.

“Através dos valores adquiridos, no grupo familiar no período da primeira infância, quando a criança está na Educação Infantil, começa a transformação para o período da maturidade, para a chegada a um novo período escolar, como o Ensino Fundamental I” (SOARES, 2006).

Já as professoras B e C disseram que é o comportamento.

[...], entre família/filho, pode-se perceber que a disciplina, o bom comportamento, os valores e virtudes, enfim e a educação são adquiridos pela criança em casa, junto com a família, principalmente na primeira infância, que é o período essencial para o desenvolvimento da criança, além das experiências que são levadas para o resto da vida (MARQUES, 2008).

A professora D e E não responderam quanto à dificuldade na prática pedagógica. E nos dois pontos que dificultam a prática pedagógica está a relação filho/família, na preparação dessa instituição para quando a criança chegar à Educação Infantil.

Assim, quanto a família não participar da vida escolar de seus filhos, como todas disseram, é algo complicado e que faz toda a diferença para o ensino aprendizagem e para o comportamento deles na escola. Eis as citações abaixo:

“[...] é necessário que a família esteja sempre atenta a contribuir para o processo educacional de seus filhos de forma global” (BATISTA, 2017).

Os pais que valorizam a escolaridade e apresentam expectativas positivas em relação a ela são aqueles que mais contribuem para um comportamento melhor de seus filhos, sobretudo ao encorajá-los em seus progressos escolares, principalmente quando mudarem de um período escolar, como no caso da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, onde há muitas mudanças em todos os aspectos (BATISTA, 2017).

Portanto, realmente a família é o alicerce para a criança, tanto na primeira infância, atuando como instituição que a auxilia em seu desenvolvimento global, como quando está na escola, em seu processo ensino aprendizagem, sua prática pedagógica e comportamento.

Subcategoria II Participação da família quanto à criança na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental

Cada professora entrevistada respondeu a sua maneira, mas a maioria disse que a família não participa da passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

É passado aos familiares sobre a importância do momento, porém algumas famílias não se comprometem (PROFESSORA A).

Acho que as famílias estão mais preocupadas com datas comemorativas e apresentação dos filhos. Na reunião de pais poucos aparecem, acham que deixam tudo por conta da escola (PROFESSORA B).

Alguns pais ajudam nessa nova etapa da vida da criança, porém infelizmente alguns pais ainda acham que a Educação Infantil tem o papel de cuidar dos seus filhos tratando a professora como babá e não valorizando as aprendizagens pela criança (PROFESSORA C).

Sim de certa forma, mas na maioria, está preocupada com a garantia da matrícula na escola de preferência. O sistema social atual contribui para ausência dos pais no cotidiano de seus filhos (PROFESSORA D).

O que noto por grande parte das famílias é uma desvalorização da Educação Infantil como fase de desenvolvimento educacional. Eles acreditam que a “escola” que realmente importa é aquela em que as crianças são avaliadas. O movimento que nós educadores fazemos é o de valorização dessa fase de ensino, partilhando a aprendizagem desenvolvida na sala com os pais, para que compreendendo os anseios das crianças, possam auxiliá-las na passagem para o Fundamental (PROFESSORA E).

As professoras A, B, D disseram que cada família age de uma forma, mas que não do modo como deveria ser para participar da passagem de um período para o outro. A professora A, disse que ela conversa a respeito da importância do momento com a família, mas simplesmente não há comprometimento. Já a B, disse que as famílias se preocupam com datas comemorativas, simplesmente. E a professora D, relatou a preocupação da família em ter garantia de matrícula para o próximo ano, nada mais.

Rodrigues (2003, p. 41) traz que, “[...] hoje as famílias são pessoas ocupadas com exercícios de atividades fora da relação familiar, o que faz com que desapareça a unidade familiar como unidade educativa e produtiva.”

Quanto às professoras C e E responderam que as famílias não participam da passagem entre os períodos em estudo pelo fato de que não veem a Educação Infantil como algo

valeroso pedagogicamente, mas como função de cuidar das crianças. E como disse a professora E, há famílias que dão valor à escola, na qual o aluno é avaliado.

Assim, de acordo com fontes de pesquisa como Davis (2008), é interessante que as famílias conheçam e valorizem o que se faz na escola, já que se tem muito difundida a ideia de que na Educação Infantil, as crianças vão à escola para brincar que não é preciso saber muito para que brinquem, joguem, para lhes dar de comer, é preciso ter paciência, boa disposição, gostar de criança.

Categoria III EXPECTATIVAS E SUGESTÕES DOS PROFESSORES

Subcategoria I Expectativas dos alunos de 5 anos e dos professores no ingresso ao Ensino Fundamental

Cada aluno tem a sua perspectiva para a passagem para o Ensino Fundamental I, ao mesmo tempo cada professora entrevistada sente a expectativa de um modo para determinado aluno.

Expectativas pessoais = que venham alunos com vontade de aprender, amáveis, educados. Expectativas dos alunos se mostram em sua maioria inseguros, porém animados (PROFESSORA A).

Muitos alunos têm interesse e alguma dificuldade, cabe ao professor trabalhar com a dificuldade existente; encaminhando para especialista ou chamando a família. Ainda bem que temos um ano de trabalho, onde é possível notar o desenvolvimento (PROFESSORA B).

As crianças querem ir para o primeiro ano para aprenderem a ler e escrever. Minha expectativa é que aprendam, porém de forma lúdica e não maçante. As escolas devem também preocupar-se com a maturidade das crianças e entenderem que “brincar” é necessário ao seu desenvolvimento (PROFESSORA C).

A minha expectativa é que a aprendizagem seja prazerosa e lúdica, que estejam aptos a expressar no 1º ano dando continuidade, com a segurança e autoestima bem alicerçada aos estudos (PROFESSORA D).

Constrói-se na Educação Infantil a base para que todas as demais aprendizagens construam-se sobre ela. Se a base for bem estruturada, toda a construção será estável e confiável. Espero que meus alunos se

adaptem bem ao ensino fundamental e alcancem as metas propostas para o ensino. As crianças querem apenas mudar de ano de ensino, aprender a ler e escrever, ter novas matérias escolares (PROFESSORA E).

As professoras A e B sentem que os alunos que vão para o Ensino Fundamental I estão inseguros, outros animados, outros interessados; até porque cada criança tem uma percepção. Como pode-se verificar no contexto do trabalho, “cada criança possui uma capacidade emocional, cognitiva, têm experiências diversificadas e variadas em meio a inúmeros assuntos” (WEISZ, 2000).

Em se tratando da professora C, e E; essas enfatizaram que as crianças querem ir para o outro ano para aprenderem a ler e escrever. Dessa forma, apesar de toda mudança, as crianças do ponto de vista dessas professoras estão motivadas. No Referencial Teórico do presente trabalho se destacou exatamente essa percepção: “a criança ao ingressar no Ensino Fundamental I verifica e sente como o seu dia a dia na sala de aula é diferente, e conseqüentemente sente medo, ansiedade; juntando ao sentimento de alegria por estar aprendendo assuntos novos, aprendendo a ler e escrever” (CHECCONI, 2016). Portanto é uma mistura de sensações boas e ruins, mas que farão com que a criança se desenvolva.

As respostas da professora C e D quanto a expectativa do professor para com os seus alunos é que eles continuem aprendendo no Ensino Fundamental I de modo prazeroso e lúdico. Mas como aponta Campos e Dias (2015, p. 1),

A passagem da criança da educação infantil para o ensino fundamental se caracteriza pela força cultural do mundo letrado na sociedade. Em busca não somente da razão de ser, mas de muitas outras razões da própria existência humana, as crianças ingressam no universo escolar cheias de expectativas. Nesse contexto, elas interagem com o novo, com o inesperado, e experimentam as vivências mais variadas possíveis dentro do próprio grupo, com os adultos, os espaços e os objetos que constituem esses espaços.

Assim, o lúdico quase sempre não é trabalhado no Ensino Fundamental I: as atividades de Língua Portuguesa e Matemática já não são tão lúdicas, há mais tarefas, atividades diversificadas quanto ao restante das disciplinas, menos tempo para brincadeiras em sala de aula, [...] (CHECCONI, 2016).

Subcategoria II Expectativas do professor quanto ao comportamento do aluno da Educação Infantil.

Somente a professora A respondeu que alguns alunos correspondem às suas expectativas.

Em partes, alguns sim outros não (PROFESSORA A).

Houve uma mudança de comportamento de quando eu entrei, para os dias atuais (PROFESSORA B).

O professor não pode querer ter alunos com mesmo o comportamento de dez anos atrás. A estrutura familiar mudou, a chegada e acesso ao mundo digital influenciou muito, as crianças estão informadas de tudo que acontece ao seu redor. Cabe ao professor dar uma aula mais atraente para que despertem seu interesse ao conhecimento (PROFESSORA C).

A maioria não, eles manifestam muita resistência para cumprirem regras e combinados (PROFESSORA D).

Não há como responder tal pergunta de forma genérica, cada criança é única em sua personalidade e comportamentos. Como já disse anteriormente, há em algumas crianças o comportamento de não aceitar negativos às suas solicitações, agindo com agressividade ou inquietação diante de tal situação, o que é um comportamento inesperado (PROFESSORA E).

As professoras B, C e D disseram que os alunos não correspondem às suas expectativas. As professoras B e C disseram que na atualidade, os alunos mudaram em comparação a tempos anteriores. A professora C apontou que pela estrutura familiar ter mudado e o mundo ser mais tecnológico, as crianças são diferentes no comportamento. Barbosa (2010) revelou que: [...] inúmeras famílias com composições diversas, desde pai, mãe e filho, até primos e avós, onde a avó que cuida dos netos de mais de um filho; não falta afetividade, contudo, pode deixar a desejar quanto aos ensinamentos de valores, pelo fato de que os avós simbolizam alegria na vida de uma criança e não se consideram apropriados para reivindicarem, pois acabam ficando penalizados pela ausência dos pais e sendo dessa forma não aplicam e não se utilizam de limites com os mesmos.

Dessa forma, pelo fato do mundo estar tão tecnológico que como foi enfatizado no bojo do Referencial Teórico os pais e professores devem “resgatar as brincadeiras e

brinquedos populares; utilizar o brinquedo educativo, admitindo que ensinar não é transmitir, mas sim dar continuidade e condições para que a aprendizagem efetivamente aconteça; é o principal objetivo do uso do brinquedo na Educação Infantil” (MARCELLINO, 2003).

Para finalizar, a professora E, disse algo interessante: não há como revelar sobre se as crianças correspondem à expectativa em se tratando do comportamento, pois cada criança é única no seu modo de agir, podendo agir de forma agressiva ou inquieta:

“Cada criança tem o seu tempo e o seu ritmo, dependendo da motivação que tem, dependendo da vivência que possui, dependendo de uma série de fatores” (DEMO, 2000).

“Perceber e conhecer o modo pessoal de cada criança ser e atuar no mundo é um imenso enfrentamento da Educação Infantil e de seus profissionais, como professores e equipe pedagógica” (DEMO, 2000).

Subcategoria III Comentário ou sugestão diante da passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

As professoras B e E não responderam.

Em relação à transição, é um momento em que a criança deve ser acompanhada pela equipe escolar e também pela família (PROFESSORA A).

Não respondeu (PROFESSORA B).

As crianças da educação infantil sentem um desafio grande, pois estão acostumadas em um ambiente lúdico, prazeroso e nem sempre o primeiro ano traz isso para os alunos, preocupando-se apenas em alfabetizar. Devem fazer isso de uma maneira interessante para que as crianças sintam alegria em ir para a escola (PROFESSORA C).

Penso e acredito que a melhor forma de atingir os objetivos é através da prática e sugiro que sejam realizados estágios na Educação Infantil, auxiliando nas necessidades dos alunos com apoio do educador. Assim, o discente tem a possibilidade de conhecer a

realidade de uma sala de aula e de como intervir diante dos desafios para o avanço na aprendizagem dos alunos (PROFESSORA D).

Não respondeu (PROFESSORA E).

A professora A, disse como sugestão de contribuição da passagem do aluno da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, a junção família e escola como acompanhantes nesse momento.

Um bom diálogo entre a família e o educador para conhecer as vivências e experiências de seu aluno é muito importante para o desenvolvimento, aprendizagem, respeito entre educador e aluno; segurança da própria criança que chega tão ansiosa em busca de mais e mais conhecimentos e se depara com uma rotina bem diferente que tinha na Educação Infantil. (RANGEL, 2002).

Com a ajuda da família, a escola consegue uma integração social da criança com base em uma relação de segurança e afetividade que vai sendo construída ao longo do processo.

A professora C, explicou que a passagem é um desafio, ou seja, passar de momentos lúdicos e prazerosos para momentos de alfabetização. Assim, é um choque, portanto, o educador deve possuir meios interessantes para que a criança não se sinta tão sem alegria, sem motivação.

A dinâmica do processo de alfabetização dos professores do 1º ano do Ensino Fundamental deve ser motivador, interessante e, principalmente possuir significado, a fim de permitir que o aluno escreva e leia, isto é, que seja uma construção resultante da interação da criança com a língua escrita. (BRASIL, 2013).

E a professora D, sugere que deve haver estágios na Educação Infantil para auxiliar os educadores com o propósito de mostrar ao aluno a realidade de uma sala de Ensino Fundamental I, ou seja, mostrar pela prática.

Do ponto de vista de Neves et al., (2011, p. 123), “a Educação Infantil teria, como função preparar as crianças para um melhor desempenho no Ensino Fundamental”.

“O profissional deverá mostrar como a criança está crescendo e que sua passagem na Educação Infantil teve grande importância, mas que agora as rotinas mudarão, e que ela começará um novo ciclo na vida, o qual terá tamanha importância, como teve quando chegou à Educação Infantil” (NEVES, et al; 2011).

4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE – PROFESSORAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tomando as falas dos participantes, para estabelecer as significâncias, foram constituídas as categorias de análise. Estas são entendidas como marcos de reflexão, sempre considerando os objetivos propostos para esta pesquisa. Dessa forma, foram constituídas três categorias, sendo que se desdobraram em subcategorias, conforme pode ser observado a seguir.

Categoria I CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS QUE INGRESSAM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Subcategoria I Comportamento apresentado pelas crianças ingressantes no Ensino Fundamental I

Houve dois grupos de professores quanto às respostas: um grupo (A, B e C) destacou ser a imaturidade, escassez de limites que geram o comportamento pelo qual as crianças ingressantes no Ensino Fundamental I possuem. O outro, a agitação, falta de atenção e insegurança (E, F, e G).

Em relação ao comportamento, acredito que um pouco imaturos, com dificuldades em aceitar o novo (PROFESSORA A).

Estão chegando muito sem limites e regras (PROFESSORA B).

Em geral, elas têm chegado com comportamentos inadequados. Falta disciplina, regras e principalmente limites (PROFESSORA C).

Quanto ao comportamento, estão chegando um pouco sem limites, às vezes, pela imaturidade (PROFESSORA D).

Muito agitadas, sempre demonstrando necessidade de satisfazer seus desejos no momento que lhes convém, não sabem esperar, muito imediatistas e com grande dificuldade de respeitar regras. não trazem requisitos básicos como sentar no momento adequado ou até mesmo esperar sua vez de falar (PROFESSORA E).

Em relação ao comportamento, as crianças vêm demonstrando cada vez mais falta de atenção, falam muito, brigam e são muito inquietas

(é claro que há exceções). É preciso um trabalho insistente de hábitos, regras, e muita persistência sempre com os mais agitados (PROFESSORA F).

Coordenadora de 1º e 4º ano do Ensino Fundamental. Mudança radical gera comportamento inadequado, desatenção e insegurança; crianças imaturas com pouca criatividade, poucas brincadeiras e muita responsabilidade, não estão preparadas (PROFESSORA G).

A criança necessita de limites e de regras, esbraveja no momento do “não”, mas depois acaba concordando e vendo que a mãe ou o pai estavam certos, e conseqüentemente se sentirá segura. Assim, a criança vai aprendendo os valores. Como relata Schmah (2010, p.9),

[...] em definitivo, as crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. A autêntica educação nos valores transmite-se, passa dos pais para os seus filhos desde o dia do nascimento até ao final da vida. Não obstante, tem uma importância relevante durante os primeiros anos.

Portanto, ao dizer “não”, os pais devem sustentá-lo para mostrar realmente que é firme e com o tempo a criança perceberá que não deverá insistir naquilo que na visão deles não pode.

Tanto limites como regras produzem maturidade na criança, que é o que tanto falta no comportamento apresentado pelas crianças ingressantes no Ensino Fundamental I, como responderam as professoras A, B e C.

Além disso, o resultado de tudo isso é a agressão, o desrespeito, a intolerância nos ambientes escolares, como as professoras E, F e G responderam.

“Nas escolas, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, por meio de atitudes que levem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição” (PEREIRA, 2011).

Subcategoria II A preparação dos alunos que saem do pré de (5 anos) quanto ao ingresso no Ensino Fundamental

Como se pode verificar abaixo, somente a professora A, respondeu que sim, que os alunos do pré de (5 anos) saem preparados para ingressar no Ensino Fundamental I, contudo imaturos.

Preparados sim, saem alfabetizados, porém imaturos (PROFESSORA A).

Alguns sim, outros chegam muito imaturos (PROFESSORA B).

Alguns sim e outros não. Acho que no último ano da Educação Infantil os educadores deveriam fazer um trabalho diferenciado a fim de prepará-los para ingressar no Ensino Fundamental, pois assim alunos e professores sentiriam menos impacto da mudança (PROFESSORA C).

Depende de cada criança. Umas sim, enquanto outras não. Para que cheguem preparadas, precisam, também serem "bem preparadas" no Ensino Infantil (PROFESSORA D).

Na realidade não. A maioria ainda demonstra muita imaturidade. cansam com rapidez e demandam tempo maior de consolidação de conteúdo (PROFESSORA E).

Percebo que muitos chegam ao Ensino Fundamental, demonstrando dificuldades em muitos requisitos básicos que certamente já foram trabalhados na Educação Infantil (PROFESSORA F).

Há uma diferença muito grande nos planejamentos e quando o aluno chega ao 1º ano, parece que esquecem a idade e que são crianças (pegam pesado). Se não estão preparados sofrem, têm metas para cumprir. Muitos não acompanham, podem criar traumas, autoestima baixa, tudo por causa da imaturidade (PROFESSORA G).

As professoras B, C, e D disseram que alguns alunos sim, outros, não. A professora C comentou que há necessidade de um trabalho diferenciado com o objetivo de preparar essas crianças para o Ensino Fundamental I.

Diante do que a professora C respondeu fundamenta-se:

A professora da Educação Infantil tem o dever de respeitar a aprendizagem de cada criança, e conseqüentemente procurar individualizar cada uma e cada atividade trabalhada. É que cada criança possui uma capacidade emocional, cognitiva, tem experiências diversificadas e variadas em meio a inúmeros assuntos. Diante disso, cada professora deve

planejar, elaborar e ofertar às crianças uma variedade de experiências que correspondam às necessidades das mesmas, ou mesmo de cada uma (WEISZ, 2000).

Já, as professoras E, F e G revelaram que não, as crianças alunos do pré de (5 anos) não saem preparados para ingressar no Ensino Fundamental I. Umas porque estão imaturas, como respondeu a Professora E; outras, porque chegam com dificuldades (Professora F) e outras, porque se deparam com uma realidade completamente diferente da que vivenciavam na Educação Infantil, assim criam traumas.

Dessa forma, como foi evidenciado no contexto do Referencial Teórico, é necessário que a Educação Infantil seja um período de preparação para o ingresso ao Ensino Fundamental I, e conseqüentemente trabalhando a autonomia, a sociabilidade, a imaturidade; diante de uma rotina pedagógica de qualidade.

Em meio a toda essa organização pedagógica que deverá conter na rotina da Educação Infantil é interessante que o ambiente desse período seja interativo, desafiador, revelador quanto às produções das crianças, flexível, favorecedor do desenvolvimento da autonomia e da construção da identidade das mesmas (BRASIL, 2013a).

A motivação é um fator que faz a criança querer aprender, levando-a ter sucesso na aquisição do conhecimento. As motivações que levam a criança aprender são de níveis de desenvolvimento humano biológico, psicológico e social, como aponta Drouet (2010, p.9),

[...] existem pelo menos sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, seja qual for a teoria de aprendizagem considerada. Os sete fatores são, a saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção, memória.

Portanto, à medida que a criança vai adquirindo mais competência na Educação Infantil, deve-se diminuir a ajuda e aumentar as exigências, para avançar, desde uma prática muito orientada, até a uma ajuda mais indireta para ela conseguir uma prática autônoma e maturidade.

Subcategoria III Material didático do aluno ingressante no Ensino Fundamental em comparação ao da Educação Infantil

As professoras A, B, C e F disseram que no 1º ano do Ensino Fundamental o material didático usado condiz com o que o aluno traz consigo do que aprendeu na Educação Infantil.

Sim, pois o material é sequenciado (PROFESSORA A).

Creio que sim (PROFESSORA B).

Sim. O material possibilita uma sequência didática, um trabalho organizado, com crescimento e aprofundamento em conceitos e saberes (PROFESSORA C).

Não, porque eles chegam ao 1º ano sem saber manusear um caderno, livro...não sabem nem manusear situações que envolvam materiais concretos (PROFESSORA D).

Algumas vezes sim, porém, nos casos em que o aluno não atingiu a meta proposta para a Educação Infantil, o material está muito além (PROFESSORA E).

Sim, o material didático é uma sequência do que já aprenderam anteriormente. Depende do professor dar uma boa continuidade no trabalho, visando atender as dificuldades dos alunos, não quebrando as brincadeiras, jogos e muito material concreto também (PROFESSORA F).

Não. Muitos professores gostam de materiais xerocados, livro didático e etc. as escolas oferecem material, sugestões para confeccionar com os alunos, mas dá trabalho e infelizmente o quadro negro ainda reina nos dias de hoje. (sair com os alunos, rodas de conversa, leitura e dramatizações são poucas que trabalham (PROFESSORA G).

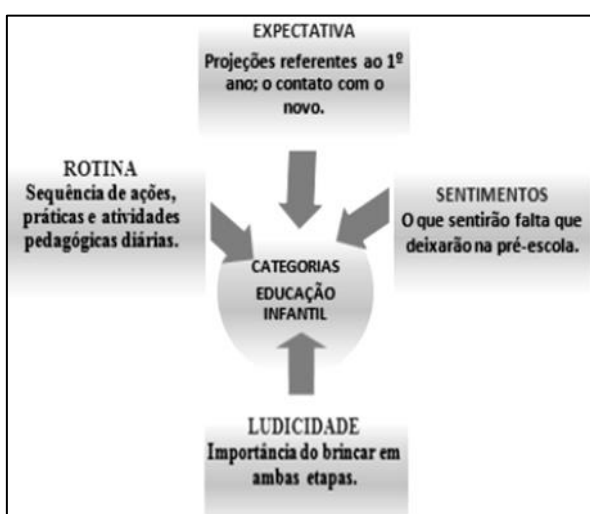
As professoras D e G responderam que no 1º ano do Ensino Fundamental o material didático usado não condiz com o que o aluno traz consigo do que aprendeu na Educação Infantil.

E para que o processo da alfabetização seja bem trabalhado, a rotina, assim como na Educação infantil, no 1º ano do Ensino Fundamental é extremamente importante para que a criança se situe e dessa forma tenha um ambiente motivador, prazeroso, divertido, agradável e acima de tudo **com segmento**; para que ocorra a construção do conhecimento da mesma com qualidade (Grifo das autoras) (BRASIL, 2013).

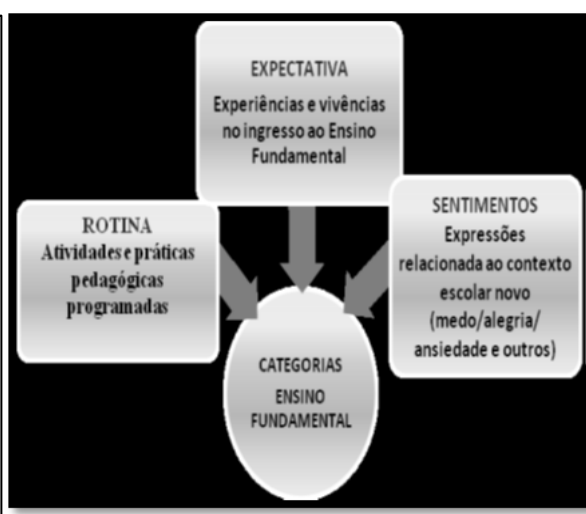
A professora D explicou que os alunos ao chegarem ao Ensino Fundamental I ainda estão acostumados a manusear o concreto, assim não conseguem manusear nem o livro e nem o caderno, ou seja, estão imaturos.

Para que as crianças não se assustem com tamanha diferença, deve-se ter uma coesão entre as categorias destacadas nas Figuras 1 e 2; ou seja, unificação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Figura 1 – Categorias da Educação Infantil **Figura 2** – Categorias do Ensino Fundamental



Fonte: Checconi, 2016, p. 123.



Fonte: Checconi, 2016, p. 90

Já, a professora G, disse algo extremamente interessante e infelizmente verídico. Muitos educadores são práticos, ou seja, não continuam com o trabalho sequenciado, ou seja, deixam de oferecer ao aluno ingressante o lúdico, o concreto. Veja o que trouxe Brasil (2013, p. 121) no Referencial Teórico:

A escola deve adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, **utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de racionar manuseando-os**, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares. [...] **é preciso garantir que a passagem da Pré-Escola para o Ensino Fundamental** não leve a ignorar os conhecimentos que a criança já adquiriu. (Grifos das autoras).

Como se pode verificar, seria correto que a professora do 1º ano do Ensino Fundamental não ignore o que o aluno traz consigo da Educação Infantil, até porque ele

mudou de período, mas ele deve ter um seguimento, pois a primeira infância é a base para todo o seu aprendizado em sua chegada e no seu futuro.

Subcategoria IV Quantidade de alunos na passagem para o Ensino Fundamental e a influência no comportamento dos mesmos

Foi unânime quanto às professoras entrevistadas afirmarem que a quantidade de alunos, influencia no comportamento, na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Sim (PROFESSORA A).

Sim, pois uma turma numerosa é sempre mais falante e mais agitada. e isso influencia muito em sala de aula (PROFESSORA B).

Sim. Uma sala muito numerosa pode dificultar o trabalho do professor (PROFESSORA C).

Sim, a sala lotada dificulta o processo de ensino aprendizagem; porém, não é impossível (PROFESSORA D).

Com certeza! Uma turma de primeiro ano com um número elevado de alunos impossibilita ao educador a realização das intervenções nos momentos necessários e adequados, visto que há a necessidade de atender o geral quando os alunos não foram acostumados a aguardar na Educação Infantil (PROFESSORA E).

Sem dúvida! Uma sala com número menor de alunos facilita bastante o trabalho do professor, até mesmo para lidar com os mais indisciplinados! A quantidade de alunos da Educação Infantil para o Ensino Fundamental não muda muito, a não ser se comparado com a escola particular (PROFESSORA F).

Influencia muito, os alunos requerem muita atenção das professoras e é necessário fazer intervenções a todo momento. Para o aluno perceber os sons e reconhecer as sílabas e etc. traçado dos números, quantidade, precisa ser individual (PROFESSORA G).

Todas comentaram que um número reduzido de alunos, principalmente no 1º ano do Ensino Fundamental, que é uma transição tão complexa é algo essencial, pelo fato de que o educador poderá trabalhar com mais qualidade com os alunos ingressantes, facilita o trabalho,

principalmente quanto aos indisciplinados. E como disse a professora G, atividades para reconhecimento de sons e sílabas, traçado de números; que exigem mais atenção e silêncio; a quantidade de alunos é essencial.

Categoria II INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: REGRAS DE CONVÍVIO E RESPONSABILIDADES

Subcategoria I Dificuldade quanto à prática pedagógica e a participação dos pais na vida escolar do aluno

Das 7 (sete) professoras entrevistadas, 4 (quatro) responderam que em relação aos pais, eles participam na vida escolar do aluno, sendo a professora B, C, D e E.

Quanto à dificuldade na prática pedagógica apenas três professoras responderam (C, D e E). A professora C disse que há muitos problemas voltados à passagem do aluno. Já, a professora D comenta sobre a imaturidade das crianças voltada à prática pedagógica. E a professora E, respondeu algo que está bastante em voga na educação, a inclusão de crianças em escolas regulares. Ela comentou sobre a dificuldade que ela, como educadora encontra.

“As escolas precisam se reestruturar para atender a todo tipo de diversidade, isso significa estar apta a receber, não somente os alunos comuns, mas também aqueles que apresentam algum tipo de deficiência” (MENDES, 2002, p. 14).

Quando se trata de receber as crianças com deficiência nas escolas regulares, não é apenas incluí-las àquele ambiente, mas ajudá-las em suas dificuldades, necessidades e limitações. E para isso a escola regular necessita de pessoal capacitado e de ambiente adaptado.

A simples implantação dos alunos com deficiência na rede regular de ensino, sem nenhum apoio, não garante seu sucesso escolar.

A maior dificuldade é aceitação das regras da escola, tanto pelos alunos quanto pelos pais (PROFESSORA A).

Em relação aos pais, vejo que pais de alunos de escolas particulares são mais ‘parceiros’ dos professores (PROFESSORA B).

A dificuldade é no início do ano letivo até resolver os problemas citados na questão anterior. Em relação aos pais, são participativos e interessados na vida escolar de seus filhos (PROFESSORA C).

No caso, a sala do 1º ano a dificuldade que encontro é a imaturidade por parte das crianças. Sim, os pais são participativos na vida do aluno (PROFESSORA D).

Em relação ao trabalho com alunos de inclusão, pois por mais que nos esforcemos, não estamos realmente preparados, necessitamos de apoio. Quanto à participação dos pais, há boa participação sim em minha turma de primeiro ano (PROFESSORA E).

Minha maior dificuldade é mesmo com as famílias. Aquelas que mais precisam de estar sempre ao lado da vida escolar dos filhos são as que mais ficam ausentes (PROFESSORA F).

Difícil, os pais trabalham o dia todo, quando não trabalham, estão envolvidos em ambientes desfavoráveis. Preocupam em dar tudo o que os filhos pedem. Atenção, carinho, conhecimento, são poucos os que sabem educar. A participação dos pais no cotidiano escolar dos filhos é um fator determinante para o desempenho do aluno. A família é uma instituição importante no processo ensino aprendizagem, é necessário um trabalho intenso com as famílias, dando orientações e suporte para ajudá-los na educação de seus filhos (PROFESSORA G).

Em se tratando das professoras A, F e G, responderam que em relação aos pais, eles não participam da vida escolar do aluno. A professora A, disse que os pais nem aceitam as regras.

“A participação da família não pode causar confusão sobre as responsabilidades, as funções e as expectativas, implicações, o objetivo maior é a proximidade dos dois contextos principais de desenvolvimento das crianças na escola. Até porque uma instituição educa e a outra ensina.” (CONTE, 2009).

A professora F, respondeu que a grande preocupação dela é com os pais, pelo fato de que são exatamente os pais dos alunos que necessitam da junção das duas instituições, que não participam. Como foi mostrado no Referencial Teórico: os professores esperam a colaboração dos pais e um maior envolvimento deles com as atividades dos filhos. As expectativas de pais e mães em relação ao futuro são fatores que podem cooperar ou não para que estas crianças estejam motivadas para um bom desempenho escolar (CORRÊA, 2011).

E a professora G, retrata que os pais apenas ofertam bens materiais aos filhos, devido à escassez de tempo, e conseqüentemente não participam da vida escolar dos mesmos. E como ela disse, a família é a instituição essencial no processo de ensino aprendizagem.

“A família é importante base para a construção de crianças. Berço de sua formação pessoal e social. A família se constitui efetivamente como grupo organizador e preservador de valores e conceitos” (FAUSTO-NETO, 1982).

Subcategoria II Participação da família quanto à criança no início do Ensino Fundamental

Diferente da resposta da questão anterior, no início da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, há mais participação dos pais na vida escolar de seus filhos. Cinco professoras disseram que a família participa prontamente na transição (PROFESSORAS B, C, D, E e F), como se pode verificar abaixo.

[...] os pais e a família podem auxiliar prontamente a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I possibilitando, desde os primeiros anos de vida, vivências enriquecedoras que propiciam o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de atribuições interpessoais que consolidam um excelente relacionamento com o professor e seus amigos de sala de aula e da escola. No momento da transição, as práticas familiares que possibilitam a junção família/escola possui um essencial papel. Mediante seu desenvolvimento com a vida escolar dos filhos, os pais informam à criança o quanto a consideram e o quanto apreciam seu aprendizado escolar. “A constância do meio familiar nessa fase oferece à criança uma percepção de permanência e confiança diante das mudanças em andamento”(MARTURANO, 2015).

“Assim, é interessante que principalmente no início da transição, quando a criança está se adaptando, é essencial que os pais verifiquem os cadernos do filho, mas não realizem as tarefas, apenas observar e auxiliá-lo quando necessário. Esse ponto é muito importante, a junção família e escola nesse momento, em que a criança vive algo novo em sua vida” (MOTTA, 2011).

Eis as respostas:

Algumas famílias participam, porém outras são omissas (PROFESSORA A).

Estão bem participativos. Mas, percebo uma certa insegurança ainda de alguns pais e isto é de certa forma passada para seus filhos (PROFESSORA B).

As famílias são bem participativas, porém elas também ficam ansiosas e um pouco inseguras. Cabe ao professor demonstrar seu conhecimento, passar segurança às famílias para que assim o seu trabalho possa fluir da melhor maneira possível (PROFESSORA C).

Como é o ‘primeiro ano’ do ensino fundamental os pais têm um olhar diferente e participam sim da vida escolar do filho (PROFESSORA D).

Em minha turma a participação é muito boa. São muito atentos e colaboradores (PROFESSORA E).

Sempre há famílias muito participativas, que realmente se preocupam com a vida escolar dos filhos e até ajudam a escola. Porém, não são todas. Infelizmente são ainda poucas as famílias que se comprometem fielmente com as dificuldades, avanços e sucessos de seus filhos, mantendo uma parceria com a escola (PROFESSORA F).

Os pais são presentes quando solicitados, ou aparece na escola se o filho reclamar de algum acontecimento. Caso contrário 1 em 100 vem até a escola de livre espontânea vontade para saber do progresso do filho (PROFESSORA G).

Quanto às outras professoras A e G, a primeira disse que assim como há as famílias presentes no início do Ensino Fundamental, outras não. E a professora G, disse que há famílias presentes no início do Ensino Fundamental, mas que de cada 100, somente uma participa conscientemente, e não apenas quando é solicitada a presença.

Uma prática significativa para estabelecer a melhor comunicação entre família e escola é tornar os pais cada vez mais presentes na vida escolar, sempre os convidando para uma visita para que seus filhos (alunos) possam mostrar os avanços na aprendizagem, assim irá despertar sempre o interesse que irá acrescentar positivamente na sua vida acadêmica (FEVORINI, 2009).

Ao se falar da participação na organização da escola, surgem alguns desafios não é apenas dizer para os pais participarem da organização do ambiente escolar, mas sim que a escola proporcione um ambiente para que eles tenham condição de estar participando. É preciso que família e escola trabalhem juntas para que o fruto dessa parceria seja o bem de todos, para um melhor sucesso escolar, ambas devem caminhar juntas visando assim os objetivos sociais educacionais e sociais (DAMKE E GONÇALVES, 2007).

Categoria III EXPECTATIVAS E SUGESTÕES DOS PROFESSORES

Subcategoria I Expectativas dos alunos e dos professores no ingresso ao Ensino Fundamental

Como se pode observar pelas respostas abaixo, todas as professoras possuem expectativas positivas e interessantes diante dos alunos que estão iniciando, como as professoras A, B, C, F e G. Desde alunos amáveis, preparados até com autonomia.

Entretanto, as professoras D e E, sem muitas perspectivas, principalmente porque como relatou à primeira, os alunos não sabem nem o concreto. E para a professora E, eles não possuem base suficiente para ela dar seguimento à alfabetização.

Expectativas pessoais – espero alunos preparados, amáveis, amadurecidos para essa próxima etapa. Expectativas dos alunos – é perceptível a insegurança de alguns; dificuldades – adaptação ao novo, aceitar regras (PROFESSORA A).

Nossas expectativas são as melhores possíveis, já os alunos não os vejo com expectativas diferentes das expectativas que tinham no pré III. Eles ainda chegam imaginando que tudo será como no anterior (PROFESSORA B).

Minha expectativa seria recebê-los mais preparados para dar continuidade no trabalho. Percebo que os alunos não têm grandes expectativas, talvez por falta de conscientização no ano anterior, pensam que podem praticar os mesmos comportamentos e costumes (PROFESSORA C).

A minha expectativa foi a de que as crianças já saberiam pelo menos “o concreto”, e não foi isso que percebi, (chegaram muito soltos e sem limites); eles se mostraram muito “perdidos” no início do ano letivo (PROFESSORA D).

Minha expectativa era receber alunos com base suficiente para a continuidade do processo de alfabetização, associados a um contexto e organização e comportamento apropriado para tal instituição (PROFESSORA E).

Esperamos receber crianças da Educação Infantil, com um desenvolvimento já bem trabalhado como, oralidade, hábitos, regras, etc e já com certo conhecimento de números, letras e escrita (mesmo que em fase bem inicial) não percebo dificuldades para esse novo ambiente, geralmente se adaptam com naturalidade, já que a maioria vem de creches (PROFESSORA F).

Sala de aula com cadeiras grandes, os pés ficam pendurados. Ter atenção e concentração o tempo todo. Trabalha sozinha, levantam constantemente para apontar o lápis, pede para ir ao banheiro o tempo todo, brincam com os materiais escolares. Ações que demonstra que a criança busca manter o controle de sua vida e tentam compartilhar com os colegas. Expectativas: para cumprir o planejamento do 1º ano, estes alunos deveriam conhecer e saberem traçar alfabeto, números até 10, conhecer regras, limites, ter conhecimento do corpo humano, meio ambiente, espaço onde vivem, saber brincar, cantar, jogar e participar de atividades diárias realizadas na escola (PROFESSORA G).

A professora A e G respondeu que os alunos chegam inseguros e com dificuldades. Já as professoras B e C disseram que elas percebem que os alunos não tem perspectiva quanto a ingressarem ao Ensino Fundamental, às vezes por falta de conscientização; ou seja, chegam pensando que poderão realizar o que realizavam no período anterior, e não é assim.

“[...] para algumas crianças como esclarece Moyles (2010, p. 180), “as crianças criam expectativas em relação à escola a partir dos relacionamentos com amigos, irmãos mais velhos e outros membros da família, e talvez não percebem que precisarão se adaptar a uma maneira mais formal de trabalhar.” E tal situação é perigosa para a criança, pois pode lhe causar estresse e fazer com que ela se sinta desmotivada”.

Para a professora D, eles chegam totalmente sem limites.

A transição em estudo fica ainda mais complicada, pois além do choque que a criança pode sentir diante da nova rotina, ainda não possui limites e nem regras, não conseguindo se relacionar de forma respeitosa com o educador, com os colegas ou mesmo com todos os profissionais envolvidos na escola. (CORRÊA, 2011).

Para a professora F, os alunos que chegam não apresentam dificuldades no novo ambiente.

Como o período da Educação Infantil foi uma preparação para o Ensino Fundamental I, a criança deverá não se assustar com o que verá ao que se refere ao ensino aprendizagem desse novo período. Contudo, é uma nova etapa e novidades terão, portanto, a criança deverá logo de início ser muito bem amparada pelo educado. (CHECCONI, 2016).

Subcategoria II Expectativas do professor quanto ao comportamento do aluno ingressante no Ensino Fundamental

Todas as professoras entrevistadas disseram que os alunos que recebem atualmente não correspondem às expectativas em relação ao comportamento, com exceção da G.

Cada professora disse como chegam: agitados (professora A), sem regras e nem limites (B), liberais pela rotina do antigo período (professora C), desorganizados e com falta de respeito (professora E) e imaturos e agitados (professora F).

Quanto às responsabilidades que surgem com a chegada do aluno no 1º ano do Ensino Fundamental se trata do seguimento de regras, princípios e normas apresentadas pela instituição escolar e também a nova rotina pedagógica, a qual ele deve se adaptar, como por exemplo, as atividades de Língua Portuguesa e Matemática já não são tão lúdicas, há mais tarefas, atividades diversificadas quanto ao restante das disciplinas, menos tempo para brincadeiras em sala de aula, o contato com a professora já não é tão pessoal. (CHECCONI, 2016).

Tais comportamentos podem ser devido à educação que o aluno obteve em casa.

Não, pois atualmente as crianças estão muito agitadas, dispersas, sem comprometimento, não aceitam regras (PROFESSORA A).

Não. as crianças muitas vezes não tem regras e nem limites. e infelizmente alguns pais não gostam que os coloquemos em sala (PROFESSORA B).

Não, pois na Educação Infantil eles tem uma rotina mais liberal e conta com o apoio de uma auxiliar de sala, onde são permitidas atitudes que não condizem com o Ensino Fundamental (PROFESSORA C).

Não (PROFESSORA D).

Não. Esperava um melhor comportamento, organização e respeito às regras (PROFESSORA E).

Alguns são ainda muito imaturos quanto às regras e comportamentos, mas nunca esperei receber uma sala que fosse nota 10 em comportamento. Sei que esses alunos mais agitados sempre estarão presentes cada mais nas salas de aula (inclusive alunos com laudos médicos, hiperativos, etc. (a inclusão veio com tudo!) (PROFESSORA F).

Sim, aprendem muitos conceitos na Educação Infantil. Necessário um trabalho constante e aulas preparadas e ministradas. Estamos trabalhando com a coleção ‘educando’ e a equipe toda é responsável e orienta os alunos sobre como conviver em sociedade (PROFESSORA G).

Como foi dito, apenas a professora G, disse que sim, que os alunos que recebe atualmente correspondem às expectativas em relação ao comportamento, pois foi realizado, e é, um trabalho constante e bem preparado pela educadora da Educação Infantil e de agora.

A escola realmente precisa ter um arsenal de infraestrutura e de atividades pedagógicas bem avaliadas para que a educação cumpra aquilo que promete, alcance seus objetivos de forma prazerosa, principalmente em meio a uma transição tão importante para a criança, transição esta que ficará marcada para o resto de sua vida, como um acontecimento bom ou não. Dessa forma, a transição do aluno da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental I deve ser bem elaborada e haver uma junção entre os educadores dos dois períodos, junto à família da criança, para que o momento seja de total enriquecimento quanto a tudo o que envolve o novo período (CHECCONI, 2016).

Subcategoria III Comentário ou sugestão diante da passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

As professoras D e F não responderam.

Nesse momento de transição, devem ser acompanhados de perto, e a participação da família é de suma importância (PROFESSORA A).

Minha sugestão é que os professores de Educação Infantil deem mais ênfase em atividades como recorte e colagem para que os alunos não cheguem tão aquém no Ensino Fundamental (PROFESSORA B).

No último ano da Educação Infantil (especificamente no 2º semestre) deveria desenvolver um trabalho direcionado à adaptação dos alunos para o 1º ano do Ensino Fundamental em relação ao comportamento, limites, autonomia e também em práticas pedagógicas que muitas vezes deixam a desejar (ex: recorte, colagem, manuseio de materiais, etc.) (PROFESSORA C).

(Não respondeu) (PROFESSORA D).

É necessário trabalhar mais a autonomia da criança, sem dissociar do real, das regras e necessidade de respeitá-la. Um excelente e produtivo trabalho pode ser realizado com turmas menos cheias no primeiro ano, a qualidade seria outra! (PROFESSORA E).

(Não respondeu) (PROFESSORA F).

Problemas de comportamento em crianças têm como raiz conflitos familiares, vem degradando a educação no nosso país. As normas da disciplina são construídas pelas próprias crianças. Os professores no início do 1º ano tem que ter sensibilidade e preparar aulas criativas para receber os alunos, nunca deixe que a criança que mora dentro de você morra. Professor tem que despertar a criança, o aprendizado acontece (PROFESSORA G).

A professora A, disse que a família deve acompanhar a transição de seu filho, pois ela é uma instituição demasiadamente importante.

As professoras B e C responderam que os professores de Educação Infantil devem enfatizar atividades mais preparatórias quanto à chegada do Ensino Fundamental I, além de desenvolver um trabalho voltado à adaptação do período. Dentre essas atividades, recortes, colagem, dentre outros.

A partir de recortes de jornais e revistas, pesquisas, filmes, músicas, desenhos animados, notícias televisivas, dentre outros, os professores podem levantar discussões acerca do tema, com o intuito de criar um ambiente de respeito ao próximo, considerando que todos os envolvidos no processo educativo devem participar e se engajar nessa ação. E muito além das discussões e momentos de reflexão, os professores devem propor soluções e análises críticas acerca dos problemas, a fim de que os alunos se percebam capacitados para agir como cidadãos, desde mais tenra idade (PEREIRA, 2011).

Já a professora E disse que o educador deve trabalhar a autonomia do aluno, mas ao mesmo tempo respeitando-o; principalmente com turmas menores.

O educador com quem mantém relação tem o papel de oferecer um relacionamento em que o aluno tenha segurança e se sinta motivado a conhecer seu próprio eu. Cabe ao educador manifestar empenho e respeito com as crianças do início do Ensino Fundamental I, pois só assim elas terão a oportunidade de construir seu autoconhecimento” (MIELNIK, 2004).

E finalmente a professora G, revelou que problemas de comportamento tem como fundamento, a família.

Atualmente, a escola reclama, pois o que se vê é a família transferindo a educação e total responsabilidade para com seus filhos à instituição escolar, como se esta fosse capaz de educá-los sozinha. Esta ação dos pais descaracteriza e distorce a verdadeira função da escola, que é a de levar conhecimentos aos alunos e não de educá-los (MUSZKAT, 2003).

E os professores do 1º ano do Ensino Fundamental deverão ter mais criatividade para prepararem atividades que leva a criança a ser criança, pois somente assim o aprendizado acontecerá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, sendo Referencial Teórico e pesquisa de campo realizada com 05 (cinco) professoras atuantes na Educação Infantil e 07 (sete) professoras atuantes no Ensino Fundamental em escolas da rede municipal, estadual, e também particular do município de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.

Viu-se no Referencial Teórico que, a primeira instituição, a qual a criança vivencia suas experiências, descobertas e medos é a família. Assim, por isso, que é a base da primeira infância e é justamente nessa fase que a criança se encontra na Educação Infantil.

Portanto, como se pode verificar, é na família, desde a mais tenra idade, que a criança obtém valores, virtudes, autonomia, maturidade, disciplina, limites e regras; enfim o lar é a primeira escola e os pais são os primeiros professores.

Ao chegar à Educação Infantil a criança conhece um mundo novo, se assusta, tudo é diferente, novidade. E aí se ela não tiver em seu interior o senso do limite, das regras, o professor não terá muito o que fazer quanto ao seu trabalho diário; o trabalho com a organização pedagógica da Educação Infantil será comprometido e a rotina, a qual apresenta uma sequência de ações práticas e atividades diárias serão atropeladas.

Além disso, a criança ao chegar à Educação Infantil ainda está presa ao ambiente de sua casa, sentindo-se confusa por estar com outras crianças e com pessoas com as quais não possui intimidade. Assim, na faixa etária da Educação Infantil a criança ainda não possui autonomia, carece se socializar, se desenvolver mais, precisa começar a aprender sobre muitos outros fatos, a se preparar para o mundo. E a Educação Infantil, quando bem trabalhada, oferece exatamente toda essa necessidade à criança que nela está.

Portanto, a Educação Infantil possui uma importância muito grandiosa para a criança na passagem desse período para o Ensino Fundamental I. Esse período é a chave mestra para que a criança se enriqueça de motivação para querer saber sempre mais e mais, sendo que é por meio da professora da Educação Infantil; diante de sua função instrutiva, formadora que o processo se dará, mas também é mediante a família que o comportamento dessa criança será satisfatório perante a sala de aula. É que a escola instrui, mas quem educa é a família. Em meio a essas duas instituições tão essenciais para a criança na primeira infância é que o desenvolvimento sócio moral construído na Educação Infantil influencia no desempenho da criança no 1º ano do Ensino Fundamental.

A Educação Infantil é um chamado para que a criança perceba tudo que está a sua volta, tudo de que necessita para o seu futuro e tudo de que precisa adquirir para se desenvolver de forma biológica, psicológica e social. Apesar de ser o início de toda uma formação pedagógica, a Educação Infantil é a base para que a criança tenha um desenvolvimento global sábio, uma aprendizagem futura de qualidade e uma transição para o Ensino Fundamental I de forma mais calma, amadurecida, enfim sem muitos sustos perante o que a espera.

Viu-se, que apesar da Educação Infantil oferecer somente benefícios às crianças, a educadora deve respeitar o limite e a individualidade de cada uma, pois somente assim, este período tão importante será dotado de elementos significativos e concluído com sucesso, entretanto a família deve estar junto a esse processo, acompanhando e motivando-as para que se adaptem ao ingressarem no Ensino Fundamental I.

E tudo o que foi concluído no Referencial Teórico pode ser comprovado na prática quando as autoras do presente trabalho realizaram a pesquisa com as professoras e assim a problematização pôde ser respondida: Há de se ter junção família/escola em prol de uma transição de qualidade do aluno da Educação Infantil para o primeiro ano (1º ano) do Ensino Fundamental I.

Foram unânimes as respostas em afirmarem que a família deve sim participar de todo o caminho escolar da criança, desde quando ela ingressa na Educação Infantil, apesar de que nesse período, as crianças não se chocam tanto, pois quando bem conduzido e trabalhado é uma extensão de seu lar; e principalmente na transição do filho da Educação Infantil para o primeiro ano (1º ano) do Ensino Fundamental I. Essa junção faz toda a diferença, desde a criança ter um bom comportamento em sala de aula juntamente com os colegas e uma relação de afetividade com o professor; até no progresso de seu desenvolvimento global e um processo de aprendizagem de qualidade.

Entretanto, também a maioria das entrevistadas disse, que infelizmente as famílias têm ficado ausentes de todo esse caminhar; fazendo com que as crianças cheguem ao Ensino Fundamental I sem limites, sem autonomia, sem valores e virtudes, enfim de forma que a professora do novo período fique sem perspectiva, sem motivação para conduzir um bom trabalho, pois às vezes essas crianças apresentam atos de agressividade e até de escassez de controle.

Assim, pôde-se averiguar por meio de tamanha riqueza em pesquisas de variadas obras e em entrevistas com educadoras com uma imensa bagagem cultural e experiência, que a junção família/escola é o diferencial para uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

ANJOS, Hildete Pereira dos; ANDRADE, Emmanuele Pereira e PEREIRA, Mirian Rosa. **A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782009000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 set. 2017.

ANTUNES, Celso. **Como trazer os pais à escola?**2015. Disponível em: <<http://www.celsoantunes.com.br/como-trazer-os-pais-a-escola/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

AQUINO, JulioGroppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BARBOSA, Adriana Modesto B. **A afetividade, família e escola as relações e as contribuições para o êxito escolar dos alunos**. 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/afetividade-familia-e-escola-as-relacoes-e-as-contribuicoes-para-o-exito-escolar-dos-alunos/53440/>>. Acesso em: 04 out. 2017.

BARBOSA, Maria Carmem Silvia. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2006.

BASSEDAS, E. et. al. **Aprender e Ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005.

BATISTA, João. **A importância da família para os filhos**. 2017. Disponível em: <<https://mundomulheres.com/a-importancia-da-familia-para-os-filhos/>>. Acesso em: 12 out. 2017.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo; Harbra, 1991.

BERRY, T. M. **O sonho da Terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi e ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. **Código Civil. Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 27 out. 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 set. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009a.** Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/media/areas/gapp/arquivos/resolucao_05_2009_cne.pdf>. Acesso em: 05 set. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CEB nº 20/2009b.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3748-parecer-dcnei-nov-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 set. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.1.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Dúvidas mais frequentes sobre Educação Infantil.** 2013. Disponível em: <<http://nepiec.com.br/Duvidas%20mais%20frequentes%20relacao%20Educacao%20Infantil.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

CALAFIORI, Luiz Ferreira. **São Sebastião do Paraíso: História e Tradições.** 3.ed. São Sebastião do Paraíso: gráfica São Luiz, 1986.

CAMPOS, Rosânia e DIAS, Edilamar Borges. **Sob o olhar das crianças: o processo de transição escolar da educação infantil para o ensino fundamental na contemporaneidade,** 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217666812015000300635&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 dez. 2017.

CASASANTA, M. **Criança e literatura.** Belo Horizonte: Vega, 2008.

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários.** 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHECCONI, Fabiana Fiorim. **A Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a criança no foco das investigações.** 2016. Disponível em: <www.uniara.com.br/arquivos/file/cursos/mestrado/processos-ensino-gestao-inovacao/dissertacoes/2016/fabiana-fiorim-checconi.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

CLEMENTE, C. **Educação em tempo integral: segredo de qualidade.** Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/28Artigo3.pdf>> Acesso em: 30 out. 2017.

CONTE, S. **Bastidores de uma Escola.** Gente, 2009.

CORRÊA, M. R. T. **Período Integral: Tranquilidade para os pais, aprendizado para os filhos.** 2011. Disponível em: <<http://www.renovatus.com.br/index.php/periodo-integral-tranquilidade-para-os-pais-aprendizado-para-os-filhos/>> Acesso em: 30 set. 2017.

CRAIDY; Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto alegre: Artmed, 2006.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** 3.ed. São Paulo: Vetor, 2001.

DAMKE, A. S.e GONÇALVES, J. P. **Família-escola: uma relação de expectativas e conflitos.** 2007. Disponível

em:<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-271-08.pdf>.

Acesso em: 31 maio. 2017.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **Da Leitura Literária na Educação Infantil.** 2006. Disponível em: <<http://livcultura.com.br>>. Acesso em: 01 out. 2017.

DEMO, P. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa.** Petrópolis: Vozes, 2000.

DESLANDES, S. F. **Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço.** 1994. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500013> Acesso em: 22 set. 2017.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias.** 6. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

DIAS, Marli Mendes. **O lugar da afetividade no cotidiano escolar.** São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opinião.php?>. Acesso em: 25 ago. 2017.

DICIONÁRIO ON LINE. **Expectativa.** 2015. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/expectativa/>>. Acesso em: 02 out. 2010.

DICIONÁRIO ON LINE MICHAELIS. **Hierarquia.** 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/hierarquia/>> Acesso em: 27 dez. 2017.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Fundamentos da educação pré-escolar.** São Paulo : Ática, 2010.

DUTRA, Cátia Cilene Moraes. **A construção do conhecimento lógico-matemático na educação infantil: Reflexões sobre a prática em sala de aula.**2005 Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1517/Dutra_Catia_Cilene_Morais.pdf?sequenc e=1> Acesso em: 27 dez. 2017.

ELKIND, David. **Estimule seu filho a vontade de aprender.** São Paulo: Maltese, 1992.

FAUSTO-NETO, A. M. Q. **Família operária e reprodução da força de trabalho.** Petrópolis: Vozes, 1982.

FEVORINI, L. B. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório**. 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22022010-104135/pt-br.php>>. Acesso em: 31 maio. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2014.

HÜPPES, Maria Cristina. **Literatura infantil: história e situação atual**. 2006. Disponível em: <<http://www.unifebe.edu.br/divulgacao/discente06.doc>>. Acesso em: 20 set. 2017.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

KRAMER, Sonia. **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

LADD, Gary H. **Transições escolares/prontidão escolar: um resultado do desenvolvimento na primeira infância**. 2012. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/transicao-escolar/segundo-especialistas/transicoes-escolaresprontidao-escolar-um-resultado-do>>. Acesso em: 30 out. 2017.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva e TASSONI, Elvira C. M. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor**. 2001. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira e BAPTISTA, Mônica Correia e MONTEIRO, Sara Mourão. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**. 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4845-a-crianca-6anos-a-linguagem&Itemid=30192>. Acesso em: 10 set. 2017.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papyrus, 2003.

MARQUES, Ramiro. **O livro das virtudes de sempre**. São Paulo: Asa, 2008.

MARTINS, F. **A importância da educação em tempo integral no contexto social e político do Estado do Rio de Janeiro**. 2012. Disponível em: <<http://fatimapedagogiaemusica.com.br/2012/06/importancia-da-educacao-em-tempo.html>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

MARTURANO, Edna Maria. **A criança, a família, a escola e a transição para o Ensino Fundamental**. 2015. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=2264>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MARTURANO, E. M. **A criança, a família e a aprendizagem escolar**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

MELLO, A. C. C. de. **Kit respeitar: enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: criar respeitando: guia para pais e responsáveis.** São Paulo: Fundação Orsa: SEADS: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

MENDES, E. G. **Desafios Atuais na Formação do Professor de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, v. 24, 2002.

META. **Educação Infantil.** 2017. Disponível em: <http://www.meta.edu.br/escola_ensino/educacao-infantil/>. Acesso em: 20 out. 2017.

MIELNIK, Isaac. **A criança na escola; higiene mental da criança escolar.** 3ª edição. São Paulo: Edart. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORENO, G. L. **A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos: estudo de caso em duas instituições de ensino da cidade de londrina.** 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21012013-162404/pt-br.ph.p>>. Acesso em: 31 maio. 2017.

MOYLES, Janet. **Fundamentos da educação infantil: enfrentando o desafio.** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOTTA, F. M. N. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental.** Rio de Janeiro, 2010. Tese (doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MUSZKAT, M. E. **Mediação de conflitos: pacificando e prevenindo a violência.** São Paulo: Summus, 2003.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de e CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas.** 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a08.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2017.

NUNES, Patrícia de Moraes. **As dificuldades da alfabetização nas séries iniciais: será um problema de método?** 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/as-dificuldades-da-alfabetizacao-nas-series-iniciais-sera-um-problema-de-metodo/>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

OLIVEIRA, V. M. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de; MARANHÃO, Damaris; ABBUD, Ieda; ZURAWSKI, Maria Paula; FERREIRA, Marisa Vasconcelos e AUGUSTO, Silvana. **O trabalho do professor na Educação Infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

PAGOTTO, Fábio. **Ética e cidadania.** São Paulo: Victor Civita, 2003. V. 8.

PEREIRA, J. B. **A violência e a criminalidade no ambiente escolar**. 2011. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/20627>>. Acesso em: 30 out. 2017.

PEREIRA, P. C. e WILLIAMS, L. C. de A. **A concepção de educadores sobre violência doméstica e desempenho escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a10.pdf>> Acesso em: 29 set. 2017.

PIMENTEL, R. L. **Entrevistas: filhos em período integral na escola**. 2012. Disponível em: <<http://www.robetapimentel.com.br/category/entrevistaspage/2>> Acesso em: 18 set. 2017

RANGEL, Paulo. **De quem é o dever de educar?** In: Jornal O Globo, 12 de julho. Rio de Janeiro, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 2003.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**. São Paulo: 13. ed. Cortez, 2003.

SALLES, Fátima e FARIA, Vitória. **Currículo na Educação Infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

SANTO, Joana Maria Di. **Família e escola: uma relação de ajuda**. 2007. Disponível em: <<<http://www.centrorefeducacional.com.br/famiescola.htm>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SCHMAH, Esther García. **Valores: Dossier temático dirigido às Escolas**. 2010. Disponível em: <http://www.meninosrabinos.com/Escola/files/Dossier_tematico_escolas_cm_palmela.pdf> f.> Acesso em: 12 out. 2017.

SERRANO, Glória Pérez. **Educação em valores: como educar para a democracia**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOARES, L. T. **O desastre social**. Rio de Janeiro, Record, 2006.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: Agora Chega!** Porto Alegre; Artmed 2010.

TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. e MARTURANO, E. M. **Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série**. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000300015>. Acesso em: 08 nov. 2017.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1994.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1979.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo : Ática, 2000.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA – PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

1. Qual a sua formação e há quanto tempo atua na Educação Infantil ?
2. Já lecionou em outras séries e outras escolas seja pública ou particular?
3. No ano atual que você está lecionando crianças de (5anos), qual a principal dificuldade que as crianças têm em relação ao comportamento?
4. Em sua prática pedagógica, qual a dificuldade encontrada? Em relação aos pais, você encontra participação por parte dos mesmos na vida escolar do aluno?
5. Você acha que os alunos que saem do prédej (5 anos) estão preparados para serem recebidos no Ensino Fundamental? Por quê?
6. Você costuma preparar seus alunos para o Ensino Fundamental? A partir de que momento faz essa preparação? Explique.
7. As famílias estão envolvidas nessa passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental?
8. Quais são as suas expectativas para seus alunos de (5 anos) que vão para o 1º ano Ensino Fundamental e quais expectativas você percebe neles ?
9. Os alunos que você recebe atualmente correspondem às suas expectativas em relação ao comportamento?
10. Você acha que a quantidade de alunos, influencia no comportamento e na passagem da educação infantil para o ensino fundamental?
11. Se quiser, acrescente algum comentário ou sugestão, como contribuição à nossa pesquisa em relação à passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

APÊNDICE B - ENTREVISTA – PROFESSORA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação e há quanto tempo atua no Ensino Fundamental ?
2. Já lecionou em outras séries e outras escolas seja pública ou particular?
3. No ano atual que você está lecionando crianças de (5/6 anos), como essas crianças estão chegando ao ensino fundamental em relação ao comportamento?
4. Em sua prática pedagógica, qual a dificuldade encontrada? Em relação aos pais, você encontra participação por parte dos mesmos na vida escolar do aluno?
5. Você acha que os alunos que saem do pré de (5anos), estão preparados para ingressarem no Ensino Fundamental?
6. No 1º ano do Ensino Fundamental o material didático usado condiz com o que o aluno traz consigo do que aprendeu na Educação Infantil? Por quê?
7. Como está a participação da família nesse novo período que se inicia na vida da criança no Ensino Fundamental?
8. Quais são as suas expectativas em receber os alunos da Educação Infantil e quais expectativas você percebe neles e dificuldades deles nesse novo ambiente?
9. Os alunos que você recebe atualmente correspondem às suas expectativas em relação ao comportamento?
10. Você acha que a quantidade de alunos, influencia no comportamento na passagem da educação infantil para o ensino fundamental?
11. Se quiser, acrescente algum comentário ou sugestão, como contribuição à nossa pesquisa em relação à passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

ANEXO A**CARTA DE ENVIO DE PROJETO DE PESQUISA PARA ANÁLISE JUNTO AO NIP
-FACULDADE CALAFIORI**

18/05/2017 São Sebastião do Paraíso

A Profa**- Coordenador(a) do NIP- Calafiori**

Caro (a) coordenador(a),

Encaminhamos para sua apreciação toda a documentação necessária referente ao processo de análise pelo NIP- CALAFIORI, conforme o projeto de pesquisa a saber:

TÍTULO DO PROJETO: A EXPECTATIVA DOS PROFESSORES E DOS ALUNOS: a transição da criança da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental.

ORIENTADOR: Profª Mª. Adriana Regina Silva Leite

PESQUISADORAS: Daniela Aparecida Perlotti e Fernanda de Fátima Carina

LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA: escolas públicas e privadas.

ENDEREÇO DA INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO PRINCIPAL ACADÊMICO:

- Faculdade Calafiori

Rua José Pio de Oliveira, nº 10, Jardim Cidade Industrial, São Sebastião do Paraíso

- MG

Atenciosamente,

Orientadora: Profª Mª. Adriana Regina Silva Leite

RG: 23006951-4/ CPF:15812069840

Telefone(35)999148049

E-mail: adrianareginaleite@yahoo.com.br

Pesquisadora: Daniela Aparecida Perlotti

RG: 42.516.238-2 SP/SSP/ CPF: 359.851.318-66

Telefone: (35) 3531-1437/ (35) 98469-5729

E-mail: daniperlotti75@gmail.com

Pesquisadora: Fernanda de Fátima Carina

RG: MG- 17.381.808 / CPF: 120.472.066-50

Telefone: (35) 3558-1244 / (35) 99174-4726

E-mail: feercarina@gmail.com

ANEXO B**TERMO DE PARTICIPAÇÃO E DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convido você para participar de uma pesquisa científica intitulada “A EXPECTATIVA DOS PROFESSORES E DOS ALUNOS: a transição da criança da Educação Infantil para o 1º do Ensino Fundamental ”.

Esta pesquisa será realizada na (o) escolas públicas e particulares com o objetivo de: Entender como ocorre o desenvolvimento sócio moral na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, e como a apreensão desses valores influenciam na relação professor/aluno.

Este projeto é orientado pelo (a) professor (a): M^a Adriana Regina Silva Leite.

Vinculado à Faculdade Calafiori, da cidade de São Sebastião do Paraíso, MG. Para participar desta pesquisa você somente necessita assinar o presente termo e responder a uma entrevista. Colocamos ainda que seu nome não será divulgado em momento nenhum da pesquisa e nem no processo de divulgação dos resultados finais.

Durante o andamento da pesquisa, você tem total liberdade para esclarecer dúvidas sobre o presente projeto com o orientador da pesquisa através dos telefones: (35) 3558-6261/ 3558-6995 ou por e-mail: nip@calafiori.edu.br. Além disto poderá estar indo até a Faculdade Calafiori, localizada no seguinte endereço: Av. José Pio de Oliveira, nº 10, Jardim Cidade Industrial, na cidade de São Sebastião do Paraíso, MG.

Caso tenha dúvidas sobre esse acordo ou alguma questão que não tenha sido resolvida, você ainda poderá entrar em contato com a Comissão de Ética da Faculdade Calafioripelos telefone (35) 3558 6261 ou pelo email: nip@calafiori.edu.br.

ACEITO PARTICIPAR DA PRESENTE PESQUISA:

| |
|---------------------|
| Nome: |
| Data: |
| Cidade: |
| Email: |
| Assinatura: |
| Pesquisador: |

ANEXO C



FACULDADE CALAFIORI
 AV JOSÉ PIO DE OLIVEIRA Nº 10
 JARDIM CIDADE INDUSTRIAL CEP: 3795000
 SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG
 TEL.: (035) 3558-6261/3558-6995
 www.calafiori.edu.br

PARECERDO NIP- CALAFIORI

NÚMERO DESTE PROTOCOLO: 01/2017

Protocolo de Pesquisa referente ao Projeto n° 05/2017

Título do Projeto de Pesquisa: A EXPECTATIVA DOS PROFESSORES E DOS ALUNOS: o comportamento da criança na passagem da educação infantil para o 1º ano do ensino fundamental

Nome do Pesquisador Orientador: ProfªMª. Adriana Regina Silva Leite.

Nome da (s) Orientada (s): Daniela Aparecida Perlotti e Fernanda de Fátima Carina.

O projeto tem tema pertinente e que contribui para a ciência no específico assunto.

O estudo tem como objetivo geral :

Entender como ocorre o desenvolvimento sócio moral na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, e como apreensão desses valores influenciam na relação professor/aluno.

E como objetivos específicos :

- * Verificar mudanças na prática escolar, decorrentes de transformações sociais/comportamentais.
- * Estudar as dificuldades de comportamento existentes no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental I.
- * Pesquisar a influência dos pais na educação e nas relações das crianças como o professor em sala de aula.

Aprovado.

Data: 19, 05, 2017

 Pedro Lúcio Bonifácio
 Presidente do NIP- CALAFIORI